



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Renata Ouriques Quint

Confluir da infância no tempo da urbanização: um mergulho no rio da memória

Florianópolis, SC

2025

Renata Ouriques Quint

Confluir da infância no tempo da urbanização: um mergulho no rio da memória

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de pesquisa Educação e Infância.

Orientadora: Prof.a Dra. Luciane Maria Schindwein,
Coorientadora: Prof.a Dra Andrize Ramires Costa.

Florianópolis, SC

2025

Quint, Renata Ouriques

Confluir da infância no tempo da urbanização : Um mergulho no rio da memória / Renata Ouriques Quint ; orientador, Luciane Maria Schlindwein, coorientador, Andrize Ramires Costa, 2025.

140 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Infância. 3. Memória. 4. Natureza. 5. Urbanização. I. Schlindwein, Luciane Maria. II. Costa, Andrize Ramires. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Renata Ouriques Quint

Confluir da infância no tempo da urbanização: um mergulho no rio da memória

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 17 de setembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Degelane Córdova Duarte, Dra.
Instituto Federal Catarinense – IFC

Profa Francine Costa de Bom, Dra.
Comune di Vercelli, Itália

Prof. Paulo Ricardo do Canto Capela, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Educação.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSC

Profa. Luciane Maria Schlindwein, Dra – PPGE/UFSC
Orientadora

Florianópolis, S.C - 2025

Dedico este trabalho às crianças que foram e continuam sendo o horizonte e a motivação primeira.

AGRADECIMENTOS

Aos que caminharam comigo, direta ou indiretamente, minha gratidão profunda.

À Wanessa, amiga presente e parceira por me provocar a me imaginar aqui há exatamente dois anos atrás.

Ao Fernando companheiro de caminhada, à Sofia, ao Luka, Mateus e Manuela, amores da minha vida, por participarem intensamente da minha rotina, pelos cuidados, atenção, paciência e apoio quando mais precisei.

Aos meus pais Ricardo e Ivete e às manas Fernanda, Izabela e Juliana pela vida, amor e por fazerem parte da minha formação.

Às minhas cunhadinhas Lili, Teca e Lucinha pelo olhar atencioso, acolhedor, pelas trocas e incentivo.

Às amigas da vida Mariella, Vanessa, Patrícia, Manuela e Simone, por estarem sempre ao meu lado.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade, à Prefeitura Municipal de Florianópolis pelo direito a licença aperfeiçoamento, sem isso seria impossível ter vivido o mestrado intensamente e ao NEIM Fermínio Francisco Vieira por ter sido a ponte que me conectou com o desejo da pesquisa.

Às professoras Luciane e Andrize por fazerem parte desse processo que me constituiu pesquisadora. E ao grupo de pesquisa GECRIARP em especial à Jackeline, Rúbia, Olívia, Daniele, Emília, Maria Eduarda, Manuella, Sil Minduá, Jussara, Waldimir e professoras Roselane e Larissa, com quem tanto aprendi.

Às professoras do mestrado Diana, Simone, Márcia, Rosalba e o professor Fleury com quem tive a oportunidade de percorrer novos caminhos e desvelar saberes.

Aos moradores do Córrego Grande, que me acolheram com suas memórias e histórias de vida; cada relato ampliou meu olhar, aprofundou minha escuta e foi essencial para minha constituição enquanto pesquisadora.

À Simoni, Jackeline, Rúbia, Priscila, Lilia, Teca e Nanda pela ajuda técnica que me permitiu um amadurecimento na escrita acadêmica e organização pessoal.

Às amigas Paulinha, Mirte, Lucilene e Zélia, e aos amigos Arthur e Rafael pela escuta e dicas preciosas.

Às amigas que o mestrado me presenteou Maristela, Kátia, Scheila, pelas trocas que me fortaleceram e me trouxeram segurança.

À equipe do PPGE/UFSC, Alexandre, Felipe e Matheus, pela prontidão em todas as questões burocráticas.

À Trup da Alegria e ao nosso querido professor Diego que tanto nos motiva, sensibiliza e ensina.

Ao Grupo de Estudos Independentes de Educação Física na Educação Infantil pelas trocas e aprendizados ao longo dos anos.

Esta caminhada foi repleta de pontes e conexões, deixando marcas significativas em minha trajetória. Reconheço a importância e dedico a todas as pessoas minha sincera gratidão.

Se o mundo atual é fruto de uma construção histórica e que se mantém à custa de mecanismos ideológicos de reprodução social, então é possível crer na possibilidade de se alterar o rumo e a regra das coisas.

Philippe Pomier Layrargues, 2014.

RESUMO

Florianópolis, uma cidade com forte apelo turístico, tem sofrido as consequências da especulação imobiliária muito agravada nas últimas décadas. As transformações, resultado deste movimento desordenado, desmatam, poluem, mudando as paisagens urbanas. As novas gerações, que se constituem em meio a estes novos horizontes, forjados no concreto, pouco conhecem sobre a natureza de outrora. As crianças se constituem em novas realidades sociais e culturais, praticamente em um “quintal de obras”. Foi neste contexto que foi-se delineando o problema desta pesquisa: investigar as memórias de infância junto aos moradores do bairro Córrego Grande, Florianópolis, Santa Catarina. Para tanto, foram entrevistados moradores de diferentes momentos geracionais, dispostos a compartilharem suas experiências de vida. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas, com doze moradores do bairro. As experiências vividas em tempos distintos possibilitaram um mapeamento histórico do processo de urbanização do bairro. As análises centraram-se na relação criança-natureza, identificando como ela foi percebida e vivenciada durante a infância. Infâncias vivenciadas em diferentes momentos históricos, expressando, pela memória do vivido, brincadeiras e jogos que expõe as bruscas transformações ocorridas no bairro em tão pouco tempo (a pensar cronologicamente). O eixo teórico e metodológico da pesquisa apoiou-se, sobretudo, nos aportes da Teoria Histórico-Cultural de Liev Semiónovitch Vigotski (1896-1934). A relevância deste estudo se justifica por sua base histórica e dialética, na qual a contradição se configura, sobretudo, pelo crescente distanciamento do homem da natureza, consequência direta da urbanização e da exploração intensiva dos recursos naturais. A pesquisa revela que a infância vivida em meio a engenhos, hortas, rios e em uma vizinhança solidária, construiu um tecido comunitário resistente. As transformações impostas pela urbanização indicam que, se por um lado, foram garantidas algumas condições de infraestrutura, serviços e novas oportunidades, por outro, foram perdidas áreas verdes. Destaca-se, também, o enfraquecimento dos laços comunitários, a insegurança no ir e vir dos moradores e o avanço da especulação imobiliária. Neste contexto de mudanças tão contundentes, compreender as brincadeiras e jogos infantis a partir das memórias coletadas possibilitou o acesso a um retrato sensível das relações estabelecidas entre as crianças e a natureza, em diferentes momentos históricos.

Palavras-chave: Infância; Memória; Natureza; Urbanização; “Córrego Grande”

ABSTRACT

Florianópolis, a city with strong tourist appeal, has suffered the consequences of real estate speculation, which has worsened significantly in recent decades. The transformations resulting from this disorderly movement deforest, pollute, and change urban landscapes. The new generations, which are growing up amid these new horizons forged in concrete, know little about the nature of yesteryear. Children are growing up in new social and cultural realities, practically in a "construction yard." It was in this context that the problem of this research was outlined: to investigate the childhood memories of residents of the Córrego Grande neighborhood in Florianópolis, Santa Catarina. To achieve this goal, residents from different generations who were willing to share their life experiences were interviewed. The data were produced from semi-structured interviews with twelve residents of the neighborhood. The experiences lived in different times enabled a historical mapping of the neighborhood's urbanization process. The analyses focused on the child-nature relationship, identifying how it was perceived and experienced during childhood. Childhoods experienced at different historical moments, expressing, through the memory of what was lived, games and play that expose the sudden transformations that occurred in the neighborhood in such a short time (thinking chronologically). The theoretical and methodological axis of the research was based, above all, on the contributions of the Historical-Cultural Theory of Liev Semiónovitch Vigotski (1896-1934). The relevance of this study is justified by its historical and dialectical basis, in which the contradiction is configured, above all, by the growing distance between man and nature, a direct consequence of urbanization and the intensive exploitation of natural resources. The research reveals that childhood lived amid mills, vegetable gardens, rivers, and a supportive neighborhood built a resilient community fabric. The transformations imposed by urbanization indicate that, while on the one hand, some infrastructure conditions, services, and new opportunities were guaranteed, on the other hand, green areas were lost. Also noteworthy is the weakening of community ties, the insecurity of residents' comings and goings, and the advance of real estate speculation. In this context of such dramatic changes, understanding children's games and play based on the memories collected has provided access to a sensitive portrait of the relationships established between children and nature at different moments in history.

Keywords: Childhood; Memory; Nature; Urbanization; "Córrego Grande".

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Imagem aproximada da localização da moradia dos depoentes no bairro Córrego Grande..... | 61 |
| Figura 2 - Registro Fotográfico da Casa Escola do Córrego..... | 73 |
| Figura 3 - Imagem das lavadeiras do Córrego..... | 75 |
| Figura 4 - Imagem de 2023 do parque linear..... | 81 |
| Figura 5 - Imagem registrada por satélite do bairro Córrego Grande em 2022..... | 83 |
| Figura 6 - Imagem registrada no dia da entrevista da Bruna..... | 99 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Conjuntos de Palavras-chave eleitas e os resultados obtidos no <i>site</i> da CAPES e BDTD..... | 33 |
| Quadro 2 – Dissertações reunidas na CAPES e na BDTD/ibict em 2024.2..... | 34 |
| Quadro 3 – Teses reunidas na CAPES e na BDTD/ibict em 2024.2..... | 36 |
| Quadro 4 – Perfil dos participantes da pesquisa..... | 60 |
| Quadro 5 – Número de entrevistados por grupo..... | 66 |
| Quadro 6 – Eixos de Análise..... | 66 |
| Quadro 7 – Lista das brincadeiras lembradas..... | 101 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ACT | Admissão de Professores em Caráter Temporário |
| AMJA | Associação de Moradores do Jardim Albatroz |
| AMOSC | Associação de Moradores do Sertão do Córrego Grande |
| APPs | Áreas de Preservação Permanente |
| BC | Biblioteca Central |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| BN | Biblioteca Nacional |
| BU | Biblioteca Universitária |
| CAAE | Certificado de Apresentação de Apreciação Ética. |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CASAN | Companhia Catarinense de Águas e Saneamento |
| CCN | Catálogo Coletivo Nacional |
| CEPSH | Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos |
| CNS | Conselho Nacional de Saúde |
| COMCAP | Autarquia de Melhoramentos da Capital |
| DCNEI | Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil |
| FIPE | Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas |
| FLORAM | Fundação Municipal do Meio Ambiente |
| GECRIARP | Grupo de Pesquisa e Estudos Vigotskiano, Arte, Infância e formação de Professores |
| GEIEFEI | Grupo de Estudos Independentes da Educação Física na Educação Infantil |
| IBAMA | Instituto Brasileiro do Meio Ambiente |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPCA | Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo |
| IPUF | Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Florianópolis |
| LIEPE | Laboratório de Investigação em Estado, Poder e Educação |
| MEC | Ministério da Educação |
| MPF | Ministério Público Federal |
| NEIM | Núcleo de Educação Infantil Municipal |
| ONG | Organização Não Governamental |
| OUCs | Operações Urbanas Consorciadas |

| | |
|------|---|
| PMF | Prefeitura Municipal de Florianópolis |
| PPGE | Programa de Pós-graduação em Educação |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| RMEF | Rede Municipal de Ensino de Florianópolis |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| APRESENTAÇÃO | 16 |
| 1. A NASCENTE - INTRODUÇÃO | 26 |
| 2. OS AFLUENTES - LEVANTAMENTO DE PRODUÇÃO | 32 |
| 3. O LEITO DO RIO - REFERENCIAIS TEÓRICOS..... | 40 |
| 3.1 A BRINCADEIRA NA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL | 50 |
| 4. INSTRUMENTO DE NAVEGAÇÃO – DESCRIÇÃO DO CAMINHO | 56 |
| 4.1 AMOSTRA | 59 |
| 4.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA | 62 |
| 4.3 ARMAZENAMENTO DOS DADOS..... | 63 |
| 4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS..... | 64 |
| 5. A FOZ – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA | 65 |
| 5.1 INFÂNCIA E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: TERRITÓRIO, IDENTIDADE E MEMÓRIA | 67 |
| 5.2 CAMPO DE PESQUISA – O CÓRREGO GRANDE | 71 |
| 5.3 A NATUREZA NA MEMÓRIA E NA CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA: O QUE NOS REVELAM OS MORADORES SOBRE O VIVER A INFÂNCIA NO BAIRRO CÓRREGO GRANDE?..... | 86 |
| 5.4 BRINCADEIRAS E JOGOS NAS LEMBRANÇAS DO CÓRREGO GRANDE | 100 |
| 6. ENCONTRO DAS ÁGUAS – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 113 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 120 |
| APÊNDICE A – CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA | 126 |
| APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA | 127 |
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 130 |
| ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP | 133 |

APRESENTAÇÃO

Para iniciar essa escrita, revisitei lugares de luz e de sombra. Recitar momentos vividos não é tarefa simples, pois estão cheios de sentido e significado. Reconheço nos encontros e desencontros com o outro e comigo, processos importantes e fundamentais para a minha formação pessoal e profissional. Hoje sou o que sou por toda experiência que vivi e agradeço as minhas escolhas e as oportunidades do caminho.

Considero-me uma pessoa de boa sorte, nasci na Ilha de Santa Catarina, lugar de praias, mangues, dunas, lagoas, rios e cachoeiras, conhecida também por “Ilha da Magia”, ou Florianópolis. Desde que me entendo por gente, me foi permitido uma relação com a natureza farta e diversificada em um tempo em que ainda se tinha as quatro estações definidas. O que ultimamente é difícil, faz frio e calor em qualquer época, até no mesmo dia! Fenômenos advindos do aquecimento global¹, impulsionados pelo aumento dos gases de efeito estufa, como dióxido de carbono, metano e óxido nitroso, cujos níveis continuam crescendo (Brasil, 2023). Quando criança, adorava estar com minhas avós, as duas moravam na beira do mar, a avó Nina no Abraão e a avó Avelina no Estreito. Escutava meus pais falando de quando a água era própria, eles se banhavam com os amigos e mergulhavam pulando das pedras, curtindo sua infância e adolescência nesses mares, praia do Abraão e praia do Balneário do Estreito. O visual segue encantador, mas na minha época a água já estava imprópria para o banho. E, desde criança, já entendia que meus pais tiveram o que as crianças do meu tempo não tiveram. Mas o sentimento que não sabia manifestar era de incompreensão, indignação, como se eu quisesse cobrar satisfação. Queria saber quem deveria zelar pela herança das crianças recém-chegadas à terra, a uma natureza sadia. Quantas vezes me vejo olhando aquela imensidão azul adoecida e sentindo uma tristeza de criança. Nos dias de hoje, me cobro sobre o que está ao meu alcance.

Olhar para trás e dizer que antigamente era bom ou melhor é algo relativo; depende de quem olha e para o que se olha. Tive uma infância de uma família de classe trabalhadora, meus pais trabalhavam o dia todo e desde bebê fui cuidada por outras pessoas. Filha mais velha de quatro irmãs, logo deixei de ser bebê e fui muito cobrada para ser exemplo para as mais novas.

¹ O Relatório sobre o Estado Global do Clima, divulgado pela Organização Meteorológica Mundial (WMO), em 19 de setembro de 2023, confirma que o ano foi o mais quente já registrado, com temperaturas globais de 1,45°C acima da era pré-industrial. Além disso, o relatório destaca a perda recorde de gelo na Antártida e o aumento significativo do nível do mar devido ao derretimento das geleiras e à expansão da água com o aquecimento dos oceanos. (Brasil, 2023.)

Guardo muitas lembranças. As boas recordações geralmente estão relacionadas às pessoas que amo e à minha relação com a natureza. Das lembranças amargas, ficaram o sentimento de fortalecimento e superação em algumas, enquanto outras permanecem guardadas, esperando o tempo dissolvê-las. Lembro da sensação de segurar um ouriço na palma da mão pela primeira vez, na companhia de minha avó materna; de me surpreender com o tamanho minúsculo do cavalo-marinho que encontrei com minha prima na beira do mar²; e de exercitar o olhar atento para enxergar essas coisas. Sempre me vi curiosa e sensível para enxergar e escutar a natureza. Uma vez andando por uma trilha, ao parar para descansar, fui atrás de um som e encontrei uma lagarta mastigando a folha da planta. Ainda guardo viva a sensação de mergulhar a mão no lodo como se tivesse olhos nas mãos, à procura do berbigão. Sempre com a ajuda e o incentivo da minha avó! Houve um dia em que ela, afoita e com pressa, pediu que trouxéssemos um balde o mais rápido possível, pois havia avistado um peixe grande. Com o balde nas mãos correu para lá, correu para cá e “tchibum”, enfiou o balde na água, e para a nossa surpresa, ela que era filha mais velha de pescador, capturou com um balde de plástico um polvo! Todos ficaram surpresos e eu, encantada. O polvo era lindo e enorme. Foi a primeira vez que eu via esta espécie! E ele ficou grudado no balde. Deixamos que se desgrudasse sozinho e pudesse voltar para a água, até o perdermos de vista.

Sempre gostei de andar descalça na areia da praia, deixando as marcas dos pés na altura certa para a água levar, de me acalmar com o barulhinho da onda quebrando na beira do mar. Nunca gostei de ver passarinho na gaiola, e minha grande frustração de criança era não poder tomar banho de mar nas praias de minhas avós e na Lagoa da Conceição, lugar frequentemente visitado pelos meus primos, mas meus pais não me permitiam banhar por conta da poluição. Ainda hoje, mesmo com as placas informando que a água está imprópria para banho, sempre tem gente que não resiste.

Estudei sempre em escola pública. No Colégio de Aplicação/UFSC tive professores dedicados e que, até hoje, guardo na memória. Foi no museu da UFSC que lembro de ter ido repetidas vezes, que tive o meu primeiro contato com os povos originários, através dos documentários e materialidades expostas. Conheci o historiador Peninha ainda criança, e lembro do meu desejo de ir morar na comunidade indígena e andar sem roupas por aí. Também no colégio vivi momentos marcantes de greve e cresci em um contexto de luta dos profissionais da educação por direitos e valorização, sempre comprometidos para assegurar um ensino

² Praia bonita, mas imprópria para banho. Poucos a conhecem; chama-se Caiacanga Mirim e fica na Base Aérea.

público e de qualidade. Fazer parte dos movimentos de luta quando já estava no ensino médio, hoje me fez reconhecer a importância da consciência de classe, dos princípios e valores que defendo todos os dias no chão da instituição em que trabalho.

Também carrego desse período memórias não tão boas. Eu tinha medo de falar o que pensava, de me expor, de responder quando era questionada, e isso provocava sensações de mal-estar, dor de barriga, ficava muito envergonhada e insegura. De certa maneira, os impactos negativos experimentados me instigaram em meu processo formativo. Sempre busquei na minha carreira docente construir uma relação de parceria e troca, de valorização do saber do outro, de escuta, de assegurar o protagonismo infantil e seus direitos em uma prática de educação inclusiva.

Durante a graduação em Educação Física na UFSC, busquei me dedicar ao máximo a todas as oportunidades de experiência, sempre centrada na licenciatura. Quando tive a oportunidade de participar de um estágio em Fraiburgo, no assentamento da escola Agrícola do Movimento Social dos Sem Terra, em uma proposta interdisciplinar com o curso de pedagogia, mergulhei com toda intencionalidade do meu ser. A oportunidade de conhecer de perto essa organização social me instigou tanto quanto a paixão pela pedagogia e o seu papel transformador na vida da sociedade. Compromissos que carrego guardados na essência do meu ser. Os Professores de estágio dos dois cursos, Dra. Maria Isabel Batista Serrão da Pedagogia, a nossa Bel e o Dr. Paulo Ricardo do Canto Capela da Educação Física, o nosso Capela, ambos tinham uma sintonia e um comprometimento inspirador, o vínculo, a parceria, a troca, o respeito mútuo entre os saberes institucionalizados e a escola popular, e juntos fizemos deste um solo sagrado, literalmente a terra e o chão em que pisávamos passaram a ter mais significado. Tive a oportunidade de ser tocada por saberes que transcendem as instituições e a sala de aula. Com eles, fui me apaixonando cada vez mais pela docência, pelo envolvimento e comprometimento com a comunidade. Passado o estágio, fui convidada pela professora Bel para ser sua monitora na disciplina de Práticas de Ensino Fundamental - Séries Iniciais, onde vivi a oportunidade e a experiência de retornar ao assentamento como auxiliar na orientação dos estagiários. Apesar da distância dos fatos, até hoje, carrego comigo influências preciosas dessa experiência que foi das mais significativas para a minha formação. As pessoas que me são referências muito especiais, carrego comigo no bolso do meu coração. Eleger profissionais que me inspiram na construção do meu fazer docente, faz parte do meu processo de construção do vir a ser. E a esses dois grandiosos mestres, serei eternamente agradecida.

Ainda na faculdade encontrei o Fernando, ele chegou literalmente de bicicleta após viajar do Chuí ao Oiapoque pelo litoral do Brasil e depois que nos juntamos, nossa primeira aventura foi uma viagem de bicicleta e surf no litoral de Portugal, Espanha e sul da França. Depois vieram os frutos.

Em casa, entre 2001 a 2005 a vida nos concedeu quatro filhos. Os sete anos mais intensos da minha vida! Pude observar e aprender, confrontar a teoria com a prática, identificar minhas dificuldades e perceber o desenvolvimento de cada um em seus aspectos biopsicossociais. Também senti que a busca da mãe perfeita era muito árdua, pois estamos constantemente aprendendo com as individualidades de cada um e a demanda foi forte. Nem sempre pai e mãe pensam e agem da mesma maneira e buscar um equilíbrio entre as nossas diferenças foi muito mais complexo do que eu pudesse imaginar. Mais uma vez me vi em processo, muito respaldada pelas minhas experiências de filha, professora, sempre buscando ser o meu melhor enquanto mãe, aprendendo com os erros e acertos, buscando dar conta das minhas obrigações e responsabilidades na formação dos seres que tanto amo nessa vida!

Em 2009, com os filhos nas idades de 8, 6 e 4, iniciei minha docência na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis - RMEF, Admitida em Caráter Temporário (ACT). Quando me vi professora de Educação Física na Educação Infantil. Já tinha uma identificação muito forte com as crianças bem pequenas e uma saudade absurda dos bebês em minha vida. Afinal, foram sete anos consecutivos com bebês em casa. E reconheci ter saído da faculdade sem estar preparada para a experiência da docência. A prática pedagógica exigiu a busca por formações, que somadas às minhas experiências pessoais, ajudaram a me sentir capaz. Desde então, foram muitos os momentos de formação e frustração, porque a realidade no chão da unidade educativa é feita de luz e sombra, assim como nós.

Nas formações da RMEF tive a oportunidade de refletir e aprofundar conhecimentos específicos por grandes mestres da área da Sociologia e História da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, como os professores, Dr. Alexandre Fernandez Vaz e o Dr. Jaison José Bassani. Nesses encontros fomos provocados a pensar e refletir sobre a criança, a infância, as especificidades da área em uma perspectiva de educação crítica e emancipatória. Estudamos Débora Sayão, Walter Benjamin, Adorno, Sarmiento entre outros estudiosos que provocaram reflexões críticas e sensíveis sobre o ensino institucionalizado, o papel do professor, e de ser professora de Educação Física na Educação Infantil. Confesso que esses encontros formativos nutriram meu desejo de um dia poder me dedicar à pesquisa e ao estudo que naquele momento parecia tão distante.

Concomitante à formação obrigatória da RMEF, não posso deixar de lembrar das inúmeras formações que participei por escolha própria, por afinidade ou buscando superar limitações, mas que nessa caminhada conheci e aprendi muito com formadores grandiosos como o professor Dr. Reonaldo Manoel Gonçalves, meu amigo Nado e a professora Dra. Rosinete Valdeci Schmitt, nossa querida Ro. No Grupo de Estudos Independentes da Educação Física na Educação Infantil - GEIEFEI³, foi onde me senti acolhida e amparada desde o início, principalmente com relação às angústias do dia a dia. Estudamos os documentos da rede, produzimos documentos⁴ e nos debruçamos no compromisso de discutir a Educação Física na Educação Infantil em todo o seu contexto. Para além dos estudos, o grupo também se configurava como um lugar terapêutico, onde socializamos nossas incertezas com os mais experientes e seguíamos em frente. As leituras das produções científicas da professora Deborah Sayão legitimaram o rompimento com a estrutura escolarizante que trazíamos das nossas referências de formação, nos aproximando cada vez mais da Pedagogia da Infância. E dessa forma, fui me despidendo de conceitos e condicionamentos advindos da relação com a escola para constituir a minha docência, no dia a dia, na unidade de Educação Infantil, nas trocas com os nossos pares. Tive também que me impor para romper com a conduta de alguns profissionais que, ainda hoje, persistem em práticas autoritárias e desarmônicas no exercício da docência compartilhada. No contexto da Educação Infantil da RMEF, são muitas as pesquisas e documentos que embasam e nos servem de referência, suleiam nossa docência e apontam para um olhar humanizador da educação, em que a criança está no centro do planejamento e, conseqüentemente, da prática pedagógica. Essa estrutura permite inúmeras trocas e aprendizados entre pares. Ao longo da minha história na Rede Municipal de Ensino, guardo com muito carinho as parcerias, e até mesmo os desafetos, nada queridos, mas que tanto me ensinaram.

³ Criado em julho de 2004.

⁴ PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal. Florianópolis: Prefeitura Municipal: Secretaria Municipal de Educação, 2012. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf Acesso: 14 jul. 2023

SILVEIRA, Juliano; DA SILVA, Cecília; LIZ, Luiza Oliveira de; MEDEIROS, Sabrina Vicente de; SCHNEIDER, Catiúscia Francieli de Oliveira; QUINT, Renata Ouriques. Uma proposta para a produção da avaliação de Educação Física na educação infantil: uma experiência a partir da formação continuada. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1–16, 2021. DOI: 10.5007/2175-8042.2021.e80242. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/80242> . Acesso em: 3 out. 2024.

A escuta do que as crianças têm a dizer, o respeito ao lugar e ao tempo da infância, a troca de saberes, esse encantamento quando recíproco é a química que me motiva a acreditar em seguir adiante. Estar com as crianças é tão especial e desafiador quanto estar no mar, meu lugar preferido. Saber aproveitar da melhor maneira as condições de cada momento, é uma troca sempre única e muito especial.

Permaneci como professora ACT, por seis anos, o que oportunizou circular nas diferentes realidades da RMEF, momento de muita riqueza e aprendizado nas distintas comunidades. Pude observar estruturas físicas desiguais e em muitas delas escassez de materiais pedagógicos. Sempre incomodou-me constatar que para diferentes contextos sociais as crianças tinham diferentes estruturas entre materiais pedagógicos e espaços físicos.

Na busca para tentar assegurar o direito da criança de se desenvolver integralmente, sempre busquei recursos naturais como: árvores, trilhas, parques, espaços possíveis nas comunidades para nos conectarmos com a essência da vida, o meio ambiente, e estimular a ampliação do repertório, acolhendo os desafios, a curiosidade, a observação, a experiência das diferentes formas de viver a brincadeira. Poder se aventurar estando em conexão com a natureza, habitar e ser habitado por ela, aprendendo a ser parte integrante desse sistema, dentro ou fora dos espaços físicos das instituições educativas, na busca pela descoberta, por outras formas de vida, me motiva grandemente.

Me tornei professora efetiva da rede municipal de Florianópolis em 2015, atendendo duas unidades. Em 2018 me designei para uma vaga de quarenta horas na unidade em que estou alocada até hoje. Já se passaram sete anos! Cheguei no NEIM Fermínio Francisco Vieira como professora de Educação Física na Educação Infantil.

O nome desta unidade educativa é uma homenagem ao morador antigo do bairro que doou seu terreno para a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) preocupado em oferecer à comunidade um espaço de aprendizado para as gerações futuras. Localizada na Rua Sebastião Laurentino da Silva, no coração do bairro Córrego Grande, o NEIM Fermínio Francisco Vieira, começou a tomar forma em 1992 e foi entregue à comunidade no ano seguinte na gestão do então prefeito Sérgio Grando. Ao longo dos anos, cresceu, tanto em espaço quanto em importância. Conta com excelente estrutura física, salas amplas, parque arborizado e natureza abundante no seu entorno. Atualmente é composto por treze salas, atendendo 298 crianças, com aproximadamente 79 funcionários. Destes 86% são efetivos. Contando com o apoio de uma dedicada equipe de trabalho (PPP, 2024).

Está situado no meio de um parque florestal. O Parque Linear, contorna parte do rio, que deu nome ao bairro. Um rio que nasce no maciço do morro, na direção do poção, onde se localiza uma bela cachoeira, lugar de visitação intensa, localizado abaixo da estação de captura da água pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN. O fluxo das águas segue percorrendo bairros da cidade até desaguar no mangue e conseqüentemente no mar da Bahia Norte. A creche é vizinha do Rio Córrego Grande. Assim que vi a creche com o rio ao seu lado, pensei: - que presente maravilhoso! No início do ano letivo de 2018, na primeira reunião pedagógica, com a temperatura beirando os 35º graus, eu só pensava no intervalo do almoço e no banho de rio que iria tomar, pois desejava me refrescar. Levantei a saia, entrei no rio, água nos joelhos, molhei os braços, o pescoço e os cabelos. Naquele instante me peguei pensando nas crianças, no quanto iríamos aprender juntos, vivenciar o rio, experiência nova em minha vida profissional. Voltei para a unidade feliz, revigorada, com as ideias borbulhando, com minha criatividade aguçada neste contexto tão diferenciado. Estava com os cabelos presos, ainda pingando um pouco de água e um amigo me abordou assustado, me perguntando por onde eu havia andado. Respondi com toda a alegria do meu ser, que havia me banhado no rio. Foi então que ele me disse, você é louca? O rio é poluído! Eu não queria acreditar! Uma revolta tomou conta do meu ser. E literalmente me vi com um balde de água fria na cabeça para me limpar. Minha indignação não dava para esconder, e essa pergunta me persegue até hoje. Quem é responsável pela herança à natureza, a maior riqueza de todas as riquezas?

Tive que aceitar essa condição, mas não me conformei. Desde então, acompanho as drásticas transformações advindas do processo de urbanização que passa a nossa cidade, somada à ausência de fiscalização e um Plano Diretor⁵ alinhado não com o interesse dos moradores, mas sim da especulação imobiliária. Observamos a cada dia, a depredação dos recursos naturais e a transformação do bairro.

Durante os setes anos no NEIM Fermínio Francisco Vieira, junto com as crianças e profissionais, frequentamos os espaços da trilha que levam à beira do rio. Observamos o ambiente natural, escutamos o vento e o canto das águas, meditamos, contamos histórias, cantamos e conversamos muito. Para muitas de nossas crianças são experiências únicas, muitas conhecem o Parque Linear do Córrego Grande por seu “parquinho” em uma área restrita e limitada. São raras as crianças que frequentam as trilhas para chegar na beira do rio. Curiosa

⁵ Plano Diretor é uma planta de zoneamento que institui normas para o uso e a ocupação do solo na área do Distrito Sede. “Desde que o Plano entrou em vigor, em abril de 1997, até o final deste estudo (dezembro de 2009) foram catalogadas 42 leis alterando o zoneamento original no bairro” VIEIRA,2010.

que sou, passei a escutar as crianças e a observar mais esse contexto. Me dei conta de que algumas professoras não gostavam de me acompanhar nesses momentos, por medo e por julgarem perigoso para as crianças.

Lembro-me que em 2021, em uma saída de campo com o grupo G5, na companhia de duas professoras, andamos pela trilha até chegar na beira do rio, uma delas demonstrou estar insegura e incomodada no ambiente. Quando lá chegamos, do outro lado da margem, havia um bueiro de “água pluvial” onde avistamos uma cobra abocanhando um sapo. Foi tudo muito rápido, poucas crianças conseguiram ver os bichos, pois junto do berro pelo espanto da professora, a cobra imediatamente pulou para dentro d'água e sumiu. A professora olhou para mim e me perguntou assustada, tens certeza que este lugar é seguro? Berrando, em tom de insegurança e medo, quase em descontrole. Compreendo que essa situação foi a gota d'água para ela transbordar a sua emoção, que me provocou a refletir sobre muitas coisas, entre elas o papel do educador na mediação com o meio, sobre as experiências de vida que podem promover tanto a segurança de estar ali ou não, e que estamos sempre aprendendo uns com os outros.

Busquei conversar com as crianças, saber quem tinha visto e as suas impressões. Falamos dos bueiros e do mau uso dele por alguns moradores. As crianças estavam tranquilas, empolgadas, curiosas, mas pelo desconforto da professora, nos agilizamos para sair da margem do rio voltando para a trilha principal.

Outra situação aconteceu quando fomos passear no bairro, agora com um grupo do G3. Caminhamos entre as casas de algumas crianças e parentes, até chegar em um terreno amplo onde moram dois cavalos. Na ida, pela calçada passamos por uma folhagem com flores e antes que a criança pegasse uma florzinha a professora berrou para que ela não destruísse a natureza. Imediatamente lembrei das minhas experiências, essa era uma fala recorrente em casa quando retirava flores do jardim para oferecer à minha mãe. Hoje entendo que ela queria manter o jardim florido, mas fico me perguntando, porque as crianças não podem pegar flores e folhas para seus experimentos, de sentir cheiros e texturas, fazer comidinhas? Essa atitude não condiz com o julgamento de destruir e sim de se apropriar. Isso ainda é visto por muitas de nós, como algo negativo, e o pior, relacionando o ato a um julgamento de má intencionalidade que não condiz com a emoção da criança.

Em meu fazer pedagógico, sempre me vi comprometida com princípios que valorizam a vida, por uma educação que pulsa curiosidade, investigação, experimentação e descoberta, dentro de uma perspectiva histórico-crítica da educação. Saviani (2008) afirma:

A natureza humana é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (Saviani, 2008, p.07).

Em um desses momentos de levar os grupos na beira do rio, uma criança do G6 avistou embaixo da água algo que parecia lixo, um pote, e imediatamente busquei um galho de árvore caído no chão para tirar o objeto. Nesse dia o fluxo da água estava intenso, dificultando a tarefa e depois de algumas tentativas para a nossa surpresa tiramos da água o casco de um jaboti. As crianças ficaram encantadas e imediatamente levantaram hipóteses sobre o que poderia ter acontecido com o animal. Estava cheio de larvas minúsculas, proporcionando na prática a oportunidade de falarmos sobre muitas questões, principalmente sobre o ciclo da vida e da natureza. Surgiu na fala das crianças que a “tartaruga” não sabia nadar e morreu afogada, inclusive levantaram inúmeras hipóteses dos motivos que a levaram a chegar até ali.

Me lembrei de um presente que recebi de um professor muito querido ainda na faculdade, um livro que releio todo ano: *Pedagogia da Autonomia*. Vou deixar aqui, mais do que sábias palavras, o ensinamento do mestre Paulo Freire (1999), que nos diz que ensinar exige rigorosidade metódica:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso bancário meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (Freire, 1999, p.28-29).

Nesta correlação de existência, me preocupo com o papel da Unidade Educativa e de nós profissionais da educação de estarmos comprometidos com princípios que caminham na direção de uma educação humana, crítica e emancipatória, que promova o desenvolvimento e aprendizado na relação com o meio ambiente, nos entendendo como parte dele. Pensando nas crianças e na infância que se constitui em uma relação social e cultural, preocupada com a forma que a realidade se apresenta, somos responsáveis por apresentar esse mundo para elas.

Conversando com um servidor da COMCAP, que cuida da jardinagem no entorno da nossa unidade, pai de aluno e morador do bairro, ele me contou com brilho nos olhos que quando criança pescava diferentes peixes no rio, que brincava com os cipós das árvores e se

jogava na água, da forte relação com a brincadeira do Boi de mamão no grupo do Córrego Grande, de jogar bola com os amigos no campinho e de soltar pipa. Em outra conversa, com a mãe de uma criança do NEIM, ela relatou que a sua mãe (a avó da nossa criança) era lavadeira e ela quando criança a acompanhava, brincando e vivendo nesse contexto. Escutar as narrativas de algumas famílias de um lugar não muito distante, de uma infância na beira do rio, e brincadeiras que aconteciam neste rico contexto, são fonte inspiradora desta pesquisa quando junto com o processo contínuo de urbanização observa-se melhorias, mas também perdas.

Os relatos de algumas famílias do bairro há mais de duas gerações, carregam memórias de uma infância conectada com a água e com o meio ambiente, uma relação com a terra e seus recursos de subsistência, uma relação intensa entre homem e natureza. Nesse intenso fluxo das águas, como ser humano que se entende parte integrante da natureza, como mãe, filha, professora, aprendiz e nas reflexões trazidas pelas delimitações da margem, penso na água desse córrego potente que agora transborda e segue o seu caminho. A força tamanha do Rio que atravessa o bairro segue em direção às memórias da infância contadas por seus moradores. A interação cotidiana com a urbanização e a natureza nesse ambiente, despertou um crescente interesse de saber sobre como esses fatores afetam a vida das pessoas, especialmente no contexto da infância.

1 A NASCENTE – INTRODUÇÃO

É assim que os povos indígenas tratam os seus idosos: como árvores que seguram os fios da teia. (Daniel Munduruku; 2022, p.16).

Com a inspiração da citação de Daniel Munduruku, damos início a este capítulo reconhecendo a sabedoria que reside na experiência acumulada das gerações que nos antecederam. Partimos dessa imagem potente para abrir reflexão sobre a importância da escuta atenta das memórias daqueles que viveram sua infância, em outros tempos e contextos.

Quando essa pesquisa nasceu, em 2023 ainda em projeto, o NEIM Fermínio Francisco Vieira estava completando trinta anos de existência. Nas trocas com as famílias, ficou evidente como muitas delas são constituídas por moradores antigos do bairro. É comum termos, ao longo do tempo, irmãos, sobrinhos, filhos e netos de pessoas que já passaram pela instituição matriculados. Esse convívio proporcionou o contato com riquíssimos relatos de vida, nos quais os moradores relembram um tempo em que o rio não era poluído e o bairro era bem diferente do que é hoje. Essas histórias despertaram o desejo de investigar o que essas famílias têm a nos dizer sobre suas memórias de infância e suas relações com a natureza em diferentes momentos históricos. Esse movimento promoveu reflexões sobre a infância e os vínculos entre natureza e cultura, observando como esses elementos se transformam entre gerações que já passaram pela unidade.

Essas questões suscitam reflexões sobre como as crianças se relacionam com a natureza em seus cotidianos? Que representações fazem dela em diferentes períodos da história? Essas perguntas, além de instigantes, ganham maior relevância no contexto atual, marcado por intensas mudanças no bairro onde a unidade educativa está inserida.

De acordo com o índice FipeZap, Florianópolis está entre as quatro cidades catarinenses com o metro quadrado mais caro do Brasil. O Córrego Grande, especificamente, foi o bairro que teve o maior aumento no preço dos imóveis para venda nos últimos 12 meses. A alta na região foi de 30%, impressionando e superando a média da capital, que foi de 10,91%. Todos os bairros da cidade apresentaram aumento, mas o Córrego Grande destacou-se nessa transformação acelerada (Mueller, 2023).

Esse contexto econômico reflete diretamente na dinâmica do bairro, que, caracterizado como bairro residencial, está em franca transformação. Conhecido por sua extensa área de

preservação e natureza exuberante, o bairro, que outrora era predominantemente rural, agora se insere na zona urbana de Florianópolis.

Nos últimos anos, quem convive no bairro tem presenciado de forma recorrente a transformação de seus espaços, que em muitos momentos se assemelham a um verdadeiro canteiro de obras marcado por grandes empreendimentos imobiliários. O impacto dessas mudanças é visível não apenas na paisagem, mas também no cotidiano das crianças e suas famílias. Como um espaço educativo, nos deparamos com desafios e oportunidades: como manter vivas as conexões com a natureza em um contexto urbano cada vez mais denso e concretado?

Tal transformação levanta questões fundamentais sobre o papel da educação e da memória na construção de uma relação sustentável com o meio ambiente. Se a natureza do bairro está desaparecendo para dar lugar a grandes empreendimentos, como podemos cultivar uma visão que permita às crianças reconhecerem sua interdependência com a natureza? Como o espaço educativo pode se tornar um lugar de resistência criativa, onde memórias e experiências com a natureza sejam preservadas e ressignificadas?

Conectar essas questões à prática pedagógica implica refletir sobre nosso papel enquanto educadores em um contexto de transição. As memórias compartilhadas pelas famílias não são apenas histórias do passado, mas também uma ponte para repensar o futuro, tanto do bairro quanto das relações que ali se estabelecem.

As transformações sociais vivenciadas nos últimos anos, marcadas pela devastação ambiental e pela exploração intensiva dos recursos naturais, têm produzido impactos nunca antes vistos pela sociedade brasileira. No âmbito específico do bairro, observam-se os efeitos da especulação imobiliária, que vêm reduzindo áreas verdes e modificando a paisagem local em nome da modernização. Esse processo tensiona a relação entre ser humano e natureza, afastando-nos de nossa própria essência. Nesse sentido, a definição de natureza apresentada por Buarque de Holanda (2009, p. 574), “todos os seres que constituem o universo; força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural”, evidencia a dimensão profunda daquilo que está sendo perdido com essas transformações.

Historicamente, a relação entre o ser humano e a natureza tem sido marcada por tensões, separações e tentativas de superação. Muitas vezes, a natureza foi tratada como pano de fundo inerte, um cenário sobre o qual a humanidade projeta suas ações, se apropria, extermina. Nas últimas décadas, é crescente o debate sobre os limites da civilização moderna frente à crise ambiental global. A exploração desmedida dos recursos naturais, somada à lógica capitalista de crescimento, é uma ameaça real à sustentabilidade do planeta. Diante desse cenário, não apenas

a ciência, mas também os saberes ancestrais têm emergido como fontes fundamentais para repensar a relação entre humanidade e natureza.

O expoente pensador, professor, filósofo, ambientalista e líder ativista Ailton Krenak nos provoca a pensar, em seu livro: *Ideias para adiar o fim do mundo*. Ele nos pergunta:

Recurso Natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? A ideia de nós humanos nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (...) O que é feito de nossos rios, nossa floresta, nossas paisagens?...ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias (Krenak, 2020, p. 23).

Na Constituição Federal de 1988, consta que o meio ambiente é um direito de todos e prevê também a promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, bem como a conscientização da preservação do meio ambiente no território nacional (Brasil, 1988). Nos documentos da Educação Infantil no município de Florianópolis⁶, a Educação Ambiental é abordada de forma crítica, numa perspectiva democrática de combate às desigualdades sociais, que respeite as diferentes culturas e etnias. Tornando a educação ambiental um campo privilegiado para a construção de novas formas de convívio, de produção e de consumo, ancorada tanto na valorização da diversidade ecológica quanto sociocultural.

Pesquisadora da Educação Ambiental, autora de livros, jornalista e colaboradora de documentos orientadores na área de educação a nível nacional Léa Tiriba, convoca os profissionais docentes das unidades educativas ao compromisso e responsabilidade com a causa da Educação em Direitos Humanos. Destaca que a sensibilização para as questões ecológicas precisa ser acompanhada por uma formação cidadã crítica. Argumenta que os professores devem estar preparados para integrar a perspectiva ambiental ao ensino dos direitos humanos, promovendo uma visão holística da cidadania que inclua o respeito pela diversidade cultural e o equilíbrio ecológico. Propõe a reflexão de que somos parte da natureza e não superiores a ela. (Tiriba, 2010).

Ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente não aborde diretamente a preservação dos bens naturais e a proteção do ecossistema como direitos a serem assegurados, na Lei nº13.257, de 08 de março de 2016, a Lei da primeira Infância dispõe sobre as políticas públicas para a primeira Infância. Em parágrafo único estabelece que:

⁶ FLORIANÓPOLIS, 2012, 2015, 2021, 2022.

A participação da criança na formulação das políticas e das ações que lhe dizem respeito tem o objetivo de promover sua inclusão social como cidadã e dar-se-á de acordo com a especificidade de sua idade, devendo ser realizada por profissionais qualificados em processos de escuta adequados às diferentes formas de expressão infantil (Brasil, 2016).

E no artigo 5º afirma:

Constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica (Brasil,2016).

Os documentos referência na educação, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI, Brasil, 2010), Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (Brasil, 2009) e Parâmetros Básicos de Infraestrutura para a Educação Infantil (Brasil, 2008) evidenciam a importância do espaço externo como elemento curricular da proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil. Falam dos lugares de aprendizagem e desenvolvimento que proporcionam uma relação direta com os elementos da natureza, promovendo autonomia das crianças.

A infância que atravessa o tempo e o espaço, se constitui e se transforma “à margem do Rio”, na medida que mais um prédio surge, em saber qual altura do rio que a água passa a ficar poluída com as construções “irregulares”, no convívio com adultos desconectados da natureza. Nossas crianças, os recém-chegados nesse mundo, são as herdeiras do que deixamos a elas, mas a pior herança advém da visão de mundo profundamente antropocêntrica e cosmofóbica, marcada por uma concepção fragmentada de corpo e espírito, que ignora nossa condição integrada de seres humanos biopsicossociais. Estamos diante de um dilema cultural, na relação intrínseca entre cidade e capitalismo. E nessa perspectiva a educação tem um papel fundamental na formação desses indivíduos.

Confrontada com os documentos da RMEF⁷, que nos desafiam a pensar práticas pedagógicas capazes de ampliar repertórios, promover o desenvolvimento integral do ser e valorizar as diferentes linguagens, na busca por uma formação voltada para o pleno exercício

⁷ FLORIANÓPOLIS. Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis. Florianópolis: SGP Solutions, 2012.

FLORIANÓPOLIS. Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis: CGP Solutions, 2015.

FLORIANÓPOLIS. Reedição das Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

da cidadania, surgiu esta pesquisa que tem como objetivo investigar a relação da infância e natureza nas memórias vividas em diferentes gerações no contexto de urbanização presente no bairro Córrego Grande. Deste modo, entende-se que a linha de pesquisa Educação e Infância proporcionou reflexões valiosas sobre a temática, uma vez que aborda de maneira significativa questões relacionadas à infância, memória, natureza e cultura. Refletir sobre os impactos da urbanização desenfreada, analisando as perdas e transformações do bairro através das memórias da infância, pode ajudar a entender e valorizar a importância da natureza na cidade, além de nos permitir pensar na construção de uma cidade ideal para as crianças, e, conseqüentemente, para todos nós. Embora essa pesquisa não tenha a pretensão de mudar a realidade de forma imediata, ela pode somar a tantas outras vozes e movimentos que buscam a preservação ambiental e a promoção de um planejamento urbano mais consciente e adequado para a cidade. O problema da pesquisa foi delimitado da seguinte forma: observa-se, em nosso contexto local, as conseqüências da especulação imobiliária, intensificada nas últimas décadas. Se a criança vem ao mundo e se desenvolve vivenciando a realidade social e cultural, como é ser criança em um bairro em processo de urbanização?

Objetivo Geral:

Investigar a relação da infância e natureza nas memórias vividas em diferentes gerações no contexto de urbanização presentes no bairro Córrego Grande, Florianópolis, SC.

Objetivos Específicos:

1. Analisar a relação criança-natureza, identificando como ela foi percebida e vivenciada por moradores do bairro, em suas infâncias, em diferentes momentos históricos.
2. Compreender as brincadeiras e jogos infantis presentes nas memórias vividas pelos moradores de diferentes idades, relacionando-as ao contexto sociocultural do bairro Córrego Grande.

Iniciei essa caminhada pela apresentação, buscando contextualizar alguns dos meus processos formativos ao longo da vida (inspirada na escrita autobiográfica de Josso, 2004), como quem entra na trilha da mata que leva a nascente das águas do rio, e segue seu percurso atravessando os cinco capítulos até desaguar no mar:

1. **A Nascente/ Introdução:** momento dedicado ao problema de pesquisa, a justificativa e os objetivos que fundamentam este trabalho.

2. **Os Afluentes/Levantamento de Produção:** alimentam o rio nos encontros bibliográficos com a produção científica brasileira sobre a temática central da pesquisa, disponível nos bancos de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
3. **O Leito do Rio/ Referenciais Teóricos:** sem ele o rio se perde, nas águas dos referenciais teóricos que fundamentam a compreensão das relações entre infância, natureza e urbanização, com destaque para a Teoria Histórico-Cultural.
4. **Instrumentos de Navegação/Percurso Metodológico:** este é o trecho em que se revela o mapa da travessia, dedicado à descrição do caminho traçado para o desenvolvimento da pesquisa, detalhando as estratégias e escolhas metodológicas.
5. **A Foz/ Análise:** ponto de encontro entre o percurso e o destino, *Confluir da Infância no Tempo da Urbanização*: um mergulho nas memórias da infância vivida no bairro Córrego Grande, analisando as narrativas à luz dos referenciais teóricos.
6. **Encontro das Águas/ Considerações Finais:** o que nos diz a pesquisa para compreender a relação entre infância-natureza no contexto da urbanização.

2 OS AFLUENTES - LEVANTAMENTO DE PRODUÇÃO

Durante a disciplina Seminário de Dissertação/EI, em 2023.2, foi realizada a primeira busca nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD. Momento inicial do projeto de pesquisa, quando a intenção era realizar um estudo empírico etnográfico envolvendo as crianças do NEIM Fermínio Francisco Vieira, com a inclusão de um grupo focal de pais e avós, a fim de compreender as vivências de infância na natureza no bairro onde residem. Esse processo inicial foi fundamental, pois trouxe aprendizados valiosos sobre a organização da pesquisa e forneceu referências importantes que contribuíram para pensar a trajetória enquanto pesquisadora em formação.

Neste levantamento inicial, utilizamos 18 combinações com os descritores: criança, infância, natureza, cultura, “meio ambiente”, desemparedar, “educação Infantil”, “cultura infantil”, “relações com a natureza”, “ponto de vista das crianças” e “olhar das crianças”. Após uma seleção criteriosa da leitura dos 4.169 títulos das teses e dissertações encontradas, ficaram 270 pesquisas para leitura dos resumos, dos quais 59 dissertações e quatorze teses foram selecionadas, somando um total de 74 pesquisas.

Nesse momento encontramos um número expressivo de pesquisas sobre criança e natureza, meio ambiente e educação, mas foram poucas referências que traziam para a centralidade a infância na natureza em bairros em processo de urbanização. Cabe destacar que, neste processo inicial de buscas, identificamos em nosso Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, apenas um trabalho que dialoga de forma mais próxima com a temática aqui investigada: *O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil*, de autoria de Maristela Della Flora, orientado pela Prof.^a Dra. Kátia Adair Agostinho. A escassez de produções diretamente voltadas à relação entre infância e natureza no âmbito do Programa evidencia que se trata de um campo ainda pouco explorado, mas que apresenta grande potencial de aprofundamento e de contribuição teórica e prática. Nesse sentido, a presente pesquisa insere-se como a segunda investigação a abordar essa interface no PPGE da UFSC, assumindo o papel de ampliar a discussão e consolidar um eixo de estudos que articula memória, cultura e natureza às experiências infantis. Ao se posicionar como continuidade e, ao mesmo tempo, como abertura de novos horizontes de análise, este trabalho reafirma sua relevância por lançar bases para a expansão desse debate no cenário acadêmico.

Considerando que a proposta inicial abrangia um escopo amplo demais para o tempo disponível no mestrado, os sábios conselhos da orientação, culminou em uma importante delimitação: investigar as memórias de infância dos moradores do bairro que vivenciaram diferentes períodos históricos (ao longo de sete décadas), buscando analisar a infância com a natureza no contexto ostensivo de urbanização do bairro. A partir dessa nova perspectiva, voltamos aos bancos de dados no início do segundo semestre de 2024, utilizando a mesma técnica da primeira busca, porém, mais delimitada, promovendo nova investigação. O objetivo foi buscar produções relevantes que pudessem oferecer subsídios para identificar e compreender objetivos, metodologias, principais autores e seus resultados. A seguir, apresentamos o quadro ilustrativo dessa busca, na intenção de assegurar transparência metodológica contribuindo para o aprofundamento e sistematização do campo de estudo.

Quadro 1

Conjuntos de Palavras-chave eleitas e os resultados obtidos no *site* da CAPES e BDTD.

| CONJUNTO | CAPES | | BDTD | | CAPES/ BDTD |
|--|------------|--------------|------------|--------------|----------------|
| | Resultados | Selecionados | Resultados | Selecionados | |
| Palavras-chave | | | | | Repetidas |
| 1. Infância AND Memória AND Natureza | 50 | 1 | 187 | 3 | 1 |
| 2. Infância AND memória AND natureza AND Vigotski | 1 | 0 | 15 | 0 | 0 |
| 3. Infância AND memória AND natureza AND “teoria histórico cultural” | - | - | 4 | 0 | 0 |
| 4. Infância AND Memória AND urbanização | 6 | 2 | 10 | 2 | 2 |
| 5. Infância AND Memória AND “processo de urbanização” | 4 | 1 | 3 | 0 | 0 |
| 6. “Cultura Infantil” AND Memória AND Natureza | 9 | 1 | 3 | 1 | 1 |
| 7. “Cultura Infantil” AND Memória AND Urbanização | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| TOTAL | 71 | 5 | 223 | 6 | 4 |

Fonte: da autora.

Os trabalhos foram selecionados seguindo critérios específicos, estudos que tratassem de memória, infância, natureza e urbanização como categorias centrais. Preferência por pesquisas qualitativas que utilizassem entrevistas, relatos autobiográficos, análise narrativa, história oral ou cartografia social. Cabe destacar que não foram aplicados filtros nas buscas. Após a leitura atenta dos resumos, foram selecionadas duas dissertações e duas teses.

Quadro 2

Dissertações reunidas na CAPES e na BDTD/ibict em 2024.2

| DISSERTAÇÕES | | | | | |
|--------------|--|---|-------------------------|-----------------------------|----------------|
| Ano | Título | Autor/a | Orientado r/a | IES/UF/linha | Banco |
| 2017 | A cidade da infância (re)visitada: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS). | Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot | Sisney Gonçalves Vieira | UFP/RG/ Ciências Humanas | BDTD |
| 2015 | Ser criança na costa da Lagoa: memórias, brincadeiras e natureza | Miraira Noal Manfroi | Alciane Marinho | UFSC/ Ed. Física | CAPES/ BDTD |

Fonte: da autora.

A pesquisa de Tissot (2017) apareceu somente na primeira busca (Infância AND Memória AND Natureza), investiga a relação entre lugares nostálgicos e a construção de identidade e pertencimento à cidade de Pelotas (RS), por meio das memórias de infância de indivíduos que viveram na cidade entre os anos 1980 e início de 1990. Fundamentada na fenomenologia da geografia humanística trabalho (Sposito, 2004; Marconi; Lakatos, 2010; Gomes, 2011), que valoriza as subjetividades e as relações entre os sujeitos e os espaços urbanos (Gomes, 2011).

As técnicas de coleta de dados incluem entrevistas semiestruturadas, realizadas com pessoas nascidas entre 1977 e 1982, e observações durante caminhadas pela cidade. O uso de um roteiro semiestruturado, conforme proposto por Minayo (2009), a análise das narrativas foi desenvolvida com base nos procedimentos investigativos de Henri Lefèbvre, organizados em três momentos distintos (Vieira, 2002): O momento descritivo, voltado para a observação inicial da realidade no presente e orientado pelas bases teóricas; O momento analítico-regressivo, que decompõe processos históricos e retorna a eventos passados que configuraram o presente; O momento histórico-genético, que busca elucidar o presente e identificar possibilidades não realizadas.

Além disso, a pesquisa incorporou o mapeamento de lugares significativos utilizando recursos digitais, como o Google Maps. Inspiradas nas categorias de Kevin Lynch (1982), com

o objetivo de compreender como os marcos espaciais e zonas afetivas contribuem para a formação de vínculos identitários.

Essa combinação entre as entrevistas, os mapeamentos e a análise fenomenológica permitiu um entendimento mais aprofundado das relações entre memórias, espaços significativos e dinâmicas subjetivas.

Por fim, a pesquisa não apenas alcança seus objetivos principais, mas também abre caminhos para novas investigações sobre as interações humanas com o espaço urbano, enfatizando a relevância da memória na configuração das relações afetivas e identitárias com a cidade.

Com o objetivo de compreender os significados de ser criança na Costa da Lagoa, uma comunidade açoriana localizada em Florianópolis (SC), a pesquisadora Manfroí (2015), explora as relações das crianças com o brincar, a natureza (Cornell, 1996) e o contexto cultural local. Fundamentada em teorias que reconhecem as crianças como seres sociais com direitos históricos e culturais, (Aguiar, 1994, 1998; Faria; Demartini; Prado, 2002; Faria; Finco, 2011; Abramowicz, 2011) a pesquisa utiliza a etnografia (Magnani, 1998, 2002) como principal abordagem metodológica, caracterizada por um olhar qualitativo e descritivo, que permite uma compreensão próxima e contextual das interações humanas.

Essa pesquisa também apareceu somente na primeira busca (Infância AND Memória AND Natureza). Ancorada na concepção de “experiência” de Larossa (2015) e “experiências vividas” Benjamin (1980, 1912), os objetivos específicos incluem: (a) ouvir as narrativas dos velhos moradores sobre suas memórias de infância e brincadeiras; (b) mapear e analisar os espaços de brincadeiras na Costa da Lagoa; (c) investigar os significados das formas de brincar das crianças; e (d) vivenciar o cotidiano infantil em interação com a natureza.

Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos como observação participante, “cadernos de apontamentos” Barros (2010), conversas informais, visitas a moradores antigos, fotografias, filmagens e desenhos das crianças. No percurso metodológico deste trabalho, a memória foi abordada como uma fonte legítima (Queiroz, 1988; Pollak, 1992; Portelli, 1997) para compreender tanto as vivências individuais quanto coletivas. A partir de narrativas orais de antigos moradores, foi possível reconhecer a memória como um elo que articula tempo e espaço, humanizando aqueles que recordam e compartilham saberes. Mesmo quando permeadas por fragmentos da história oficial ou misturadas à imaginação, essas narrativas foram consideradas registros significativos por expressarem a subjetividade e a coletividade dos narradores.

Inspirada em autores como Benjamin (1980) e Larossa (2015), esta abordagem permitiu rememorar experiências de vida e compreender os sentidos atribuídos às vivências, resgatando histórias que dialogam com as novas gerações. Tal perspectiva privilegia a busca pelos significados e pelas subjetividades, conforme destacado por Minayo (1996; 1999). Nesse sentido, Manfroi (2015) observa:

É possível afirmar que na Costa, além de se encontrar grandes árvores de Garapuvu também se encontram significativas árvores genealógicas[...]. Para os que compõem as raízes e os troncos destas árvores genealógicas - os velhos - a Costa é um território cercado de significados, lugar onde viveram as suas infâncias, permeadas de trabalho, mas também com momentos de alegrias, de encontros, de festas, de transgressões. Lugar onde criaram seus filhos, seus netos e bisnetos. Lugar onde vivem suas velhices, rodeados de cuidados, afetos e atenções. Também lugar de perdas, de tristezas, e disputas, de desavenças. No entanto, indiscutivelmente, o lugar de cada um e do coletivo (Manfroi, 2015, p. 300-3001).

Essa análise destaca como as narrativas do passado, permeadas de memórias afetivas e significados, dialogam com questões contemporâneas, resgatando a importância dos territórios como espaços de identidade, história e coletividade. Assim como no trecho de Manfroi (2015), observa-se a riqueza presente nas histórias de vida, que permitem compreender as múltiplas dimensões do pertencimento e da convivência em um lugar, tanto no plano individual quanto no coletivo.

A seguir, apresento um quadro das teses encontradas, que ampliam as reflexões acerca dessa temática, evidenciando diferentes abordagens e contribuições para o campo de pesquisa.

Quadro 3

Teses reunidas na CAPES e na IBICT em 2024-2.

| TESES | | | | | |
|-------|--|------------------------------|-----------------------------|------------------------|-------------|
| Ano | Título | Autor/a | Orientador/a | IES/UF | Banco |
| 2011 | AS DIMENSÕES LÚDICAS DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA: Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar” | Francisco Emílio de Medeiros | Ana Márcia Silva | UFSC/ Educação Física | CAPES/ BDTD |
| 2010 | Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970/1990) | Ailton José Morelli | Esmeralda Blanco B de Moura | USP/História Econômica | CAPES/ BDTD |

Fonte: da autora.

A pesquisa realizada por Morelli (2010), está estruturada em um aprofundamento teórico sobre a cidade de Maringá no processo de urbanização, onde explora o desenvolvimento urbano com ênfase nas transformações econômicas e sociais; a infância e memória, percorrendo

a historiografia sobre a infância; discute a relevância das fontes orais para a história da infância e detalha os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de entrevistas.

Tem como objetivos investigar como o processo de urbanização de Maringá, entre 1970 e 1980, influenciou a memória da infância de moradores que viveram esse período; analisar as percepções das crianças da época sobre as mudanças urbanas e suas vivências cotidianas, considerando a relação entre o espaço urbano e rural e compreender as dinâmicas entre infância, memória e urbanização no contexto histórico de Maringá, ressaltando as práticas culturais, sociais e espaciais.

Inicialmente, o estudo recorreu ao acervo do Projeto Memória, pertencente à Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural (DPHC) da Prefeitura Municipal de Maringá, que é composto por dois conjuntos principais: o primeiro, produzido entre 1985 e 1987 por voluntários e registrado em fitas de áudio; e o segundo, iniciado em 1992, que se transformou em uma atividade contínua, conduzida com maior uniformidade pelos funcionários do DPHC. Embora essas entrevistas tenham sido úteis para a contextualização do processo de urbanização, apresentaram limitações quanto às menções à infância, dificultando o aprofundamento da análise sobre o tema. O que levou o pesquisador a entrevistar pessoas que viveram sua infância em Maringá no período em questão. A seleção dos entrevistados considerou a distribuição geográfica de suas moradias à época, abrangendo tanto o centro quanto a periferia e áreas em processo de incorporação ao perímetro urbano. Essa abordagem teve por objetivo capturar uma visão mais ampla das dinâmicas sociais e urbanas da cidade.

As entrevistas foram estruturadas em torno de temáticas relacionadas ao cotidiano infantil e às relações com o espaço urbano. Foram abordados aspectos como moradia, alimentação, transporte, brincadeiras, relações de vizinhança, interações entre crianças e adultos, além de temas como trabalho, saúde, educação e lazer. Ainda que as perguntas seguissem uma estrutura pré-definida, a condução das entrevistas permitiu que os depoentes tivessem liberdade para explorar outros assuntos relevantes à sua memória. Utilizou a orientação metodológica de Bourdieu (1997), que favoreceu a emergência de percepções individuais e subjetivas, essenciais para compreender a vivência da infância naquele contexto histórico.

Por fim, a análise combinou o material obtido nas entrevistas recentes com o conteúdo do acervo da DPHC, permitindo um entendimento mais aprofundado da transição de Maringá de uma cidade em formação para um centro urbano consolidado. O foco da pesquisa, contudo, manteve-se nas experiências e memórias das crianças, evitando priorizar uma análise institucional e enfatizando a relação entre as mudanças urbanas e as vivências infantis, onde

analisa as narrativas dos entrevistados sobre o cotidiano infantil, abrangendo brincadeiras, relações familiares, educação e saúde, além das percepções sobre a urbanização e a continuidade de práticas rurais no ambiente urbano.

Tem como principais teóricos Albert (2005), Thompson (1992), Barbosa (2009), Bosi (1987), Meihy (1996), Le Goff (1994), Halbwachs (1990), Bressani (2006).

A pesquisa de Medeiros (2011), explora as dimensões lúdicas da experiência de infância na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores (PT), ancorando-se nos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes. A investigação apresenta um esforço significativo de preservação da memória coletiva e das práticas culturais que moldaram a infância em um contexto histórico específico (1930-1950). Entre os principais pontos destacados no estudo, encontra-se a constatação de que a experiência humana está em declínio na contemporaneidade enquanto prática que permite a apropriação da vida. Neste cenário, a memória das dimensões lúdicas da infância assume um papel crítico, evidenciando os impactos das transformações urbanas e culturais sobre as vivências infantis. A escolha de explorar as brincadeiras e brinquedos a partir da obra de Franklin Cascaes proporciona uma ponte entre o passado e o presente, valorizando a cultura lúdica como patrimônio imaterial.

Tem como delimitação os velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e em sua pesquisa busca caracterizar as dimensões lúdicas da experiência de infância através da memória, verificando o conhecimento e a vivência desses sujeitos em relação à cultura registrada por Cascaes. Pretende também identificar outras manifestações lúdicas que transcendem os registros do artista-folclorista, ampliando o entendimento sobre as práticas infantis.

A investigação adota a história oral como principal ferramenta para acessar as memórias dos entrevistados, estruturando um campo empírico nos doze distritos administrativos da Ilha de Santa Catarina e complementando-o com entrevistas realizadas nos Açores (PT). A escolha de um recorte qualitativo, com 19 entrevistas na Ilha e 4 nos Açores, reflete a preocupação com a profundidade e recorrência das informações obtidas. Além disso, a consulta à obra de Franklin Cascaes confere um suporte documental e iconográfico à análise, permitindo uma triangulação entre memória oral e registros históricos.

Um ponto central da pesquisa é a crítica ao processo de modernização e urbanização de Florianópolis, que segundo o pesquisador não salvaguardou espaços públicos amplos e abertos para brincadeiras infantis. Identifica que essa transformação reflete uma ruptura na cultura da infância, onde as crianças de hoje são confinadas a espaços fechados e privados, perdendo a liberdade e a criatividade que caracterizavam a infância do passado.

O estudo evidencia como as memórias de infância são atravessadas por mudanças sociais e culturais, revelando tensões entre tradição e modernidade e apontando para a necessidade de políticas públicas que valorizem a experiência infantil em sua totalidade.

Com suporte no referencial teórico de Sarmiento e Pinto (1997), Sarmiento (2005), Müller (2006), Kramer (2008), Vigotski (2008), Perrot(1990), para falar da criança, infância e cultura; memória, infância e cultura em Bosi(1994), Benjamin (2002), Brougère (2008), e para a metodologia e análise Portelli(1997) e Minayo(2004).

Neste percurso, ao estudar as produções de Tissot (2017), Manfroid (2015), Morelli (2010) e Medeiros (2011), constatei que a pesquisas sobre memórias não se limita ao passado, mas dialoga com o presente e inspira o futuro, especialmente quando escutamos os antigos moradores e percebemos o valor de suas narrativas para as novas gerações. Assim, a investigação não se encerra em si, mas se torna um convite a continuar questionando, ouvindo e ressignificando a relação entre passado, futuro e o presente, entre o ser humano e a natureza, reconhecendo que as memórias dos moradores sobre as “vivências” na infância podem se entrelaçar para construir um legado intergeracional, que respeite e preserve a relação simbiótica entre a criança e o ambiente.

Essa pesquisa despertou insights valiosos para a estruturação da entrevista em diversos aspectos: Inclusão de perguntas que incentivem os entrevistados a narrar memórias detalhadas, como brincadeiras em espaços naturais, interações com o ambiente e mudanças percebidas ao longo do tempo; estimular a descrição de como interagiam fisicamente com a natureza, explorando aspectos sensoriais como cheiros, sons e texturas; buscar saber sobre as mudanças urbanísticas do bairro, o que era percebido quando criança, como era visto (positiva ou negativamente) e se afetavam o acesso e a percepção da natureza. Como também a escolha de lugares estratégicos no bairro como no parque linear, na praça AMJA (Associação de Moradores do Jardim Anchieta) e na AMOSC (Associação de Moradores do Sertão e Córrego Grande) para os encontros com os entrevistados.

3 O LEITO DO RIO - REFERENCIAIS TEÓRICOS

O entendimento de infância como um período distinto da vida adulta é recente, constituída social e historicamente. O “sentimento de infância”, concepção denominada por Ariès (1981), surgiu paralelamente a mudanças na estrutura familiar e na institucionalização da criança, como a educação escolar. Analisar essa trajetória histórica permite entender a transição de visões que viam a criança como um "adulto em miniatura" para o reconhecimento de seus próprios direitos. No contexto brasileiro, o reconhecimento jurídico da infância iniciou a partir da Constituição Federal de 1988, especialmente com o artigo 227, que estabeleceu a criança e o adolescente como sujeitos de direitos. Esse movimento foi fortalecido em 1990, quando o país avançou na consolidação de seu marco legal: a Convenção sobre os Direitos da Criança foi assinada pelo Brasil em 26 de janeiro de 1990, aprovada pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº 28, de 14 de setembro de 1990, ratificada em 24 de setembro e entrou em vigor no país em 23 de outubro de 1990, sendo posteriormente promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. No mesmo ano, foi sancionada a Lei nº 8.069, que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esses documentos consolidaram a proteção legal da infância no Brasil, reafirmando-a como uma categoria social historicamente construída e portadora de direitos próprios.

As pesquisas relacionadas às crianças, bem como o exercício do olhar sensível mediante as suas múltiplas linguagens é de significativa relevância. A infância é a condição social de ser criança. A produção do conhecimento sobre o que é ser criança, como se constitui a infância, dialogam com os significados e representações produzidas culturalmente em determinadas condições históricas. Por isso é plural e singular a forma de ser e viver a infância (Florianópolis, 2022).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais:

A criança é compreendida como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p.12).

Entende-se a criança atuante em seu processo formador, estando ativa e engajada na incorporação de papéis e construção das relações sociais. Em todos os lugares em que se

encontra, a criança se relaciona ativamente com adultos, crianças e com o mundo. Sendo partícipe no fortalecimento de suas relações e dos papéis que assume (Cohn, 2005, p.20-21).

Na Educação Infantil do município de Florianópolis, muitos são os documentos⁸ que falam da importância de oportunizar às crianças o viver a natureza, oferecer experiência com seus elementos naturais, promover os sentidos e significados através da experiência, mas o que se observa são crianças cada vez mais emparedadas e distanciadas do convívio com os ambientes naturais.

Vivemos na era do consumo, estamos imersos em uma “visão antropocêntrica”⁹, em plena crise moral e espiritual. Não somos uma espécie superior, e os recursos naturais do planeta não são inesgotáveis. Pensando na diversidade sociocultural e no privilégio de poder aprender outros modos de desenvolvimento nessa pluralidade de comunidades, povos da floresta, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, aprendemos que o respeito pela vida transcende a vida humana (Tiriba, 2010).

Vive-se hoje, as consequências de um distanciamento dos princípios que valorizem a vida, o humano, e em todas as áreas do saber, muitos são os autores que nos ajudam a repensar nossa atuação no mundo. Nas reflexões de Ailton Krenak (2020):

Quando despersonalizados o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos (Krenak, 2020, p .49).

Nessa correlação de existência a humanidade e a natureza são indissociáveis, já que a natureza sobrevive sem o ser humano, mas o homem não sobrevive sem a natureza. Ao pretender compreender a infância em um contexto delimitado pelo meio ambiente em processo de urbanização em franca transformação, consequências da “modernidade” os temas aqui reunidos implicam em fundamentos que apontam e evidenciam, em seu conjunto, a riqueza, a diversidade e as diferenças das relações tecidas, que compõem e colaboram para o

⁸ FLORIANÓPOLIS. Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis. Florianópolis: SGP Solutions, 2012.

FLORIANÓPOLIS. Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis: CGP Solutions, 2015.

FLORIANÓPOLIS. Reedição das Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

⁹ A **visão antropocêntrica** coloca o ser humano no centro, considerando-o como a medida de todas as coisas e atribuindo à natureza valor instrumental, ou seja, ela é valiosa na medida em que serve aos interesses humanos. Essa visão é comum em tradições ocidentais e pode ser encontrada tanto em teorias filosóficas quanto em práticas sociais e econômicas. (Rolla, 2010; Tiriba, 2010).

desenvolvimento dessa pesquisa. Pretende-se, através das memórias de infância, analisar as transformações da vida impactadas pela intransponível urbanização. Podendo reconhecer, considerar, identificar esses sujeitos e suas coletividades, para corroborar com o reconhecimento da infância de sujeitos de direitos em contradição com a infância cerceada pelas consequências da urbanização.

A partir da pedologia, campo de estudo voltado à infância, Vigotski (2018) desvelou as complexas relações entre o ambiente e o desenvolvimento, reconhecendo que o contexto social e cultural desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito. Essa perspectiva ressalta a relevância de considerar o meio como um fator ativo no processo educativo e formativo da criança.

Vigotski é o precursor da Teoria Histórico-Cultural desenvolvida em parceria com os seus colaboradores, Luria, Leontiev, entre outros. Buscou pela concepção filosófica do materialismo histórico-dialético analisar os fenômenos psicológicos sob forte influência da obra de Marx, sobretudo de “o Capital” (Vigotski, 1996). Vigotski se contrapõe às teorias psicológicas da sua época, se diferenciando por compreender a formação individual como um processo histórico e cultural desenvolvido no contexto da atividade social.

Pino (2000), ao estudar a obra de Vigotski o “Manuscrito de 1929” destaca já na epígrafe da obra uma chave importante, “O homem é uma pessoa social. Um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo”. Percebe por este caminho que a existência social humana pressupõe a passagem da ordem natural para a ordem cultural e discutir essa transição de como a natureza do social se constitui no ser cultural é essencial. Por ele, percebe-se que a história é uma questão-chave no debate da relação entre natureza e cultura. Para Vigotski (1929) a natureza em si mesma não tem história, sendo o conhecimento um processo histórico que segue as leis da dialética (Pino, 2000, p. 48).

Quando Vigotski (2018) fala do papel do meio no desenvolvimento da criança ele destaca ser possível apenas na relação criança-meio. E para explicar que o meio se modifica para a criança a cada faixa etária, recorre a fala:

[...] a fala das pessoas ao redor da criança pode ser a mesma quando ela tem seis meses, um ano e seis meses ou três anos e seis meses. [...]. Contudo, qualquer um entende que esse fator, que não mudou ao longo do desenvolvimento, tem um significado diferente quando a criança compreende a fala, quando não a compreende de forma alguma e quando se encontra entre essas duas fases, começando a compreendê-la (Vigotski, 2018, p.74).

Ao investigar a relação criança-meio, o autor destaca o conceito de vivência como elemento central. Segundo o autor, a vivência envolve não apenas a forma como a criança toma consciência de um acontecimento, mas também como ela atribui sentido e se envolve afetivamente com ele. Isso significa que tanto as características pessoais da criança quanto as do meio se entrelaçam na construção dessa vivência, sendo cada momento único e significativo.

Pino (2010), estudioso de Vigotski, vai analisar o conceito de “meio” que é essencial na obra deste autor e considera que:

A vivência constitui a unidade de análise que integra de uma forma dinâmica o meio externo à criança-meio físico, social e cultural, ou seja, o meio constituído pelos homens e o meio interior, subjetivo da criança, Vigotski está apontando para o fato de que o desenvolvimento humano, entendido como processo de constituição cultural da criança para tornar-se um ser humano, é feito do “material” social-cultural que o meio humano põe à disposição da criança e que ela vai se apropriando na convivência nas práticas sociais, mas ele é feito também da maneira como a criança converte (uma das expressões de Vigotski para explicar a apropriação da cultura) esse material em funções humanas. E nesse movimento do exterior para o interior e do interior para o exterior da criança, o mecanismo fundamental é a transformação da significação do mundo cultural em significação para a criança. Daí que Vigotski relacione a *vivência* com a *significação* que a criança se faz das situações criadas pela dinâmica do meio (Pino, 2010, p. 753).

Com base na análise de Vigotski sobre a relação criança-meio, fica evidente que a criança não é apenas um receptor passivo das influências do meio, mas participa ativamente na construção de significados a partir de suas vivências, que são moldadas pelas características pessoais e pelo contexto social, cultural e físico que a cerca. O conceito de “meio”, central na obra de Vigotski, enfatiza que cada experiência é única, mediada pela forma como a criança compreende e se envolve afetivamente com o mundo ao seu redor. Portanto é fundamental reconhecer a complexidade dessas interações e a maneira como o meio, pode tanto limitar quanto potencializar o desenvolvimento da criança. O meio cultural, social e natural oferece "materiais" que a criança incorpora, transformando-os em parte de sua constituição como ser humano, evidenciando a indissociabilidade entre o sujeito e o contexto que o envolve.

Nas investigações psicológicas desenvolvidas por Vigotski e sua equipe, entre os anos de 1928 a 1934, a memória foi objeto de inúmeras pesquisas. Como função psicológica superior foi entendida como a capacidade que o indivíduo tem de conservar e produzir as apropriações da realidade. Segundo Pino (2000), Vigotski distingue dois tipos de memória, a natural e a artificial, percebendo nessa relação o princípio de diferenciação entre o sinal como expressão da natureza e o signo como expressão cultural.

Em *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi (2023) nos provoca com *A Substância Social da Memória*, onde nos diz:

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória? Estaremos sós quando nos afastarmos de todos para melhor recordar? Quando entramos dentro de nós mesmos e fechamos a porta, não raro estamos convivendo com outros seres não materiais presentes. A alma escolhe sua companhia antes de fechar a porta, segundo o poema de Emily Dickinson. Mas, daria a memória coletiva conta da explicação de todos os fatos de memória, mormente do que chamamos a lembrança individual? É o caso das imagens remotas, talvez da mais antiga que conseguimos evocar (Bosi, 2023, p.422).

A citação de Bosi convoca reflexões profundas sobre a natureza da memória e sua ligação com o coletivo, o individual e o imaginário. Sugere que nossas lembranças mais distantes raramente são construções isoladas. Elas geralmente são evocadas e sustentadas por grupos sociais, amigos, familiares ou comunidades que compartilham experiências e narrativas. Isso ressalta a ideia de que a memória é social e intersubjetiva. A citação questiona se é possível lembrar sem um aporte social. Isso nos leva a refletir sobre o quanto nossas lembranças são moldadas pelo convívio com os outros e até que ponto a memória individual, em sua essência, depende ou não desse contexto coletivo. Quando nos isolamos para recordar, levamos conosco fragmentos de experiências sociais, o que implica que nunca estamos realmente "sós" na lembrança. Isso destaca a complexidade da relação entre o coletivo e o individual na construção da memória, sugerindo que existem aspectos da experiência humana como sensações e emoções profundamente pessoais que escapam à narrativa compartilhada.

Ao mencionar as "imagens remotas", Bosi nos lembra que as primeiras memórias da infância, por vezes nebulosas, carregam uma carga emocional. Elas são tanto evocadas por estímulos externos quanto criadas pela imaginação. Essa citação é um ponto de partida para pensar na importância de contextos sociais e culturais na construção das memórias de infância, especialmente em um bairro em transformação. Ela permite explorar como memórias individuais e coletivas coexistem e se retroalimentam no tecido social de um lugar.

Bosi (2022) argumenta que na maioria das vezes:

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (Bosi, 2022, p.07).

Pretende-se com essa pesquisa descobrir através das memórias de infância qual a relação e percepção dos sujeitos sobre a sua infância na relação com o meio ambiente que drasticamente vem sofrendo mudanças recorrentes advindas com o processo de urbanização do espaço onde moram. O que a comunidade do Córrego Grande tem a nos revelar?

No contexto da geografia crítica de Milton Santos a definição clássica de urbanização, como o conjunto de trabalhos que adotam uma área de infraestrutura e serviços, e a de meio ambiente, como o conjunto de condições naturais que influenciam um ser vivo ou uma comunidade, revelam-se insuficientes. Sua obra vai além dessas definições técnicas, considerando o espaço e a natureza como elementos sociais que moldam e são moldados pelas relações humanas. A urbanização, para Santos (2004), é um processo desigual e fragmentado, onde as áreas periféricas sofrem com a exclusão e a falta de acesso aos recursos naturais e de infraestrutura, gerando e aprofundando as desigualdades.

Santos (2004), nos diz que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (Santos, 2004, p.153).

A urbanização, enquanto processo histórico, altera a paisagem natural e organiza o espaço de acordo com os interesses sociais e econômicos dominantes. A transformação da natureza pelo trabalho humano também é destacada como um processo que, desde a fase pré-social do homem, é central para a constituição da sociedade. Essa transformação só é possível graças à organização social e à organização do espaço, o que, em última análise, revela o caráter social da natureza e do espaço (Santos, 2004, p. 163).

Enquanto processo social que fragmenta e exclui, a urbanização reflete, de acordo com Santos (2004), as contradições do capitalismo global. O espaço urbano é reorganizado para servir aos interesses econômicos de uma minoria, enquanto a maioria fica à margem, nas periferias, onde o acesso a recursos e infraestrutura são limitados. Nessa perspectiva, a urbanização não é apenas um fenômeno físico, mas expressão das relações de poder. Também destaca que a geografia, como ciência social, tem o papel de investigar como o uso consciente do espaço pode restaurar a dignidade humana. Ao transformar a natureza em "natureza social", a humanidade tem a capacidade de reconfigurar o espaço de maneira que este sirva à vida, e não ao lucro.

Milton Santos e Vigotski veem o espaço e o meio como fatores centrais nas dinâmicas de transformação social. Para Santos, a urbanização, enquanto processo desigual e fragmentador, revela as contradições da sociedade capitalista, mas também aponta para a possibilidade de uma nova forma de organização do espaço que promova a igualdade e a dignidade humana. Para Vigotski, o meio é um elemento ativo no desenvolvimento humano, moldado pelas relações sociais e culturais, e fundamental para a constituição do sujeito, que da mesma forma que é determinado por ele também o transforma. Ambos autores, ao reconhecerem o papel central do espaço e do meio na história humana, oferecem visões emancipadoras que apontam para a construção de uma nova sociedade, onde o meio, em vez de oprimir, possa libertar.

Já nos dizia Paulo Freire (2024): “A práxis revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras. E é natural que seja assim, pois são quefazereres antagônicos” (Freire, 2024, p.169).

Historicamente, a relação entre o ser humano e a natureza tem sido marcada por tensões, separações e tentativas de superação. Muitas vezes, a natureza foi tratada como pano de fundo inerte, um cenário sobre o qual a humanidade projeta suas ações, se apropria, extermina. Nas últimas décadas, é crescente o debate sobre os limites da civilização moderna frente à crise ambiental global. A exploração desmedida dos recursos naturais, somada à lógica capitalista de crescimento, é uma ameaça real à sustentabilidade do planeta. Diante desse cenário, a ciência e os saberes ancestrais têm emergido como fontes fundamentais para repensar a relação entre a humanidade e a natureza. Como nos diz Santos (2004): “Tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se” (Santos, 2004, p.17-18).

As vozes indígenas e quilombolas nos convocam, antes de tudo, a escutá-la. Davi Kopenawa, líder yanomami, em *A Queda do Céu* (2010), alerta para os perigos da destruição ambiental provocada pelos “brancos”. Ao denunciar a mineração, o garimpo e a devastação das florestas, Kopenawa reforça a urgência de respeitar os saberes indígenas na preservação do equilíbrio ecológico. Ele lamenta: “*Nossos pais e avós não puderam fazer os brancos ouvirem suas palavras sobre a floresta, porque não sabiam a sua língua*” (Kopenawa, 2010, p.480). Para ele, o pensamento branco está fixado na ganância e na posse: “Embora os brancos se achem espertos, seu pensamento fica cravado nas coisas ruins que querem possuir, e é por causa delas que roubam, insultam, combatem e por fim matam uns aos outros. É também por causa delas que maltratam tanto todos os que atrapalham sua ganância” e por isso, conclui: “*o povo realmente feroz são eles*” (Kopenawa, 2010, p.442). Kopenawa observa que, depois de

devastarem seus próprios territórios, os brancos despertam tardiamente para o desastre: *“Finalmente, seus habitantes devem ter pensado: ‘How! Sujamos nossas terras e nossos rios, e nossa floresta está diminuindo! É preciso proteger o pouco que nos resta dando-lhe o nome de ecologia!’ Acho que eles ficaram com medo por terem devastado tanto os lugares em que vivem”* (Kopenawa, 2010, p. 480).

Ailton Krenak, (2019, 2020, 2022), fortalece essa crítica, denuncia o modelo colonial e capitalista que quebra os vínculos e distancia os humanos da natureza, reduzindo o planeta a uma fonte de exploração dos seus recursos. Para Krenak, os saberes indígenas nos lembram que rios, montanhas e florestas possuem alma e são parte essencial da teia da vida. Nos provoca a repensar a ideia de “progresso” e nos convida a uma existência pautada no pertencimento em vez do domínio. Apresenta uma reflexão que nos coloca no centro da questão, a quantidade de água que existe na biosfera do planeta Terra é a mesma de bilhões de anos atrás, “ao transformarmos água em esgoto ela entra em coma, e pode levar muito tempo para que fique viva de novo” (Krenak, 2022, p.26). A metáfora da água em coma nos dá uma perspectiva e nos provoca a pensar sobre a emergência diante de um recurso finito e vital para todas as formas de vida. Expressando de forma potente o colapso ético da sociedade.

Bispo Dos Santos (2019), intelectual quilombola, acrescenta a essa conversa a perspectiva dos saberes afro-brasileiros. Para ele, os modos de vida quilombolas oferecem alternativas ao paradigma dominante, apontando caminhos sustentáveis, coletivos e baseados no cuidado com o território. Ele critica o modelo de desenvolvimento ocidental que marginaliza as comunidades tradicionais e suas cosmologias e defende que a preservação da natureza depende da valorização desses conhecimentos históricos, apresentando o mundo sob uma lente contra-colonial. “Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles. [...] Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver” (Bispo dos Santos, 2019, p.23).

Essas vozes nos lembram que a Terra não é um recurso passivo, mas um organismo vivo, pulsante, repleto de sentidos, histórias e vínculos. Esse chamado ancestral ecoa na hipótese Gaia proposta pelo cientista britânico James Lovelock, que apresenta a Terra como um sistema autorregulado, onde os seres vivos e os elementos inorgânicos interagem para manter condições estáveis que permitam a vida. Uma perspectiva que desafia a ideia de separação entre ser humano e meio ambiente (Lovelock, 2014, p.79-92).

Somando saberes que rompem com a visão mecanicista do mundo natural, os pensamentos de Kopenawa, Krenak, Nego Bispo e Lovelock convergem para uma concepção

da Terra como um organismo vivo, capaz de responder e se ajustar às mudanças. Essa leitura do mundo desafia as estruturas dominantes que historicamente têm reduzido a natureza a um mero recurso a ser explorado e os saberes tradicionais a um lugar marginal.

Em nosso contexto, a reflexão se amplia ao encontro da crítica de Paulo Freire (1921-1997), que denuncia como as classes dominantes brasileiras, mesmo sob uma fachada de modernização, continuam a repetir práticas herdadas do período colonial, excludentes, hierárquicas e autoritárias. Sua afirmação de que: “É incrível como as classes dominantes neste país, mesmo os setores mais modernizados capitalisticamente, repetem sempre procedimentos e hábitos que têm o ranço do estilo colonial” (Freire 1921-1997, p.89-90), revela como o modelo de desenvolvimento vigente marginaliza a pluralidade de conhecimentos e impede a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. A partir disso, percebe-se que o rompimento com a lógica colonial e a valorização de saberes ancestrais, indígenas, quilombolas e populares, não são apenas gestos de reconhecimento cultural, mas condições necessárias para a superação das injustiças sociais e ambientais que persistem. Freire nos convoca, assim como Kopenawa, Krenak e Bispo, à escuta profunda, à construção de um novo pacto civilizatório baseado no respeito, na convivência e na liberdade.

É preciso também entender que a relação entre humanidade e natureza se dá sempre em uma tessitura histórica, feita de práticas, mediações e transformações. É aqui que os caminhos dialogam para entender o ser humano como um ser da natureza, que se diferencia porque produz, constrói e se reinventa através da práxis.

Seguindo com Paulo Freire (2024), “[...] reafirmando que os homens são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. [...] mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. [...] portanto, com *reflexão* e *ação* incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (Freire, 2024, p. 167-168, grifos do autor).

Em sua obra *A sombra desta Mangueira*, Paulo Freire nos revela: “Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo” (Freire, 1921-1997, p.21).

Marx afirma que não basta interpretar o mundo natural: é preciso reconhecê-lo como parte de um processo de transformação histórica e prática. Para Marx, o trabalho não é apenas uma atividade física, mas o fundamento do ser social. É por meio do trabalho que o ser humano transforma a natureza e, simultaneamente, a si mesmo, um mundo humanizado, mediado pela

cultura, linguagem, técnica e relações sociais. Essa dimensão histórica distingue os seres humanos de outros seres vivos, como as abelhas e as formigas, que tem no determinante genético a organização das suas atividades. Os homens projetam na consciência antes de agir e esta capacidade criativa de antever e objetivar, é fundamental, para Marx “a diferença do homem em relação à natureza, funda a evolução humana” (Lessa; Tonet, 2024. p.09).

A depender da forma como a humanidade caminha, já somos uma ameaça para o nosso planeta. Levando essa reflexão ao campo do desenvolvimento humano, Vigotski, segundo os estudos de Pino sobre o manuscrito de 1929, corrobora ao propor que a natureza biológica do ser humano se reorganiza qualitativamente a partir da interação social e cultural, formando uma natureza propriamente humana. Não se trata de uma sobreposição superficial do social sobre o biológico, mas de uma transformação que cria uma nova forma de existência, mediada por ferramentas simbólicas como a linguagem. Dessa forma, “Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale, portanto, a dizer que é histórico, ou seja, traduz o longo processo de transformação que o homem opera na natureza e nele mesmo como parte dessa natureza. Isso faz do homem o artífice de si mesmo” (Pino, 2000, p.51). Essa perspectiva evidencia que o humano não é um organismo adaptado ao meio, mas um ser em constante transformação histórica.

Essas reflexões ganham corpo quando aplicadas à análise de territórios e experiências concretas, como a infância no contexto rural e urbano. O bairro Córrego Grande, por exemplo, não é apenas um espaço geográfico: é um território marcado por histórias, memórias, práticas sociais, afetos e transformações. As crianças que ali vivem não apenas crescem em meio à natureza ou à cidade; elas constroem e são construídas por esse espaço, participando ativamente de sua transformação e carregando consigo os legados e saberes coletivos. Esse território é composto pela natureza, mas também por modificações, transformada pela práxis humana. Diante disso, é fundamental reconhecer que a constituição do ser humano e dos territórios onde se vive é resultado de uma articulação dinâmica, histórica entre o biológico, social e cultural. Essa compreensão não é apenas teórica, mas tem implicações práticas: exige políticas públicas, práticas pedagógicas e ações comunitárias que reconheçam a complexidade da vida humana e do espaço vivido, valorizando as memórias, a infância, os saberes locais e a relação indissociável entre humanidade e natureza.

Pensar o ser humano como parte da natureza, um ser histórico e social, permite-nos compreender a profundidade das transformações humanas e os desafios éticos que delas decorrem. É nesse horizonte que podemos imaginar práticas mais responsáveis, sensíveis e justas, capazes de honrar não apenas a nossa história, mas também o mundo do qual fazemos

parte. Afinal somos natureza!

3.1 A BRINCADEIRA NA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL¹⁰

Para teorizar a brincadeira e o seu papel no desenvolvimento da criança é importante destacar que Vigotski (2008) percorre o modo como a própria brincadeira surge ao longo do desenvolvimento, sua gênese. Para o autor: “do ponto de vista do desenvolvimento, a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar¹¹” (Vigotski, 2008, p.24).

Cada fase é marcada por modos distintos de apropriação da realidade, e a brincadeira aparece como forma privilegiada. Nesse contexto, o autor faz crítica a área da psicologia que estuda as regularidades gerais do desenvolvimento por serem teorias que desconhecem as “necessidades da criança, teorias que entendem essas necessidades num amplo sentido, começando pelos impulsos e finalizando com o interesse como uma necessidade de caráter intelectual” (Vigotski, 2008, p.24). Compreendendo a brincadeira como realização de desejos e necessidades não satisfeitas na vida cotidiana, chama a atenção de que não se trata de desejos isolados, mas de afetos generalizados. Ao problematizar os motivos e impulsos para a atividade, “essa maturação de novas necessidades, de novos motivos da atividade” (Vigotski, 2008, p.24), demonstram a passagem da criança de um estágio para o outro e para Vigotski deve estar em primeiro plano.

Sobre o reconhecimento da satisfação na brincadeira, o prazer não é condição para caracterizar essa atividade. Para Vigotski diversas ações podem proporcionar vivências prazerosas mais intensas do que a própria brincadeira, citando como exemplo, o prazer despertado pelo movimento de sucção de uma criança ao chupar uma chupeta. Para o autor: “Nada existe no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar que se relacione com isso” (Vigotski, 2008, p.25), reconhecendo a presença de forte sensação de satisfação, mas não de saciedade. Assim como, existem brincadeiras que surgem no final da idade pré-escolar e início da escolarização que não proporcionam prazer imediato, como os jogos esportivos, em que a satisfação está diretamente relacionada ao resultado favorável à criança; que do contrário, pode

¹⁰ Este aprofundamento teórico tem como referência o artigo “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento da criança” de Vigotski. Palestra estenografada, proferida em 1933, no Instituto Gestsen de Pedagogia de Leningrado e traduzida por Zoia Prestes e colaboradores: Tunes, Pederiva, Mundim e Oliveira (2008).

¹¹ Vigotski reconhece a infância em três períodos, a primeira infância (compreendendo a criança até três anos), a idade pré-escolar (compreendendo a criança acima de 3 até 6 ou 7 anos) e a idade escolar.

inclusive provocar frustração e insatisfação, o que revela que a brincadeira nem sempre significa sensação de satisfação.

Vigotski identifica no processo de teorização, que a intelectualização excessiva da brincadeira, acaba por desconsiderar a dimensão afetiva e motivacional da criança. Para ele, compreender a brincadeira demanda conhecer os impulsos, motivos e inclinações que orientam a atividade infantil, pois são essas forças internas que mobilizam a criança em seu processo de desenvolvimento. A brincadeira, nesse sentido, está intimamente relacionada à transição entre estágios etários, marcada por mudanças que sustentam suas ações. Como o próprio autor afirma: “qualquer deslocamento, qualquer passagem de um estágio etário para outro relaciona-se à mudança brusca dos motivos e dos impulsos para a atividade. [...]. Particularmente, não há como ignorar que a criança satisfaz certas necessidades, certos impulsos, na brincadeira. Sem a compreensão da peculiaridade desses impulsos, não é possível imaginar que a brincadeira seja um tipo específico de atividade” (Vigotski, 2008, p. 24-25).

Na idade pré-escolar, observa-se o surgimento de um conflito que é central no psiquismo da criança: entre os desejos e necessidades que ainda não podem ser plenamente realizados; e a tendência de querer satisfazê-los imediatamente. Nesse atrito surge o impulso criativo manifestado de forma mais evidente através da brincadeira. Segundo Vigotski (2008), é por meio da criação de situações imaginárias, que a criança simula a realização daquilo que, na vida real, ainda está fora de seu alcance, revelando a brincadeira como espaço onde o desejo se traduz em ação. Nesse processo, não apenas a dimensão cognitiva, mas também a afetiva é mobilizada, reafirmando a brincadeira como forma singular de atividade humana. A criança brinca sem ter consciência dos motivos que a impulsionaram. “[...] a esfera de motivos, ações, impulsos está relacionada àquelas esferas menos conscientes e se torna plenamente acessível à consciência apenas na idade de transição. Somente o adolescente consegue responder porque ele faz isso ou aquilo” (Vigotski, 2008, p.26). Quando o sujeito é capaz de refletir sobre as razões de seus próprios atos.

Outro aspecto central da teoria de Vigotski é a articulação entre imaginação e regra. Para o autor, não há brincadeira com situação imaginária que não envolva regras. Ao criar suas brincadeiras, a criança estabelece normas que se dispõe a seguir, demonstrando avanços significativos em termos de autorregulação e internalização de comportamentos. “A situação imaginária em si já contém regras de comportamento, apesar de não ser uma brincadeira que requeira regras desenvolvidas, formuladas com antecedência. A criança imaginou-se mãe e fez da boneca o seu bebê. Ela deve comportar-se submetendo-se às regras do comportamento

materno” (Vigotski, 2008, p.27). Tais normas diferem daquelas impostas externamente, como as regras de conduta no ambiente familiar ou escolar, pois são construídas pela própria criança.

Sobre as regras morais Vigotski (2008) se refere às contribuições de Piaget sobre o desenvolvimento na infância, onde se reconhece a primeira moral da criança pela influência do adulto sobre ela. Contudo, destaca também a existência de regras que emergem da colaboração entre pares, nas quais a criança participa ativamente da definição dos limites. A esse tipo de construção normativa na brincadeira, Piaget associa a noção de "regras de auto-limitação e auto-determinação internas". A denominação “realismo moral” aparece para identificar o momento em que a criança tende a confundir regras morais com regras físicas, demonstrando que o desenvolvimento da moralidade infantil passa por estágios complexos de internalização e reelaboração (Vigotski, 2008, p. 29).

Segundo Vigotski, na primeira infância, as ações da criança são determinadas quase que exclusivamente pela força impulsionadora dos objetos presentes no campo perceptivo. Um exemplo disso seria a tendência de subir em uma escada ao vê-la ou de abrir e fechar uma porta simplesmente por ela estar acessível, determinando seu comportamento, que está diretamente relacionado à estrutura da consciência, em que há uma união indissociável entre afeto e percepção. Nessa lógica, a percepção não é autônoma, mas funciona como ponto de partida para a ação impulsionada emocionalmente. A criança, portanto, encontra-se “presa” à situação imediata, reagindo ao que está à sua frente (Vigotski, 2008, p.29).

Com o surgimento da brincadeira, os objetos perdem esse caráter impulsionador e passam a representar outras coisas, funcionando simbolicamente. Nesse contexto, a criança começa a agir não mais com base apenas no que vê, mas a partir do que pensa ou imagina. Como aponta o autor, “Separar a ideia (significado da palavra) do objeto é uma tarefa tremendamente difícil para a criança. A brincadeira é uma forma de transição para isso” (Vigotski, 2008, p.30).

Essa transformação indica o surgimento da capacidade de “percepção real”, vendo um mundo que possui significado e sentido. Segundo Vigotski (2008): “Isso expressa uma conhecida relação entre o objeto e o sentido que surge baseada na fala e significa que cada percepção humana não é única, mas generalizada” (Vigotski, 2008, p.31). Desse modo, na brincadeira:

A criança cria a seguinte estrutura sentido/objeto, em que o aspecto semântico, o significado da palavra, o significado do objeto, é dominante e determina o seu comportamento. [...] na brincadeira a criança opera com o significado separadamente do objeto, mas o significado é inseparável da ação com o objeto real (Vigotski, 2008, p.31).

A transição do concreto para o simbólico representa um marco fundamental no desenvolvimento humano.

Vigotski identificou em seus estudos que: “Na idade escolar, a brincadeira desloca-se para os processos internos, para a fala interna, a memória lógica e o pensamento abstrato. Na brincadeira, a criança opera com significados separados dos objetos, mas sem interromper a ação real com os objetos reais” (Vigotski, 2008, p.32).

Nesse processo, a criança passa a operar com significados que se separam dos objetos concretos, embora a ação com os objetos reais se mantenha. A brincadeira, portanto, inaugura a possibilidade de agir não apenas sobre o que se vê, mas sobre o que se pensa, abrindo espaço para a emancipação da criança das chamadas “amarras situacionais” (Vigotski, 2008, p.32).

Essa transição se caracteriza por uma contradição relevante, por um lado a criança realiza na brincadeira ações que estão em combinação com seus desejos imediatos (linha de menor resistência), por outro, ela é continuamente chamada a agir contrariando impulsos imediatos (linha de maior resistência), em nome do cumprimento das regras. Na explicação de Vigotski (2008), a criança que participa de uma brincadeira com regras (como apostar corrida) mesmo desejando correr precisa conter seu impulso até que se dê o sinal de partida, evidenciando a internalização do autocontrole pela criança, “a criança age contra o que deseja naquele momento” (Vigotski, 2008, p.32). Evidenciando que é na brincadeira que se manifesta de forma mais visível a internalização do autocontrole.

Em síntese Vigotski (2008) apresenta que:

A brincadeira dá à criança uma nova forma de desejos, ou seja, ensina-a a desejar, relacionando o desejo como o “eu” fictício, ou seja, com o papel na brincadeira e sua regra. Por isso, na brincadeira são possíveis as maiores realizações da criança que, amanhã, se transformarão em seu nível médio real, em sua moral (Vigotski, 2008, p.33).

Trata-se de um processo no qual o desejo deixa de se manifestar apenas de modo imediato ou instintivo, passando a ser regulado por regras. Nesse processo, a criança aprende a desejar alinhada com o papel que assume. Por isso, a brincadeira se constitui como um espaço privilegiado, no qual a criança realiza ações que vão além de seu nível de desenvolvimento real, antecipando comportamentos e formas de pensamento que, mais tarde, se transformará em sua moralidade.

Segundo Vigotski (2008), a brincadeira oferece à criança uma possibilidade singular de submissão às regras, quando apresenta ser completamente impossível na vida da criança, torna-se possível através da brincadeira. Reconhecendo dessa forma que: “A brincadeira em forma condensada contém em si, [...], todas as tendências do desenvolvimento.[...] e cria a Zona de desenvolvimento iminente¹²” (Vigotski, 2008, p. 35).

Ao recorrer à metáfora da “onda decúmana” para caracterizar o desenvolvimento infantil na idade pré-escolar, Vigotski evidencia que a brincadeira representa o ponto culminante das transformações cognitivas, afetivas e sociais da criança nesse período. Trata-se de uma atividade em que o desenvolvimento não apenas se expressa, mas se projeta, antecipando condutas que ainda não se manifestam em outros contextos da vida da criança. Nessa perspectiva, a brincadeira revela-se como um espaço privilegiado de atuação na zona de desenvolvimento iminente, condensando tendências essenciais da formação subjetiva (Vigotski, 2008, p.35).

Embora a criança, ao brincar, experimente um sentimento de liberdade, uma vez que é ela quem determina suas ações, essa liberdade é, na verdade, relativa. Trata-se de uma liberdade mediada pelo sentido, pois, mesmo em um contexto lúdico, a criança submete suas atitudes às regras simbólicas e significados que ela mesma institui. Assim, aprende a agir não apenas por impulso, mas em consonância com objetivos internalizados, desenvolvendo progressivamente a autorregulação, a consciência de si e a compreensão de que cada objeto possui um significado. Nas palavras do autor: “A criança aprende a ter consciência de suas próprias ações, a ter consciência de que cada objeto tem um significado” (Vigotski, 2008, p.36).

A criação de situações imaginárias, portanto, constitui-se como via de acesso ao pensamento abstrato e à capacidade de operar com significados dissociados dos objetos reais, característica que se intensifica na transição para a idade escolar, quando a separação entre o brincar e as tarefas cotidianas passa a se afirmar como um marco do desenvolvimento. Para Vigotski (2008):

Na idade escolar, a brincadeira não morre, mas penetra na relação com a realidade. Ela possui sua continuação interna durante a instrução escolar e os afazeres cotidianos[...]. Toda a análise da essência da brincadeira demonstrou-nos que, nela cria-se uma nova relação entre o campo semântico, isto é, entre a situação pensada e a situação real (Vigotski, 2008, p.36).

¹² Nesta tradução de *A brincadeira e seu papel no desenvolvimento da criança* (VIGOTSKI, 2008), optou-se pela expressão "zona de desenvolvimento iminente" em vez da consagrada "zona de desenvolvimento proximal", como ocorre em traduções anteriores. Em nota explicativa da tradução, a escolha busca refletir a intenção original do autor, que desejava expressar simultaneamente as ideias de proximidade e possibilidade.

Assim, ao refletirmos sobre o significado e a teorização de Vigotski sobre a brincadeira em 1933, levando em consideração a brincadeira como atividade predominante, ela constitui-se como um espaço de elaboração simbólica e de construção ativa de sentidos, em que a criança organiza suas ações, experimenta papéis sociais e internaliza significados culturais. Nesse processo, a brincadeira adquire uma função eminentemente formativa, pois projeta a criança para além das condições presentes de seu desenvolvimento, preparando o terreno para novas formas de pensamento e de relação com o mundo. A brincadeira, portanto, revela-se não apenas como um reflexo do desenvolvimento infantil, mas como condição essencial para que este se realize em sua plenitude.

4 INSTRUMENTO DE NAVEGAÇÃO - DESCRIÇÃO DO CAMINHO

Este capítulo apresenta o percurso metodológico que sustenta a investigação, fundamentada em uma abordagem qualitativa, buscando se aproximar da perspectiva Histórico-Cultural e comprometida com a história de vida. Com o objetivo de responder às questões propostas, descrevem-se os cuidados éticos, os procedimentos de coleta e os caminhos de análise dos dados qualitativos que orientaram o desenvolvimento da pesquisa.

A busca pelo conhecimento é ancestral e se constitui por diferentes caminhos. Para Minayo (2001), a pesquisa no campo das ciências sociais possibilita diversas maneiras de se conhecer a existência individual e coletiva no mundo. E, assim, pela égide da cientificidade, precisa ser pensada sob determinados critérios de orientação. Nessa trajetória, o conhecimento científico acontece no processo de articulação entre as bases teórica e a empírica, sendo os caminhos metodológicos os instrumentos que nos auxiliam a tornar plausíveis os dados coletados a partir das perguntas que nos moveram na construção da pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, os fundamentos são os mesmos utilizados nas ciências da natureza: o que é real são os dados brutos; valores e crenças são dados subjetivos que só podem ser compreendidos através dos primeiros, tendo como centralidade a compreensão da realidade humana vivida socialmente. O significado é o conceito central de investigação e, para Minayo (2001), o caminho conflui em:

[...] compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetiva. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (Minayo, 2001, p.24).

Vigotski apud Delari Jr. (2010), ao discutir a dinâmica metodológica no contexto científico, afirma que o método deve estar intrinsecamente vinculado ao objetivo da investigação. Quando nos diz que “a prática reestrutura toda a metodologia da ciência”, o autor evidencia a prática como elemento central e transformador no processo de construção do conhecimento (Delari Jr., 2010, p.07).

Nesta pesquisa, adotamos a história de vida como metodologia qualitativa, por entender que ela permite a aproximação entre a trajetória singular dos sujeitos e os contextos sociais, culturais e históricos em que estão inseridos. Trata-se de uma escolha coerente com a perspectiva histórico-cultural de Vigotski (1928-1931), que compreende o sujeito como um ser constituído nas relações sociais, na linguagem e na atividade humana. Essa abordagem

metodológica torna possível captar sentidos produzidos na experiência vivida, nas memórias e narrativas, valorizando o vínculo entre indivíduo e sociedade.

Marie-Christine Josso (2004) contribui significativamente para o uso da história de vida no campo educacional. Para a autora, ao contar sua própria trajetória, o sujeito não apenas recorda fatos, mas reconstrói sentidos, compreende os aprendizados tecidos ao longo do tempo e elabora sua identidade em constante transformação. Nesse movimento narrativo, a experiência vivida torna-se fonte de conhecimento, e a educação passa a ser concebida como um processo que se realiza na reflexão sobre o vivido, em um diálogo entre o passado e o presente. “Aí se constrói, se tece o tecido social, fundador da individualidade na sua comunidade” (Josso, 2004, p.257).

Como estratégia epistemológica, a pesquisa assume que a memória, os afetos e os sentidos atribuídos às experiências são formas legítimas de produção de conhecimento, capazes de revelar modos singulares de viver e significar o mundo. Nesse sentido, Bosi (2023) enfatiza que: “O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem” (Bosi, 2023, p.58). “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (Bosi, 2023, p.57). A autora ressalta também a importância da escuta atenta, da preservação da singularidade do outro e da memória como resistência. A autora propõe que a lembrança não é um simples retorno ao passado, mas um ato presente, impregnado de sentidos, afetos e valores. Para Bosi: “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (Bosi, 2023, p.72).

Dessa forma, a produção de conhecimento nesta pesquisa está orientada por uma ética do encontro, da escuta sensível e da valorização das narrativas como expressão de experiências subjetivas marcadas por contextos históricos, como a urbanização, os vínculos com a natureza e a vida em comunidade.

Nesta direção, a relação entre a pesquisadora e as pessoas pesquisadas se configura um trabalho interacional, valorizado por privilegiar a troca, por revelar através da fala as condições de vida, suas crenças, as condições históricas, econômicas e socioculturais do grupo pesquisado. A entrevista individual se configura como uma conversa para expressar a realidade, e se enriquece quando se contextualiza sua produção com observações do contexto e do cenário, ampliando para além da expressão verbal outros elementos como atitudes, omissões, cumplicidades, elementos da vida cotidiana (Minayo, 2015, p. 63).

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa conta com:

1) a caracterização da área de estudo fazendo referência a pesquisas bibliográficas, notícias em jornais, dados oficiais e leis, fotos para contextualizar as transformações advindas pelo processo de urbanização do bairro;

2) entrevista semiestruturada com os moradores, que viveram suas infâncias no bairro, dispostos a contarem as suas histórias de vida.

A entrevista semiestruturada dialoga com os interesses da pesquisa por oferecer amplo campo de interrogativas, pois à medida que se recebe as respostas de um entrevistado, novas hipóteses vão sendo formuladas. Desta maneira, este formato possibilita aos informantes um nível de espontaneidade, pois dão vazão à suas linhas de pensamento, lembrando de suas experiências dentro do campo de pesquisa do investigador, passando a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (Triviños, 1987, p. 146).

Minayo (2001) considera que:

O fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e de complementariedade entre o mundo natural e o social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam (Minayo, 2001, p. 25).

Considerando as complexidades inerentes à esta pesquisa, o uso do caderno de campo permitiu à pesquisadora registrar não apenas as falas dos entrevistados, mas também suas próprias observações, impressões e reflexões. O caderno se tornou um espaço para anotar detalhes contextuais, como o ambiente da entrevista, as expressões faciais e corporais, os silêncios carregados de significado e as conexões inesperadas que emergem durante o diálogo, não se configurando apenas como um instrumento de registro, mas como uma extensão da escuta ativa, possibilitando à pesquisadora aprofundar a compreensão das narrativas e construir interpretações mais ricas e fundamentadas. Por isso, ele se constitui como parte integrante da pesquisa, auxiliando na articulação entre o que é dito e o que é percebido no encontro entre pesquisadora e entrevistado.

Assim como o rio, esta pesquisa traça seu curso ao longo do tempo, guiada pelas histórias de vida de moradores que vivenciaram a infância situadas no contexto histórico do bairro Córrego Grande, na Ilha de Santa Catarina, entre os anos de 1945 e 2018, somando um período de 73 anos. Neste cenário, as vivências estão presentes na memória dos sujeitos e atravessadas pelas relações sociais e transformações urbanas, delinearam o percurso investigativo. Como um rio alimentado por afluentes, a pesquisa se fez do encontro, no confluir

das narrativas, tempo e espaço, revelando sentidos produzidos na intersecção entre o individual e o coletivo, o passado e o presente, o cultural e o social.

4.1 AMOSTRA

O Córrego Grande é um bairro da Ilha de Santa Catarina e foi o lugar escolhido para o desenvolvimento da pesquisa pela sua história e proximidade com a pesquisadora. Inicialmente, era um bairro estritamente rural, de natureza intensa até a década de 1960. Mas, no processo de urbanização, as chácaras e fazendas deram lugar a loteamentos e prédios. Inclusive, este processo se intensificou nas últimas décadas.

Para a escolha dos entrevistados, foram definidos como critérios: ter morado e vivenciado a infância no bairro Córrego Grande em período anterior a 2018 e ter participado de diferentes espaços socioculturais, como escola, associação de moradores, praças e parques. Além disso, a seleção buscou contemplar a amplitude do bairro, incluindo representantes de áreas distintas, de modo a captar as particularidades e diversidades territoriais que influenciam as experiências infantis. A intencionalidade desse recorte foi a de contemplar diferentes faixas etárias, possibilitando, por meio de suas memórias, a reconstrução das transformações do território e das experiências infantis vividas em diálogo com a natureza, ao longo do processo de urbanização do bairro. A diversidade geracional e territorial proporcionou um olhar mais abrangente sobre as relações entre infância, natureza e cidade. De modo geral, o convite à participação foi acolhido com interesse e afeto, revelando o vínculo afetivo dos moradores com o bairro e sua disposição em compartilhar lembranças e vivências significativas de suas infâncias.

A amostra desta pesquisa, “não probabilística ou direcionada”, conforme as definições de Baptista et al. (2010), foi escolhida por permitir a seleção das pessoas com base em características específicas que atendem aos objetivos da investigação. Esse método é particularmente adequado quando o objetivo da pesquisa é obter uma compreensão mais profunda em vez de buscar a generalização dos resultados para uma população maior.

Assim, nesta pesquisa, dezenove pessoas foram selecionadas inicialmente. Contudo, sete delas optaram por não participar. Assim, ao final, doze pessoas foram efetivamente entrevistadas¹³.

¹³ O roteiro da entrevista encontra-se em anexo.

A pesquisadora ocupa o cargo de professora do NEIM Fermínio Francisco Vieira, e tem uma estreita relação com a comunidade local. Assim, utilizou como pontos de partida suas próprias redes de profissionais e familiares da unidade educativa e da associação de moradores do bairro - AMOSC. Esses indivíduos foram contatados e convidados a participar das entrevistas presencialmente ou por meio de plataformas digitais, como *WhatsApp* e *e-mail*, garantindo, assim, acesso amplo aos possíveis entrevistados.

Neste estudo, doze moradores¹⁴ que viveram sua infância no bairro participaram da pesquisa, os quais foram organizados por ordem cronológica das entrevistas:

Quadro 4 – Perfil dos participantes da pesquisa

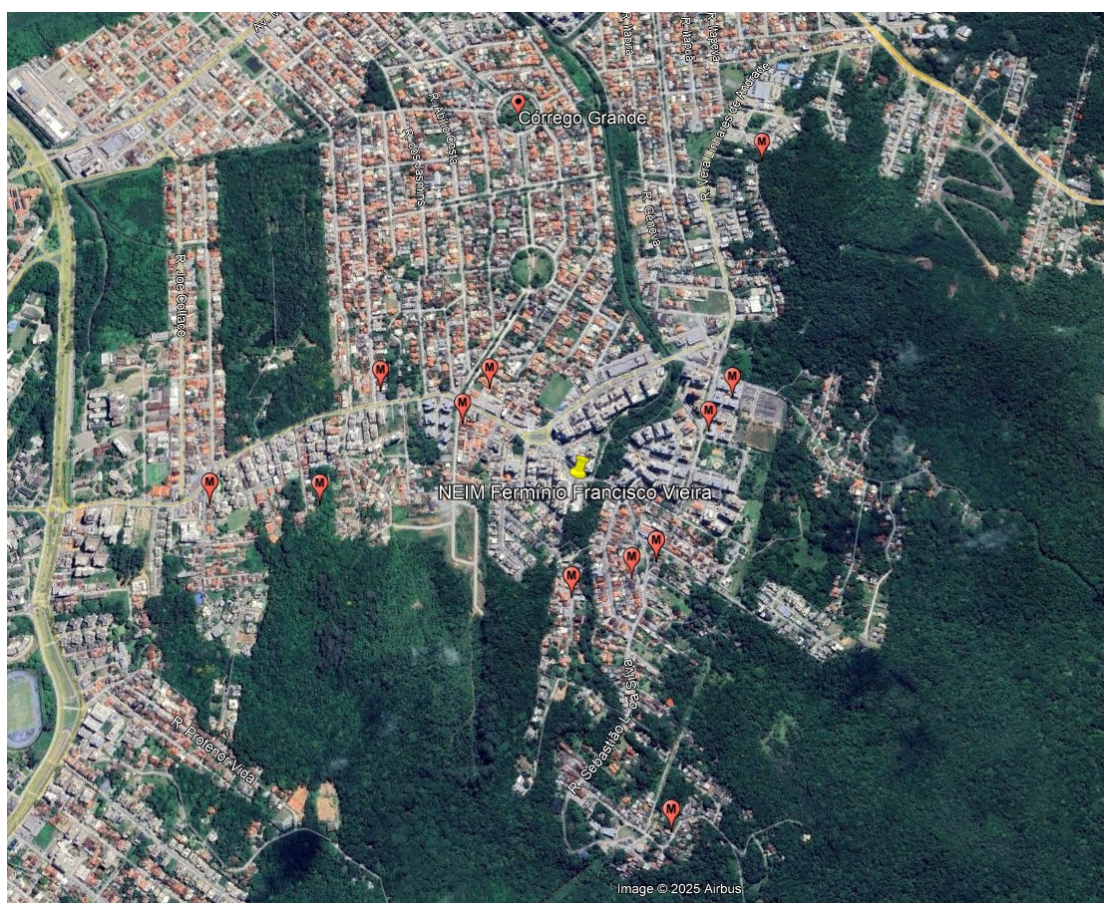
| Ordem de entrevistas | | Nomes | Idade | Moradia | Histórico Familiar |
|----------------------|------------|-----------|-------|---------|--------------------|
| Nº | Data | | | | |
| 1 | 20/02/2025 | Moisés | 70 | Casa | Com |
| 2 | 26/02/2025 | Neuza | 77 | Casa | Com |
| 3 | 26/02/2025 | Isolete | 69 | Casa | Com |
| 4 | 21/03/2025 | Renato | 43 | Casa | Com |
| 5 | 1/04/2025 | Daniel | 45 | Casa | Com |
| 6 | 03/04/2025 | Bernadete | 69 | Casa | Com |
| 7 | 03/04/2025 | José | 80 | Casa | Com |
| 8 | 14/04/2025 | Bruna | 19 | Apto | Sem |
| 9 | 14/04/2025 | Edson | 66 | Casa | Com |
| 10 | 08/04/2025 | Davi | 32 | Apto | Sem |
| 11 | 15/04/2025 | Manuela | 28 | Casa | Com |
| 12 | 23/04/2025 | Thaís | 26 | Casa | Sem |

Fonte: Elaborada pela autora.

¹⁴ Os nomes dos participantes mencionados neste trabalho são reais e estão sendo utilizados com autorização expressa dos mesmos, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A imagem a seguir apresenta a localização aproximada dos moradores entrevistados, considerando suas memórias de infância no bairro Córrego Grande. A demarcação foi feita com base nos relatos orais. O ponto de referência central da imagem é o Núcleo de Educação Infantil Municipal Fermínio Francisco Vieira, espaço de atuação da pesquisadora e onde se originaram os vínculos da pesquisa.

Figura 1 – Imagem aproximada da localização da moradia dos depoentes no bairro Córrego Grande.



Fonte: GOOGLE EARTH PRO. Imagem de satélite capturada em: 20 jun. 2025.

A distribuição espacial apresentada na imagem evidencia que as lembranças narradas pelos participantes não se concentram em um único ponto do bairro, mas se espalham por diferentes contextos do Córrego Grande. Essa variedade de locais reforça a intencionalidade da seleção dos entrevistados, permitindo que a pesquisa abarcasse múltiplas vivências e trajetórias.

A partir dessa diversidade territorial, foi possível compreender como distintos espaços influenciaram a forma como cada morador brincava, circulava e se relacionava com a

comunidade. Assim, a imagem não apenas ilustra a localização dos participantes, mas também sustenta a análise histórica e sociocultural do bairro ao revelar que o brincar infantil se estruturava de modo plural e profundamente marcado pelo território em seu tempo.

O conceito de território utilizado nesta pesquisa está alinhado à perspectiva de Milton Santos (2006), que o compreende não apenas como um espaço físico delimitado, mas como um conjunto indissociável de formas, usos, práticas sociais e relações de poder. Para o autor, o território é sempre “território usado”, ou seja, ganha sentido a partir das ações humanas que nele se inscrevem, das memórias que se acumulam e das dinâmicas cotidianas que o constituem.

Assim, o território não é apenas o bairro Córrego Grande enquanto extensão geográfica, mas o modo como esse espaço é vivido, apropriado, percorrido e significado pelos moradores. É nesse entrelaçamento entre espaço e experiência que moram as memórias de infância, revelando o território como uma construção histórica, social e afetiva.

4.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Esta pesquisa está estruturada a partir do estudo bibliográfico, pesquisa documental (incluindo materiais audiovisuais, fotografias, notícias em jornais, mapas e registros oficiais) e pesquisa de campo. As entrevistas foram realizadas por meio de questionário semiestruturado, utilizado como principal instrumento de coleta de dados, permitindo acessar de forma mais aberta e aprofundada as experiências, memórias e percepções dos participantes.

Ecléa Bosi argumenta que, na maioria das vezes:

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (Bosi, 2022, p. 57).

A partir desta indicação de Bosi, é possível afirmar que, embora houvesse um roteiro inicial, as perguntas exploratórias permitiram que os entrevistados tivessem liberdade para encadear e compor, à sua maneira, os momentos de seu passado.

As entrevistas aconteceram, em sua maioria, presencialmente, em um local confortável para o entrevistado, definido com antecedência. Por limitações de tempo, somente um dos

entrevistados solicitou que a entrevista fosse remota¹⁵. Todas foram gravadas com um gravador de voz do celular e salvas como um arquivo digital na conta pessoal do *OneDrive* da pesquisadora. Somente a pesquisadora, orientadora e a coorientadora tiveram acesso ao material armazenado.

As entrevistas foram integralmente transcritas, buscando preservar as características da oralidade. Desvios gramaticais, pausas e outras marcas da fala espontânea foram mantidos com o objetivo de garantir fidelidade ao modo de expressão dos participantes. Além dos relatos orais, a entrevista também contou com a inclusão de cópias autorizadas de materiais disponibilizados pelos próprios entrevistados, como fotografias, objetos e brinquedos de sua infância, os quais serviram de instrumento enriquecendo a memória afetiva.

Os entrevistados tiveram acesso à transcrição de sua entrevista para aprovação final. Apenas um entrevistado solicitou alteração de conteúdo na transcrição, relacionada a dados pessoais, não comprometendo as informações compartilhadas. Tivemos o registro de apenas uma situação inesperada, envolvendo a senhora Neuza, que estava acompanhada por sua irmã, por questões de saúde. Resolvemos, então, considerar entrevistar as duas simultaneamente, já que a dinâmica fluiu de forma que uma complementava a outra.¹⁶

4.3 ARMAZENAMENTO DOS DADOS

As entrevistas realizadas como parte desta pesquisa serão armazenadas de forma segura e organizada, garantindo a proteção dos dados e a conformidade com as exigências éticas. O processo de armazenamento seguirá os seguintes passos:

1. Formato dos arquivos: os arquivos de áudio serão armazenados no formato “.m4a” e os arquivos de transcrição no formato “.doc.” para facilitar o manuseio e a análise dos dados.
2. Organização e nomenclatura: os arquivos serão nomeados de acordo com uma nomenclatura padronizada, incluindo o nome do entrevistado e a data da entrevista. Por exemplo: para os áudios: entrevistado.m4a; e para as transcrições: entrevistado.datadaentrevista.doc.

¹⁵ Através da plataforma Google Meet.

¹⁶ As irmãs ficaram cientes da situação e ambas autorizaram o uso da entrevista, assinando o documento TCLE.

4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Os procedimentos éticos desta pesquisa seguiram rigorosamente as diretrizes estabelecidas pelas normativas nacionais que regulam pesquisas com seres humanos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) e obteve aprovação, CAAE: 81151924.2.0000.0121, garantindo a conformidade com a Resolução nº 466/2012 e a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após terem sido informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos, os possíveis riscos e benefícios, e assegurados do direito de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízos. Os armazenamentos dos dados seguirão protocolos rigorosos de segurança, garantindo a confidencialidade das informações, conforme preconizado pelas normas éticas.

5 A FOZ – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA

A análise dos dados foi realizada entre os meses de abril, maio e junho de 2025. Inspirada nos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo propostas por Bardin (2016), a construção da interpretação dos resultados seguiu as três fases principais indicadas pela autora: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados com inferência e interpretação.

Inicialmente, na fase de pré-análise, foi realizado um estudo minucioso de todo o material produzido, referencial teórico, diário de campo, fotografias, documentários, transcrições e a leitura integral das entrevistas, com o objetivo de identificar os conteúdos centrais das mensagens expressas pelas(os) participantes. Após a releitura integral das entrevistas, os dados foram submetidos à codificação por cor e classificação inicial, a partir de critérios de semelhança e contraste. Essa etapa permitiu identificar conteúdos recorrentes nas narrativas, o que serviu de base para a organização sistemática dos eixos de análise.

- a) Infância e o processo de urbanização
- b) A natureza nas memórias e na constituição da infância
- c) Brincadeiras e jogos nas lembranças do Córrego Grande

Como parte da organização dos dados e visando garantir uma compreensão contextualizada da infância vivida pelos sujeitos, tornou-se necessário dispor os depoentes por faixas etárias, o que possibilitou situar temporalmente suas experiências, considerando as diferentes décadas e transformações no território estudado. Além disso, o reconhecimento de ter histórico familiar ou não no bairro, se a moradia era casa ou apartamento, se mostrou relevante para a leitura da infância em seu contexto sociocultural.

Para esse fim, foi elaborado um quadro-síntese das(os) entrevistadas(os), contendo informações como: Grupo, Faixa etária, Número de Entrevistadas(os) e Histórico Familiar. Este quadro funcionou como uma ferramenta de apoio para visualizar os dados de forma estruturada e orientar o recorte analítico.

Quadro 5 – Número de entrevistados por grupo

| Grupo/ PERÍODO | Faixa Etária (anos) | Número de Entrevistados | | | Histórico de permanência | |
|-------------------|------------------------|-------------------------|-----------|-------|--------------------------|------------------------|
| | | Feminino | Masculino | Total | Com Histórico Familiar | Sem Histórico Familiar |
| G1/ 1995-1971 | 80 – 66 | 3 | 3 | 6 | 6 | 0 |
| G2/ 1980-1993 | 45 – 32 | 0 | 3 | 3 | 2 | 1 |
| G3/ 1997/2018 | 28 – 19 | 3 | 0 | 3 | 1 | 2 |
| TOTAL | PERÍODO DE 73 ANOS | 6 | 6 | 12 | 9 | 3 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Somente após essa etapa foi possível organizar os excertos das entrevistas nos quadros dos eixos de análise, elaborados com base nos indicadores dos conteúdos identificados previamente. Essa sistematização agrupou as falas em torno dos aspectos centrais da pesquisa e favoreceu a articulação entre os dados empíricos e os referenciais teóricos. Essa organização constituiu um passo fundamental para a análise interpretativa dos dados, orientando a estruturação dos capítulos.

Quadro 6 – Eixos de Análise:

| | |
|---|--|
| EIXOS ARTICULADORES | DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO |
| Infância e o processo de urbanização | Este eixo busca compreender como a infância, em suas experiências e modos de habitar, revela sentidos e significa o processo de urbanização, especialmente no uso do espaço urbano como território de convivência, brincadeira e desenvolvimento |
| <ul style="list-style-type: none"> ● Contextualização histórica do bairro ● Marcadores sociais como trabalho e escola ● Medo | |
| EIXOS ARTICULADORES | DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO |
| A natureza na memória e na constituição da infância | Neste eixo serão apresentadas as narrativas que expressam como a natureza participa da formação das experiências infantis, tanto nos aspectos lúdicos, como nos afetivos, simbólicos e práticos |
| <ul style="list-style-type: none"> ● Sentimento de liberdade e segurança ● Modos de viver a natureza na infância | |
| EIXOS ARTICULADORES | DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO |

| | |
|---|---|
| Brincadeiras e jogos nas lembranças do Córrego Grande | Identificar as brincadeiras e jogos infantis nas memórias vividas e suas interseccionalidades com o bairro Córrego Grande |
| <ul style="list-style-type: none"> ● Tipos de brincadeiras ● Motivação/ necessidade da criança ● Como se desenvolve a atividade de brincar | |

Fonte: Elaborada pela autora.

Diante da complexidade inerente ao objeto desta pesquisa, a infância e a memória no contexto ostensivo de urbanização do bairro Córrego Grande, a triangulação se mostrou especialmente relevante. Entendida como um elemento essencial na metodologia qualitativa, é compreendida por Minayo (2014) como uma estratégia que enriquece a compreensão dos fenômenos estudados, amplia as fontes de dados e as perspectivas analisadas. Ao promover o diálogo entre diferentes métodos, dados, teorias e contextos, a triangulação assegura uma análise mais profunda e multidimensional. É importante para pesquisas que buscam interpretar realidades complexas, pois permite integrar informações provenientes de diversas vozes e situações, evitando vieses e garantindo uma visão mais ampla e enriquecedora do objeto de estudo (Minayo, 2014, p. 361-372).

Ao articular entrevistas, registros documentais e observações, esta estratégia oferece uma visão mais ampla, sensível e contextualizada das experiências de diferentes gerações no território investigado.

5.1 INFÂNCIA E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: TERRITÓRIO, IDENTIDADE E MEMÓRIA

O importante é não estar aqui ou ali, mas SER. E ser é uma ciência feita de pequenas e grandes observações do cotidiano dentro e fora da pessoa. Quando não executamos essas observações, não chegamos a ser; apenas estamos desaparecendo. (Carlos Drummond de Andrade)

O encontro com esta citação de Carlos Drummond de Andrade aconteceu durante a leitura de um livro de Daniel Munduruku (2009), *Banquete dos Deuses*, e sua escolha se justifica por sua proximidade conceitual com a noção de *vivência*, central na obra de Vigotski. Ao afirmar que: “ser é uma ciência feita de pequenas e grandes observações do cotidiano dentro

e fora da pessoa”, o poeta parece indicar que o ser humano se constitui numa relação atenta e sensível com o mundo, de pertencer e ser pertencido. Essa perspectiva dialoga diretamente com Vigotski, para quem o desenvolvimento humano depende da forma como o sujeito vivencia e atribui sentido às experiências. Quando Drummond complementa que, ao não realizarmos tais observações, “apenas estamos desaparecendo”, ele evoca a ideia de que aquilo que não é elaborado emocional e subjetivamente tende a se esvaziar, a perder sentido. Para Vigotski, a *vivência* é justamente essa articulação entre o mundo externo e o mundo interno da criança, sendo condição para a apropriação cultural e a constituição subjetiva. Assim, ser, nesse contexto, não é apenas existir, mas significar-se no mundo por meio da experiência vivida.

As vozes que dão corpo a essa pesquisa compartilham trajetórias de um tempo que passou, como expressões vivas de um passado que ancora o presente e projeta sentidos para o futuro. Suas experiências ganham corpo na fala e nas imagens evocadas, produzindo conhecimento e reforçando o sentimento de pertencimento. Assim como Drummond nos lembra da necessidade de “ser”, os moradores do Córrego Grande, ao revisitarem suas histórias, lançam novos olhares sobre o bairro, sobre si mesmos e sobre o mundo, revelando como o passado vivido se atualiza no presente e continua a ecoar no tecido da vida social, como memória que tensiona e ressignifica às transformações sociais e territoriais.

Nessa travessia, buscando encontrar um ponto de partida, acabamos nos ancorando no fim, na última pergunta feita aos participantes durante as entrevistas: “Você gostaria de ser identificado ou prefere o anonimato?” Essa indagação, que inicialmente se restringia a uma escolha ética, revelou-se carregada de significados sobre a relação dos entrevistados com o território e suas experiências de pertencimento. No contexto do bairro Córrego Grande, um espaço marcado pela convivência entre diferentes gerações e transformações urbanas, a decisão de se identificar não se limita a uma autorização, mas expressa um posicionamento ativo frente à memória e à história coletiva.

As falas apresentadas neste trabalho foram transcritas com o objetivo de preservar a oralidade e a expressividade das(os) entrevistadas(os), respeitando as formas linguísticas espontâneas que fazem parte da forma de se expressar de cada pessoa. Essa escolha busca valorizar a linguagem como marca da experiência, da cultura e da identidade, compondo, assim, uma escuta mais fiel aos sentidos compartilhados ao longo da pesquisa. Diante dessa escolha metodológica, não se fará uso da marcação [sic] nos trechos citados, uma vez que eventuais desvios em relação à norma-padrão são compreendidos como elementos legítimos da linguagem falada e não como erros a serem destacados.

Como afirma Ecléa Bosi (2022), "nossa linguagem é um processo vivo, ligado à natureza; de um mar de sons vagos emergiram recortes de frases e palavras como ilhas flutuantes" (Bosi, 2022, p. 203). Nesse sentido, a linguagem oral carrega uma carga expressiva e afetiva que não pode ser reduzida a padrões gramaticais normativos. Ao optar por manter essa linguagem viva em sua forma original, reconhece-se a potência cultural das falas como forma de narrar experiências, memórias e pertencimentos.

A senhora Bernadete G1 nos respondeu o seguinte: *“Não, eu não tenho problema de eu ser reconhecida. Pra mim é um prazer até!”* (03/04/2025)

Para o senhor Moisés G1: *“Penso que não vai me atingir em nada não. Tá tranquilo. Sim.”* (20/02/2025)

A fala do senhor José G1: *“Pode reconhecer! Pode botar... se quer até bater a minha foto botar aí, pode botar! [...] Pra mim não tem problema nenhum. [...] Tô falando a verdade! Pode, pode colocar.”* (03/04/2025)

Renato G2 expressou também: *“Pra mim não tem problema nenhum [...] pra mim é tranquilo. Se eu puder ajudar, pode contar. Se precisar de mais alguma coisa.”* (21/03/2025)

Renato é o pai de três crianças que já passaram pela unidade educativa e já citado anteriormente. Sempre solícito e disposto a somar.

Ao ser consultada, Thaís G3 respondeu: *“Pode, pode colocar.”* (23.04.2025)

Para a Manu: *“pode colocar sim.”* (23/04/2025)

Para Davi: *“dou total anuência para me identificar.”* (08.04.2025)

A escolha por se identificar ou permanecer anônimo pode ser compreendida a partir da perspectiva da territorialidade, conceito que transcende o espaço físico para abarcar vínculos afetivos, identitários e sociais. Segundo Haesbaert (2004), o território não é apenas um local geográfico, mas uma construção simbólica que abrange as relações sociais que ali se estabelecem. No caso do bairro Córrego Grande, a territorialidade se manifesta na convivência entre moradores antigos e novos, em um espaço que, mesmo urbanizado, ainda preserva laços comunitários e memórias afetivas.

Como no sentimento de Moisés G1:

Eu nasci e me criei aqui dentro do córrego Grande, aqui onde é o prédio, aqui era a casa do meu pai, dava quase cinco mil metros quadrados né. Aí, quando o pai faleceu já faz vinte anos, aí os irmãos venderam, ficaram com o dinheiro e eu fiquei com esse pedaço de terra. Na época já, minha casa já estava aqui, aí eu não ia sair daqui pra ir para outro lugar, [...]. Mas eu consegui ficar, hoje com a escritura pública, cem por cento legalizada, tudo direitinho, eu fiquei aqui assim. E hoje daqui só morto mesmo como diz a história né? (20/02/2025)

Quando me contou da horta de sua casa, Bernardete G1 expôs o seguinte: *Na verdade a gente não quer perder a essência de antigamente. [...] me sinto bem quando abro a janela de manhã e olho pra aquele verde que tá ali. Porque a gente foi criado assim, né? Com horta grande, com roça grande.* E compartilhou o seu sentimento por ter sido entrevistada:

Tá sendo tão importante para mim porque, [...], é um sonho ser realizado, de eu contar a minha história de vida. Sabe menina porque a gente foi criada de um jeito e hoje está tudo de outro jeito. Então eu sempre quis ter um sonho de eu falar da minha infância, do que foi o meu lugar, de como eu fui criada, o que eu passei...[...]. Então eu queria deixar isso escrito até como diz, escrito pra..., muita gente fala do Córrego Grande, mas não sabe o que foi o Córrego Grande. [...] E a maioria de pessoas que hoje tá aqui no Córrego Grande, são tudo gente que não são daqui. Nem sabe como é que foi! Nem sabe. (03/04/2025)

Assim, o território aqui compreendido é simultaneamente lugar de memória, expressão da identidade e espaço de resistência simbólica. As narrativas demonstram que as pessoas não apenas habitam o bairro, mas também o constroem com suas histórias, gestos e afetos. A memória do lugar é, portanto, uma forma de reivindicar presença: de si mesmos e das experiências coletivas que desejam preservar.

A análise crítica entre território e lugar mostra que compreender o espaço atual exige incorporar simultaneamente as dimensões da globalidade e da particularidade. Nas palavras de Santos (2006), “um dinamismo que se está criando a cada momento, uma relação permanente instável, e onde globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência ” (Santos, 2006, p.213).

Nesse sentido, a dialética entre globalização e localização discutida por Milton Santos permite compreender que o sentimento de pertencimento dos moradores se constrói justamente na vivência cotidiana do lugar, que, mesmo atravessado por fluxos globais, mantém sua singularidade e identidade próprias.

Para o senhor Moisés G1:

O progresso foi vindo, foi vindo, foi vindo né? [...]. Hoje tá cheio, cheio de coisa ali tudo. Ah não, a diferença é grande! Só que eu sou do tipo assim que... vou me acostumando, tem que ser! Se tu ficar naquela: “ai meu Deus do céu; ai isso aqui; ai que é a casa do meu pai”. Ai tu endoida! (20/02/2025)

Entre os entrevistados que viveram a infância no bairro até os anos 1970, a relação com o território é marcada por vínculos profundos, tecida pela memória e pelas práticas familiares e comunitárias. São moradores que não apenas habitam o lugar, para eles, o espaço resiste,

mesmo em meio às transformações, porque permanece vivo nas histórias compartilhadas e na afetividade cotidiana, mas nem todos processam da mesma forma as mudanças.

Para o senhor Edson G1:

O lugar para mim era ótimo! Hoje, hoje tá pior. É, antigamente aqui a gente se conhecia todo mundo! E na época todo mundo era família, era compadre, aí meu avô matava um boi o vizinho assim ó, “ô vizinho, eu tenho um garrote lá”. Era assim, era troca de comida um pro outro. Hoje, ninguém, ninguém ajuda quase ninguém. Só vive para si. Eu penso. (14/04/2025)

O relato do senhor Edson expressa, de maneira sensível, a transformação das relações sociais e territoriais no bairro. Ao afirmar que “todo mundo era família” e lembrar das trocas cotidianas de alimentos e cuidados, ele evoca uma sociabilidade marcada por vínculos de confiança, reciprocidade e pertencimento coletivo. Entretanto, ao contrastar esse passado com o presente “hoje, ninguém ajuda quase ninguém. Só vive para si” aponta para a fragmentação social provocada pela urbanização acelerada e pela lógica individualizante das cidades contemporâneas.

Assim, o depoimento do senhor Edson não é um lamento, mas uma denúncia sensível de uma mudança estrutural nos modos de habitar e se relacionar com o território. Ele reforça que os processos de urbanização não afetam apenas a paisagem, mas também os modos de vida e os sentidos de pertencimento dos sujeitos que ali vivem.

Buscamos refletir sobre como a identidade territorial se manifesta e se fortalece nas falas e nos desejos dos entrevistados. Ao compreender o território como espaço vivido e afetivo, preparamos o terreno para a contextualização histórica através da qual será possível aprofundar os processos de transformações e as disputas em torno da terra, da memória e da permanência.

5.2 CAMPO DE PESQUISA – O CÓRREGO GRANDE

O Córrego? O Córrego, esse rio aqui passava no nosso terreno lá embaixo! No pasto, ele passava no meio. Tinha lugar que era fundo, tinha lugar que era raso. Hoje! Esse rio aí, o nome é Córrego Grande, né? Hoje ele não é mais Córrego Grande é Vala Pequena! Porque tu atravessa ele e não molha o pé! Antigamente eu tinha que atravessar a nado! (José G1, 03/04/2025)

O Córrego Grande é um bairro da Ilha de Santa Catarina, localizado na região centro-oeste, que faz divisa com os bairros Pantanal, Santa Mônica, Itacorubi, Lagoa da Conceição, Rio Tavares e Costeira do Pirajubaé. Sua colonização iniciou-se no século XVIII, a partir da comunidade da Lagoa da Conceição, que era estritamente rural. O nome Córrego grande se deve ao rio que nasce no sertão do Córrego e corta o bairro até desaguar no mar.

A recordação da senhora Bernadete G1 em tendo sua residência como ponto de referência indica que:

Antigamente era, tinha muita árvore. [...]. Aqui era muita chácara e muita roça. E era muito pasto. Aí tinha aqui perto da ponte (próxima ao NEIM Fermínio) tinha aquele pasto que tinha aquela criação de vaca, né? Que toda vida eu ia pegar leite ali também. Aqui atrás também teve também um pasto grande. Pasto e aqui onde é esses prédios era tudo pinheiral. Era tudo banhado e os pinheiros. (03/04/2025)

Já para Daniel G2, a percepção era outra:

Hoje eu vou dizer para ti que tem mais árvores que antigamente, mais preservação que antigamente. Aí você vai perguntar “mas cresceu o bairro? Cresceu o bairro, só que antes tinha muita plantação. Tinha plantação de batata, plantação de milho, plantação. Então fazia muito, tinha a questão do gado que tinha que ter pasto, então aquele morro todo lá, ó... nos fundos do terreno do meu avô era uma ou duas vezes por ano eles queimavam. Não o meu avô, mas os proprietários do terreno acima, eles tocavam fogo, então querendo ou não, tudo bem (cumprimentou outro conhecido) querendo ou não eh... queimava a vegetação, prejudicava a natureza, tudo. Hoje tu olha é só verde, entendeu? [...]. Por isso! Porque aquele morro todo lá para cima era gado, era, então eles tacavam fogo, chegava numa época seca tu só via fumaça lá, então hoje tu não vê mais isso, não tem mais gado... entendesse? (01/04/2025)

Nas baixadas predominava a pecuária, horticultura, plantação de arroz na área alagada do Jardim Anchieta. Cafezal, plantação de laranjas, tomates, melancias. Pelos relatos dos moradores haviam muitos engenhos de farinha. Pela conta do senhor Edson G1: “*Aqui em cima se não me engano na época tinha umas dez casas mais ou menos. Engenho tinha um, dois, três, tinha quatro, cinco, seis, na minha mente tinha nove engenho, de farinha.*” E quando lhe foi perguntado se ainda existia algum, ele nos disse: “*Não! Não tem nenhum. [...] O único que tinha era ali perto do, do Balacas ali, mas já faz uns vinte anos que foi desativado.*” (14.04.2015)

Na década de 1930, os padres Jesuítas instalaram uma fazenda para ajudar na manutenção do Colégio Catarinense. Nessa fazenda, foi construída a primeira igreja do bairro, Puríssimo Coração de Maria, tombada pelo patrimônio histórico do município. Nas lembranças das irmãs Neuza e Isolete:

A gente quando chegava domingo... uns sete ou oito anos... quando chegava domingo, a mãe acordava nós e ia tudo pra missa e tinha que pegar o véu, nosso veuzinho e o caderninho e a gente ia pra missa. Tinha que ir todo domingo. Não podia faltar... O pai, a mãe e nós. [...]. Cada morador ia arrumar a igreja, nós ia arrumar a igreja, levava flor. Tinha que acompanhar a mãe. (26.02.2025)

Com o passar dos anos a organização da vida coletiva passou a demandar novas instituições. Nesse contexto, a educação ganhou espaço como direito e necessidade. Em março de 1956, foi criada a primeira escola do bairro, ainda como uma escola isolada, funcionando na propriedade de Dionísio José Amorim, morador da comunidade. Esse marco representou um passo importante na estruturação do bairro. A trajetória da escola acompanhou de perto o crescimento da região, como se verá a seguir com base nas informações contidas no PPP da escola João Alfredo Rohr.

Figura 2 - Registro Fotográfico da Casa Escola do Córrego.



Fonte: Arquivo pessoal Daniel. (s.d)

Trata-se da primeira Casa Escola do Córrego Grande, situada onde hoje se encontra a Agrocano, na Rua João Pio Duarte Silva, 1158, Córrego Grande.

Uma década depois, em 1966, a Prefeitura de Florianópolis recebeu como doação do então vigário da paróquia, Padre João Alfredo Rohr, um terreno onde foi construída uma escola reunida. A nova unidade foi inaugurada em 20 de junho de 1966, durante a gestão do prefeito Acácio Santiago. A construção da estrutura atual teve início em outubro de 1973, no governo do prefeito Ary de Oliveira, sendo concluída em 17 de dezembro de 1974, na administração do prefeito Nilton Severo da Costa. Nessa fase, a escola ainda operava como escola reunida, atendendo turmas da 1ª à 4ª série.

Em 1975, com a ampliação do ensino para as séries de 5^a a 8^a, e a pedido da comunidade, a escola passou a ser oficialmente nomeada em homenagem ao doador do terreno, tornando-se Escola Básica Municipal Padre João Alfredo Rohr. Na época, dispunha de apenas quatro salas de aula e atendia cerca de 400 estudantes, organizados em três turnos: matutino, vespertino e intermediário.

A quadra polivalente de esportes foi inaugurada em 24 de setembro de 1977. Anos mais tarde, em 1985, a escola passou por uma ampliação significativa, dobrando o número de salas de aula para oito, o que permitiu melhor acomodação e atendimento à crescente demanda da comunidade.

De todos os entrevistados, somente Davi G2, Bruna G3 e Manuela G3 não estudaram na escola pública do bairro.

Foi na década de 1960 que se iniciou a urbanização do Córrego Grande com o desmembramento da fazenda dos padres para implantação de uma grande área residencial chamada Jardim Anchieta. Este contexto está muito presente na memória do senhor José G1: *“Quando veio o Parque São Jorge e o Jardim Anchieta, loteou o terreno ali, era tudo banhado! Era tudo terra de arroz. Plantava arroz. E eles tiraram aqueles morro todo para aterrar os terrenos. E deixaram tudo reto.”* (03/04/2025)

Momento em que o bairro começou a receber novos moradores com a instalação da UFSC no bairro da Trindade, em 1961 e a construção da empresa Centrais Elétricas – EletroSul, em 1978, no bairro do Pantanal. A primeira grande área residencial planejada do bairro, surgiu em 1970, o Jardim Guarani, implantado por meio de um programa habitacional da COHAB (Companhia de Habitação Popular). Localizado mais para o interior do bairro.

Tinha também o matadouro do seu Vidal. O senhor Moisés G1 recordou:

[...] o açougue não, o matadouro dos irmãos Vidal, que ficava ali, um pouquinho no começo do Córrego Grande! Ali, ali era o matadouro, vinha boi de tudo quanto era lugar e eles matavam o boi ali. É eu gostava de ir pra lá! De manhã cedo, eu ia lá comprar carne e ficava o dia todo! Ajudava a matar o boi, tirar o couro, fazia tudo, aí eu era danado por isso aí! (20.02.2025)

Nesse período, o ofício da maioria das mulheres era lavadeira. Lavavam roupas de roupas para clientes da Trindade e centro da cidade. Como nos contou Daniel G2: *“[...] a minha avó e a minha mãe, elas eram lavadeiras, lavavam roupa para fora. Né? Para as pessoas que moravam às vezes até fora do bairro do Córrego Grande.”* (1.04.2025)

Renato G2 compartilhou a seguinte lembrança: *“[...] a minha mãe já não pegou essa época, porque ela não comentou nada assim, mas minha avó lavava roupa para fora, né? [...]*

esse pedaço aqui, se você, acho que na placa ali deve estar, é, Parque Linear, bosque das lavadeiras!” (21.03.2025)

O Bosque das Lavadeiras é vizinho do NEIM Fermínio e todos os entrevistados com histórico familiar no bairro direta ou indiretamente guardam em suas memórias experiências vividas ou histórias de família como no caso do Daniel e Renato do grupo G2 que em seus relatos falam de suas mães e avós e no caso da Manuela do grupo G3 que fala da sua Bisa.

Daniel em sua entrevista compartilhou de seu arquivo pessoal a foto das lavadeiras.

Figura 3 - Imagem das lavadeiras do Córrego



Arquivo pessoal do Daniel. (S.D.)

Quando tivemos acesso a essa fotografia, ainda não sabíamos identificar as mulheres retratadas. Porém, durante a entrevista com a senhora Bernadete G1, após ela expressar em sua entrevista:

Pena que eu nunca pude ter uma coisa na mão pra fotografar e dizer assim ó, era assim, assim, assim. Ver as nossas lavadeiras no córrego. Que todo mundo lavava roupa. A profissão das mulher era só lavadeira. E aquilo ali era uma felicidade vendo aquelas mulheres lavando roupa, eu digo nossa! E hoje tudo é deferente! O nosso córrego hoje tá precário, cheio de esgoto. Não temos água, a água que temos é da CASAN, acabaram com tudo! Cada, o que te cerca são esses prédios. Não são gente daqui. (3.04.2025)

Mostramos a fotografia a ela, que de imediato nos confirmou ser de sua família. O registro de sua tia e da sua avó. Ela nos contou que nessa época, as águas eram abundantes e límpidas.

Todos os moradores do grupo G1 guardam memória de quando a rua geral ainda era estrada de chão, a pavimentação da rua geral se deu em 1982 e, ao longo dela, prevaleciam sítios com grandes áreas de mato e pasto. Era ainda um bairro essencialmente rural. No asfalto, os carros circulavam com mais velocidade, mas o trânsito ainda era local. Não havia acesso à SC 4001, rodovia que liga os bairros centrais à Lagoa da Conceição. A partir da ligação com a SC4001, o Córrego Grande passou a ser também o caminho de acesso às praias para moradores fora do bairro. E mais áreas como o Jardim Germânia, o conjunto de condomínios da Berman e Jardim Europa passaram a existir, ampliando o número de moradores.

A área que hoje abriga o Parque Ecológico do Córrego Grande, o Horto Florestal, em tempos remotos era uma antiga chácara de produção leiteira. Em 1946, o Governo Federal adquiriu o terreno e implantou um projeto de reflorestamento. Époça em que as irmãs Isolete e Neuza relataram frequentar o Horto Florestal: *“A gente ia lá curiosas para ver as folhagens, as plantas, ali tinha plantação, né? E o meu pai trabalhava lá. A gente ia com meu pai. A gente ia e voltava.”* (26.02.2025)

Em 1991, o espaço passou a ser orientado para a conservação da biodiversidade com a instalação do IBAMA, promovendo o retorno de espécies nativas e servindo como centro de triagem de animais silvestres. Um convênio entre IBAMA, Prefeitura de Florianópolis e COMCAP, em 5 de agosto de 1994, representou um marco ambiental para a cidade de Florianópolis, que na época visava consolidar-se como capital turística do Mercosul. Contudo, logo após sua abertura, uma grave tempestade causou seu fechamento temporário. Momento lembrado por Davi G2, *“O Horto, ele, ele ficou durante muito tempo fechado né? Porque ele tinha eucalipto se eu não me engano e um desses é teve um acidente então boa parte da minha infância o Horto ficou fechado. Ele foi reabrir assim, quando eu já era adolescente”* (08/04/2025). Quando foi criada a Fundação Municipal de Meio Ambiente (FLORAM), em 1995, permitindo a retomada e o fortalecimento da gestão ambiental do parque, espaço que hoje cuida da preservação e educação ambiental (Florianópolis, 2020). Momento em que o horto foi muito frequentado por Manuela e Bruna do G3 como veremos à frente.

Em 2020, o Horto Florestal foi palco de disputas, aparecendo nos relatos da Thaís G3, Renato G2 e como nos conta o Daniel G2:

Terreno da união que depois foi cedido pro estado né. Então nós estamos indo... é uma briga hoje de a União passar esse terreno pra prefeitura. Porque há pouco tempo na administração do presidente, o outro presidente antes dessa do Lula ele botou os terrenos eh nacional que são do Governo Federal para venda! Fez um levantamento e ali era um deles e nós fizemos um trabalho de mobilização e junto com os moradores que eu até botei é eh... o parque... “Horto Florestal do Córrego Grande à venda!” [...]. Ai deu um abaixo assinado de não sei quantas mil, veio senador Esperidião Amin, veio o senador Dário Berger, veio o ministro do meio ambiente, da era Bolsonaro, veio ali e nós fizemos ele assinar um documento que ia retirar de pauta com o Jorginho Mello que é o atual governador fizemos... o Jean que era o prefeito na época, fizemos ele assinar o documento de retirada do... dessa lista e conseguimos! Agora nós estamos querendo eh que venha pra prefeitura e que a prefeitura consiga fazer manutenção, outras coisas mais. (01.04.2025)

Conforme divulgado pela FLORAM no portal da PMF, o Parque Ecológico Municipal do Córrego Grande teve a cessão de uso renovada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), com a promessa de futura transferência definitiva ao município. O anúncio foi realizado durante encontro entre autoridades municipais e o Ministro do Meio Ambiente, que assegurou que medidas jurídicas seriam tomadas para formalizar a transferência, encerrando a necessidade de renovações periódicas da cessão. A decisão foi motivada pela intensa mobilização da comunidade local, que contou com o apoio da Prefeitura de Florianópolis. A campanha pela permanência do parque sob gestão municipal reuniu mais de 54 mil assinaturas por meio de um abaixo-assinado com a hashtag #oparqueénosso, evidenciando o envolvimento popular na preservação desse espaço ambiental. A renovação garantiu segurança jurídica para novos investimentos em educação ambiental e infraestrutura no local, que conta com cerca de 21 hectares de área verde e projetos como o “Família Casca”, voltado à compostagem de resíduos orgânicos (Florianópolis, 2020).

O posto de saúde só apareceu na década de 1990. Com o passar dos anos as propriedades rurais deram lugar a prédios e empreendimentos. Em 2005, foi construído o primeiro prédio de 12 andares.

Na entrevista com o senhor Moisés G1, ele nos contou como viveu esse processo:

Ah, o dia pra noite né? Hoje aumentou. Mas tem que crescer, tem que crescer, não tem? Não ia ficar..., o nosso terreno aqui, vê? [...] os meus irmãos venderam..., “Ah porque não sei o que, [...] vai sair um prédio só de seis andares”. Que nada rapaz! Vão botar é um espigão grandão aqui. Treze! [...] aí eles ficaram com o dinheiro e diziam: “pô Moisés, tu entras na justiça contra eles porque eles disseram que era um prédio de seis sete andares no máximo e fizeram de treze!” [...]. Vai acabando tudo! Vai acabando tudo, aqui assim, isso aqui também era um pasto grandão, o cara também tinha vaca tudo aqui assim, e foi se acabando. (20/02/2025)

E na recordação do Davi G2:

Ó, eu não tinha muita dimensão eu acho no começo quando tava eh... crescendo, mas, enfim, eu tinha essa talvez essa percepção de que o bairro ainda era um pouco diferente de outros, [...] o nosso bairro ainda tava sendo construído né, [...] o Córrego ainda era muito esse lugar das pessoas que moravam no Córrego, assim, era meio que, quase meio fechado em si talvez, mas era bem vibrante assim porque como o bairro tava crescendo né, os prédios foram sendo construídos meio que um depois do outro, então cê via assim, eu por exemplo que principalmente uma criança, muitas crianças chegando, muitas famílias chegando né, tinha sempre enfim, crianças novas pra brincar, então nesse aspecto era bem, a mudança era bem rápida né. (08.04.2025)

A área do rio conhecida como Poção, lugar onde se localiza a cachoeira do Córrego Grande, fica no Sertão e ainda é a praia do bairro, apesar de não ser tão valorizado pelos moradores. Para chegar neste território, é necessário atravessar áreas invadidas que despejam esgoto direto no rio. Podemos dimensionar o impacto negativo desse contexto para os moradores em seus relatos. Separamos um trecho do Renato G2:

Então, os meus filhos até hoje nunca foram no Poção! [...]. Por causa desse pessoal que frequenta o poção e também pela, pelo esgoto porque começaram, a região do Poção na época nem existia..., o Poção era o rio, hoje existe uma comunidade chamada Poção. Se você for lá você não acredita a quantidade de casas que tem lá pra cima! É esgoto, gente construindo bem em cima, quase do rio, é... horrível, horrível! (21/03/2025)

Bruna compartilhou sua experiência ao se recordar da ida no poção lembrou que:

[...] a gente ficou meio perdido no início porque a sinalização tava meio estranha naquela época, quando eu fui pelo menos, não sei como é que está agora. Mas era bem bonito! Água super gelada, e às vezes tem lá umas pessoas com caixinhas de som, [...]. Às vezes eu não quero escutar um funk, tu tá com criança e o pessoal lá, mas aí tu tens que saber o horário de ir. Tu tem que ir em um dia de semana nas férias, mas ainda assim é capaz de tu ir [...] e encontrar muita gente! Muita gente. Então, complicado! Mas é bem legal! (14/04/2025)

Importa destacar que o termo *Poção* também é utilizado para se referir a uma comunidade localizada na parte sul do bairro, situada no alto do morro, ao final da rua principal, Laurentino da Silva. Essa localidade possui uma praça central e abriga a sede da Associação de Moradores da AMOSC. Foi nessa área que ocorreu uma ocupação irregular às margens do rio. Como podemos constatar na entrevista da Thaís G3: “[...] eu não moro muito perto do, rio aqui né, mas quem mora ali já reclama por causa do... da das fossas né. Que ali tem muita gente morando ali né.” E quando perguntamos sobre a localização dessa ocupação ela indicou na direção do rio: “Vai descendo, vai descendo, aham. [...] eles vão morando por tudo ali então vai... aí fica os bueiros né, as fossas que vão jogando tudo pro rio daí.” (23.04.2025)

Thaís também comentou que depois da propaganda feita pelo prefeito da cidade aumentou muito o número de turistas circulando na área do Poção: “[...] o Topázio ele divulgou ali a questão da dos os córregos né o as cachoeiras mas ele não botou uma um bombeiro para ficar de olho ali se caso alguém se afogar, não arrumou a trilha certinho para ficar mais seguro pro pessoal poder chegar até a cachoeira, entendeu?” (23.04.2025)

Essas observações evidenciam que, embora o turismo possa trazer maior visibilidade e oportunidades econômicas para a área do Poção, também expõe fragilidades na infraestrutura e na gestão ambiental local. A falta de preparo para garantir a segurança e a conservação do espaço natural revela um desequilíbrio entre os recursos naturais e as condições reais para fazê-lo de forma sustentável. Esse cenário reflete o desafio de conciliar o progresso urbano com a preservação ambiental. Buscamos analisar as percepções dos processos de urbanização e seus impactos no território através das memórias de infância.

A urbanização, ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento provoca desequilíbrios socioambientais. Ao longo da história, o crescimento das cidades foi exaltado como símbolo de progresso, modernidade e avanço tecnológico. No entanto, vem gerando impactos significativos sobre o meio ambiente, promovendo uma tensão entre a lógica da expansão urbana e a necessidade de preservação ecológica. Pensar a urbanização, portanto, exige compreender seus benefícios e contradições, conciliando as demandas do espaço urbano com os limites da natureza. Reflexões sobre os desafios contemporâneos que Ailton Krenak (2022), nos ajuda a pensar, quando retoma uma experiência vivida por Marilena Chaui, que durante sua gestão como secretária de Cultura de São Paulo, promoveu um debate em torno do público e o privado no espaço urbano, desvelando que:

[...] a cidade moderna não tolera o comum; ao contrário, ela o hostiliza. Fala-se muito do que deveria ser público, do espaço onde a gente poderia se mover, circular, [...]. A discussão era sobre até que ponto seria permitido ocupar o espaço público enquanto a prefeitura dispunha de licença para impor taxas e cobranças para esses usos. Que “comum” é esse que o tempo inteiro é validado por algum sujeito que pode se apropriar dele? (Krenak, 2022, p.68-69).

Essa afirmação nos convida a pensar como os processos de urbanização acelerada, frequentemente orientados por interesses econômicos e políticos distantes da realidade local, contribuem para o apagamento das experiências comunitárias e dos modos diversos de viver o território. A falta de escuta e de políticas sensíveis às realidades das populações urbanas, sobretudo das mais vulneráveis, compromete a saúde dos laços sociais e ecológicos que sustentam a vida cotidiana. Ao ignorar as “ecologias”, físicas, culturais e afetivas, que compõem

os bairros e comunidades, o projeto urbano se distancia das necessidades concretas das pessoas. Nesse contexto, recuperar o sentido de pertencimento e valorizar as formas coletivas de cuidar do lugar é também um ato de resistência e reconstrução de outros futuros possíveis.

Na entrevista com o Daniel G2, foi possível compreender a importância da comunidade para fiscalizar e recorrer quando preciso. Quando iniciaram as obras na região da fazendinha, ele nos contou como se deu o processo de conquista do Parque Linear, que passou a existir depois que a comunidade entrou com uma ação judicial e venceu na justiça. Ele retrata:

Aqui foi um parto, que era para deixar a área de lazer e a área verde. Não deixaram nada! Ai eu era presidente do conselho comunitário entrei com a ação junto com o fórum da bacia do Itacurubi. [...] ai o promotor pegou e disse: “Ó vocês tentam entrar em acordo” Ai não teve. Ai entramos com uma ação. [...] quando tivemos a reunião [...]”O promotor, o senhor tem conhecimento do artigo tal do plano diretor de tal ano e tal?” “Não”. [...] as empresas as construtoras estão usando esse... essa brecha para poder tá construindo. [...]. Ai ele assim: “Então esses 25 anos que passaram aqui na minha mão e quantos milhões de metro quadrado que era para ser público hoje é privado? Vou fazer o seguinte para mim, não rever esses 25 anos que passaram aqui na minha mão [...] vocês sentam e tentam entrar no acordo e depois vem aqui com a proposta para nós”. [...]. Então, eu sou nativo aqui, eu não sou contra o empreendimento. Eu disse para ele, não sou contra. Agora vamos lá, o senhor vocês não querem deixar a área de lazer nem a área verde nada, nada. Como que eu vou ter contato eu nativo eu tô dando um exemplo eu nativo vou ter contato com o morador do seu empreendimento. “Ah, mas eles têm uma área de lazer dentro. ” Ah tem? Então a porta vai ficar aberta para quem quiser ir entrar lá na área de lazer, pode entrar? “Não”. Então senhor eu sou contra o empreendimento do senhor [...] nós só estamos exigindo o que é nosso, que é da nossa comunidade! E assim, eu, eu... o morador novo que vem ele quer ter contato também com quem é morador, já nativo ou antigo do bairro, ter essa convivência.... Então o senhor, vocês estão tirando isso de nós. [...]. Aceitaram. Ai depois começaram a fazer propaganda disso aqui entendessee, [...]. [...] não ganharam dinheiro? Ganharam! Só que nós ganhamos uma sede lá em cima, que não tinha. O terreno era privado, eles compraram terreno e construíram a sede. O parque linear, ah muita gente “é uma coisa mais linda que nós temos”. Falta manutenção? Falta, mas é uma coisa linda que nós temos aqui. A recuperação do campo, da praça da ANJA ali. Então assim, teve umas melhorias, eles gastaram mais de dez milhões de reais. [...] a justiça nos permitiu a ter esse, esse passo né? (1/04/2025)

Figura 4 - Imagem de 2023 do parque linear



FOTO: Divulgação, Léo Russo, PMF. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/parque-linear-do-corrego-grande-comemora-seus-10-anos> Acesso em: fev.2025.

A aprovação da Lei Complementar nº 739/2023, em Florianópolis, marca a consolidação de um modelo de gestão urbana voltado aos interesses do setor imobiliário, com estímulo ao adensamento e à verticalização da cidade por meio de instrumentos como a outorga onerosa, sem garantias efetivas de contrapartidas sociais. Essa reconfiguração do Plano Diretor, conduzida sob forte crítica de entidades técnicas e movimentos sociais como o Fórum da Cidade e o Coletivo Tecendo Redes, desmontou órgãos técnicos como o IPUF e a Floram, esvaziando os mecanismos de fiscalização e planejamento. Nesse cenário de desregulamentação e ausência de política habitacional efetiva, a cidade torna-se palco de um projeto ultraliberal, em que o interesse público é subordinado à lógica da mercantilização do território (Peres, Abreu, Calheiros, 2023).

É nesse contexto de avanço da especulação e desmonte das garantias urbanas que se insere a luta dos moradores do Córrego Grande pela preservação de uma área pública que resultou na conquista do Parque Linear. A mobilização coletiva, sustentada por valores de pertencimento e defesa do bem comum, contrasta com a política de venda da cidade, revelando que a construção de espaços públicos de convivência é, cada vez mais, fruto direto da resistência popular frente à captura do território pela iniciativa privada, zelando pela herança das crianças, o direito à natureza e ao espaço público.

Do ponto de vista da cidade, a urbanização representa a concretização de direitos básicos como mobilidade, acesso a moradia, serviços públicos e oportunidades de trabalho. A formação das cidades modernas, especialmente a partir do século XIX, consolidou-se como um modelo

eficiente para concentrar infraestrutura e dinamizar a economia. A construção de avenidas, a verticalização, a implementação de redes de esgoto e abastecimento são alguns dos aspectos que promovem qualidade de vida quando bem planejados. Nesse sentido, a urbanização é interpretada como um avanço civilizatório, especialmente quando vinculada a políticas públicas de inclusão e planejamento participativo. No entanto, sob a ótica do meio ambiente, a urbanização descontrolada se revela um dos maiores desafios contemporâneos (Peres, Abreu, Calheiros, 2023).

Nas memórias dos entrevistados a organização e mobilização dos moradores pelo direito ao espaço garantiu conquistas importantes para áreas de lazer, parques infantis e preservação de praças, e identificar objetivos em comum ajudou na consolidação do senso de comunidade.

Davi G2 aponta o seguinte:

[...]quando eu vou lá, eu encontro todo mundo, sei o nome de todo mundo. Eh... é assim, realmente é uma comunidade.[...] essa construção de comunidade acho que também, refletiu muitas coisas que são conquistas assim do bairro né, hoje em dia. A pracinha ali do Berman é talvez a primeira delas, quando teve né, a tentativa de construir um empreendimento no final da rua Mediterrâneo, aqui na esquina da Aldo Maestro Krieger, que seria um empreendimento que do ponto de vista ambiental teria uma série de controvérsias porque eles iam mudar o curso de um rio, a comunidade tinha essa articulação, essa capacidade de articulação pra impedir que aquilo fosse feito daquela forma, eh... quando tentaram fazer o loteamento aqui mais recentemente né? Aqui numa das ruas que sobe ali, também a comunidade se articulou pra exigir que aquilo fosse feito com, né? Todos os cuidados do ponto de vista ambiental né, porque tava tendo uma série de problemas assim, no bairro, por causa daquilo. (08/04/2025)

Em 2022, o bairro foi destaque nas notícias nacionais devido a uma decisão judicial que suspendeu a construção de um condomínio de luxo na área. A Justiça Federal tomou essa medida com base em um laudo do Ibama que revelou diversas irregularidades ambientais, como o desvio de água e movimentação excessiva de terras. A ação, promovida pelo Ministério Público Federal (MPF) e por associações comunitárias, alegou que a obra estava ocorrendo em uma área de proteção especial e comprometia a preservação da Mata Atlântica. A decisão judicial, que também incluiu a realização de uma perícia, reflete as crescentes preocupações sobre os impactos ambientais da urbanização no bairro (Pacheco; Bikel, 2022).

Figura 5 - Imagem registrada por satélite do bairro Córrego Grande em 2022.



Fonte: Google Earth Pro.

A área desmatada no lado esquerdo da foto, no canto inferior, é respectiva ao loteamento do condomínio de luxo embargado. A legislação brasileira, especialmente o Código Florestal (Lei nº 12.651/2012), determina a proteção das APPs, como margens de rios e nascentes, mesmo em áreas urbanas. A Constituição Federal de 1988 também reforça, em seu artigo 225, o direito de todos ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo. Além disso, o próprio Plano Diretor Participativo de Florianópolis (Lei Complementar nº 482/2014) reconhece o bairro do Córrego Grande como área com atributos ambientais frágeis, indicando a necessidade de compatibilizar ocupação urbana com a conservação de ecossistemas locais, como remanescentes da Mata Atlântica e áreas úmidas.

A paralisação da obra, além de representar uma vitória jurídica para os movimentos comunitários, evidencia a importância de um modelo de urbanização comprometido com os princípios da sustentabilidade, da justiça socioambiental e do direito à cidade. O caso ilustra como a desatenção ao planejamento urbano participativo e às normas ambientais pode gerar impactos irreversíveis, tanto para os ecossistemas quanto para a qualidade de vida das populações locais.

As memórias compartilhadas pelas famílias não são apenas histórias do passado, mas também uma ponte para repensar o futuro, tanto do bairro quanto das relações que ali se estabelecem.

Essas mudanças provocam muitas consequências e sentimentos. Para a senhora Bernadete G1: *“É tudo né. É roubo, a gente hoje, o teu muro tem que ser alto, tu não tens mais liberdade nem dentro da tua casa. Tens que viver trancada...”* (03.04.2025)

E a senhora Neuza G1 conclui: *“A gente não tinha medo de nada! Agora a gente tem medo de tudo!”* (26/02/2025)

As transformações sociais das últimas décadas têm provocado impactos ambientais de proporções alarmantes, impulsionadas pela exploração intensiva dos recursos naturais. Esse cenário, que se desenha em escala global como também se manifesta em contextos locais, como no bairro em estudo, a especulação imobiliária tem contribuído significativamente para a perda de áreas naturais. A importância da comunidade e sua organização em prol da preservação reverberam em conquistas importantes para as futuras gerações.

O crescimento populacional acelerado e o processo contínuo de urbanização têm redefinido profundamente a paisagem social e territorial de Florianópolis nas últimas décadas. Entre os anos de 2010 e 2022, a capital catarinense apresentou um incremento demográfico significativo, passando de aproximadamente 421 mil para mais de 537 mil habitantes, conforme indicam os dados do IBGE. Esse aumento de 27,5% supera a média estadual registrada no mesmo período (21,8%), destacando-se como o maior crescimento absoluto entre as capitais de Santa Catarina (Tortella, 2023; Ximenes, 2023). Esse movimento demográfico é acompanhado por intensas transformações culturais e territoriais, evidenciadas pelo fato de que, desde 2010, a maioria da população residente na cidade não é mais em sua maioria composta por moradores nativos da capital (Barcelos, 2023), revelando um processo de diversificação social e de reconfiguração dos modos de vida.

O bairro Córrego Grande também reflete de maneira expressiva esse fenômeno. De acordo com dados do IBGE, sua população, que era de 4.833¹⁷ habitantes em 2000, mais do que dobrou em uma década, alcançando 10.563¹⁸ moradores em 2010. Em 2022, o número chegou a 12.723¹⁹. Esse salto populacional em um intervalo relativamente curto de tempo

¹⁷ Dados obtidos a partir do Censo Demográfico 2000, para o bairro Córrego Grande, conforme apresentado em: VIEIRA, Paulo Barral de H. G. **Evolução da urbanização do bairro do Córrego Grande, Florianópolis/SC entre 1938 a 2009**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94125>. Acesso em: 14 junho. 2025.

¹⁸ Dados obtidos a partir do Censo Demográfico 2010. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html>

¹⁹ Dados obtidos a partir do Censo Demográfico 2022, agregados por setor censitário para o bairro Córrego Grande, conforme apresentado em: BARCELLOS, Mariana. NSC TOTAL. *Veja os bairros mais populosos de Florianópolis, segundo o IBGE*. NSC Total, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/veja-os-bairros-mais-populosos-de-florianopolis-segundo-o-ibge>. Acesso em: 11 junho de 2025.

reflete o impacto direto do adensamento urbano e da valorização imobiliária na região, provocando alterações no tecido comunitário e nos usos do território. Tais mudanças geram tensões, apontam resistência manifestada em algumas entrevistas, reorganização e adaptação ao novo contexto de vida e reorganizações identitárias diante da expansão urbana.

Milton Santos em seus estudos nos convida a refletir com ele: “Na mesma vertente pós-moderna que fala de fim do território e de não-lugar, inclui-se, também, a negação da ideia de região, quando, exatamente, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização” (Santos, 2006, p.165).

Como lembra Santos (2006), “os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais, revelando a tensão permanente entre a temporalidade da vida comunitária e ambiental e a temporalidade imposta pelo avanço da urbanização” (Santos, 2006, p.158).

O processo de urbanização do bairro Córrego Grande pode ser compreendido à luz da reflexão de Milton Santos sobre a transformação da ideia de região na contemporaneidade. Se antes a região se configurava como um espaço orgânico, marcado por arranjos locais e identidades próprias, a aceleração histórica e as forças da globalização trouxeram novas dinâmicas que reconfiguram continuamente seu território. O bairro, inicialmente constituído por práticas rurais e por uma sociabilidade fortemente vinculada ao trabalho agrícola e à natureza, passa a ser tensionado pelas demandas urbanas e pela expansão do capital, que remodelam sua função social e simbólica. Nesse sentido, o Córrego Grande ilustra a teoria de Santos (2006) que afirma que as regiões não desaparecem, mas assumem novos conteúdos, redefinindo-se enquanto espaços de conveniência e de coerência funcional. Assim, a urbanização não apaga o passado rural, mas o reinscreve em um tecido social marcado pela coexistência de temporalidades e pela complexidade crescente das relações entre local e global (Santos, 2006, p.165-166).

O crescimento acelerado da população e a urbanização que está mudando a paisagem de Florianópolis são também o espelho das transformações profundas que alteram as relações cotidianas com o espaço, com o ambiente e, sobretudo, com a natureza. Quando olhamos para o bairro Córrego Grande, vemos não apenas números que crescem, mas também um cenário em mutação, onde o modo de estar no mundo se desdobra entre concreto e verde, público e privado, preservação e depredação. Cabe também destacar que os movimentos sociais do bairro desempenharam papel fundamental na preservação dos espaços naturais e na garantia do acesso

público a essas áreas, contribuindo decisivamente para que o Córrego Grande apesar de estar muito urbanizado possa manter sua identidade e conexão com a natureza.

Apesar das mudanças e do avanço das cidades, buscamos compreender os sentidos que a natureza assume nas experiências infantis e assim, mais do que um exercício acadêmico as memórias evocadas na entrevista com os moradores é um convite a escutar as histórias, os saberes e as memórias que se entrelaçam em cada contexto e lugar.

Valorizar essa dimensão é reconhecer que, mesmo num mundo marcado pela urbanização intensa, a infância guarda seu espaço para o encontro com a natureza e é nessa convivência que se alimentam os sonhos, as aprendizagens e os vínculos que, talvez, possam garantir um futuro mais sensível e respeitoso.

Buscando refletir sobre os sentidos atribuídos à natureza nas experiências de infância, considerando as transformações socioambientais ocorridas ao longo do tempo, torna-se fundamental reconhecer, nesse percurso, os saberes e as vivências sobre a natureza no contexto do Córrego Grande, que se constroem a partir da ciência, mas também se enraízam em vivências cotidianas, tradições e memórias partilhadas pelas comunidades.

5.3 A NATUREZA NA MEMÓRIA E NA CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA: O QUE NOS REVELAM OS MORADORES SOBRE O VIVER A INFÂNCIA NO BAIRRO CÓRREGO GRANDE?

Abrir a escuta das memórias dos moradores é também entrar em contato com diferentes percepções do tempo da infância. Como observa Bosi (2023): “Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão do tempo que nelas se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam” (Bosi, 2023, p.432).

Esta citação ajuda a compreender como os depoimentos dos mais velhos carregam a impressão de uma infância extensa, quase sem limites, em que o tempo parecia alongar-se entre brincadeiras, afazeres e convivências. Essa percepção contrasta com os relatos das gerações mais novas, para quem a infância se mostra mais breve e acelerada, marcada por rotinas escolares rígidas, diminuição dos espaços de brincar e pela intensificação das transformações sociais. Assim, a “largueza” da infância evocada pela memória dos idosos revela um indício das mudanças históricas que vêm comprimindo o tempo infantil ao longo das décadas.

Krenak (2022) acerca de estudos que observam a maneira como as crianças experimentam a infância nos diz: " Nos últimos trinta, quarenta anos, esse período passou a ser

encurtado. Em vez de as crianças viverem como um lugar folgado, já estão caindo nele como em uma chapa quente” (Krenak, 2022, p.98).

Esta pesquisa revela transformações significativas na forma como as crianças se relacionavam com a natureza. Essas lembranças são atravessadas pelas mudanças impulsionadas pelo processo de urbanização, que reconfigura momentos vividos, espaços e significados. As narrativas revelam uma pluralidade de experiências, marcadas por contextos históricos distintos. À medida que o território se transforma, também se altera a maneira como a criança vivencia a natureza. A infância acompanha o ritmo das transformações sociais e culturais, refletindo as dinâmicas da comunidade à qual pertence.

A geração que viveu sua infância no bairro Córrego Grande, entre 1945 e 1970, cresceu em um contexto onde a relação com a natureza muitas vezes se estabelecia por meio do trabalho e da subsistência. Todos os entrevistados do grupo G3 abordaram essa questão, mas para alguns, ficou evidente o peso de serem memórias amargas pelo tom de voz e expressões em seus relatos. O fato é que as crianças integravam a força de trabalho doméstico e rural, participando ativamente das tarefas do cotidiano e assumindo papéis sociais semelhantes aos dos adultos. Os relatos do grupo G1, composto por Bernadete, Isolete, Neuza, Moisés, Edson e José, todos oriundos de famílias numerosas, evidenciam uma infância profundamente vinculada às dinâmicas familiares e comunitárias de subsistência.

Vejamos as memórias relatadas pelo depoente senhor José G1:

Na época tinha que ser família grande pra trabalhar! E sobre a infância, eu não tive infância. Meu caso era só trabalho. [...] Desde os... cinco, com 5 anos de idade eu já me acordava às 4h da manhã. É! A gente tinha, o meu pai criou esses doze filhos na roça, nunca foi empregado. A gente tinha uma granja de gado, quarenta, cinquenta vacas dando leite. Meu pai foi um dos homens que mais terra teve no Córrego Grande. [...] a gente tinha muita galinha, muito gado de corte, [...]. Tinha peru, tinha pato, tinha marreco, tinha bastante bicho assim que a gente matava pra sobreviver, né? [...]. Plantava quiabo, plantava feijão, plantava alface, plantava repolho, plantava melancia, plantava aipim, plantava mandioca, tudo a mesma coisa. Plantava muito capim pro gado pra cortar. Eu nunca tive um domingo de folga, nunca tive um dia de Natal de folga! [...]. É, a gente trabalhava toda vida! [...] A comida daquela época era feijão, eu digo o feijão porque plantava! A farinha porque fazia, era feito pirão, que eles falam, né? Farinha de mandioca com feijão, né? [...]. Não existia dinheiro! (03/04/2025)

Os relatos do entrevistado Edson G1 não foram muito diferentes. Nos contou que:

O meu avô tinha um engenho, eu com quatro anos de idade já comecei a raspar a mandioca. [...] Pegava a faquinha, tirando a casca do “moneca farinha”. Aí o meu avô fazia a farinha, pegava a carreta, ia pro mercado trocar, trocar farinha por peixe, por sal, porque na época não tinham. E o nosso serviço, só roça! Desde 4 anos de idade trabalha só na roça tirando leite de vaca, cuidando de gado [sic]... até hoje eu

tô cuidando de gado ainda, lá no sítio. [...] Era, era duro. Era de segunda a segunda trabalhando na roça. Não tinha domingo, não tinha feriado, não tinha nada não! Subia ali com uma enxadinha pequenininha e ia lá pro morro lá em cima lá ó! Esse morro todo aí ó. Hoje não se faz nada! Tudo na mão. Porque que tá caro? Porque ninguém quer plantar mais. [...]. Antigamente ninguém comprava nada, era tudo feito aqui no Córrego. (14.04.2025)

O senhor Moisés e a senhora Bernadete G1, demonstraram um contexto familiar que se diferenciava por não pertencerem a famílias donas de engenho, com grandes plantações, envolvidas com a pecuária, apresentaram em suas lembranças um contexto familiar mais amoroso e acolhedor, onde o trabalho era o do dia a dia, relacionado com a dinâmica de divisão das tarefas em casa. Cabe destacar que a realidade social entre eles era distinta. Em seus relatos, a senhora Bernadete deixou evidente que teve uma infância com muitas restrições, assim como nos relataram as irmãs Isolete e Neuza. Ambas ajudavam nos trabalhos da família com relativa remuneração.

Em suas recordações, a senhora Isolete G1:

A gente era pobre, né? Então, aquele riozinho atrás da Wanessa, o nome é Bosque das Lavadeiras. Porque? Porque a gente ia ajudar a mãe, porque a mãe lavava pra fora, né? Várias pessoas lavavam para fora, então ali eles lavavam, praticamente de bunda para cima, não é? [Risada]. Ajoelhada. Ferviam roupa ali! Pegavam lenha lá em cima num... e ferviam roupa ali, então botaram o nome de Bosque das Lavadeiras! [...] E o pai! O pai era... plantava em casa, né? E as verdurinha que ele plantava, as verduras, a gente colhia junto com ele e ele ia vender! (26.02.2025)

Seguida pela irmã, a senhora Neuza G1, que diz: “*A gente ajudava na renda familiar*” (26.02.2025). O que neste período parecia ser a realidade da maioria das crianças no bairro.

Já a senhora Bernadete G1 nos contou que:

Eu me acordava, eu com sete anos eu já ajudava ela na roupa e na casa. [...]. Eu carregava molho de lenha, lá naqueles eucaliptos que tu olhas daqui, que tu vê lá em cima. Porque a gente só tinha fogão a lenha”. Ela nos conta as suas lembranças no engenho do avô: “[...] eu pequena já ia pra lá raspar mandioca à noite tudo com luz de lamparina pra minha avó fazer a farinha. Né? [...]. Tinha o cafezal, o meu avô pagava as senhoras pra tirar o café e pagava pra nós também ele dava um trocadinho pra nós, eu também apanhava café. (03.04.2025)

Ainda relacionado ao trabalho, guarda com muito carinho na lembrança o seu lavador:

Aí, eu tinha um..., meu pai fez um lavador da minha mãe e já fez um pequeno pra mim né, do lado dela, e ali eu fui aprendendo a profissão. [...] levei muito susto debaixo do lavador. No lavador, eu tava lavando roupa aquelas cobra d'água já saía pelo lado assim do lavador. Aí a gente saía e se alevantava e elas iam embora, e cágado também viu! No córrego tinha muito! (03.04.2025)

Na memória da senhora Bernadete G1, seu mini lavador, experiência que viveu ao lado da sua mãe, remete a uma infância atravessada pelo trabalho desde cedo, assim como a infância de todo o grupo G1. A presença do lavador próprio, ainda que em miniatura, representa simbolicamente a inserção da criança nas tarefas adultas, não mais como brincadeira, mas como atividade com finalidade prática e socialmente reconhecida. Como aponta Vigotski (2008), a brincadeira se distingue do trabalho exatamente pela natureza inconsciente de seus motivos: na brincadeira, a criança participa de um mundo imaginário, encenando papéis sem plena consciência de sua função social. Já no trabalho, mesmo que de modo ainda intuitivo, a criança começa a se inserir em uma lógica de responsabilidade e finalidade real (Vigotski, 2008, p.26). Neste relato, embora a ação tenha sido iniciada de forma lúdica, ao lado da mãe, ela se configura como uma introdução à responsabilidade e à função social do trabalho.

No grupo G1, o trabalho infantil integrava de maneira intensa o cotidiano de um bairro rural. As crianças participavam das tarefas domésticas, do cultivo e da colheita, contribuindo para a renda familiar e para o funcionamento da casa. Essa participação fazia parte da experiência cotidiana, inserindo os menores em responsabilidades que, atualmente, seriam classificadas como trabalho infantil. Com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a realidade das novas gerações passou a ser regulamentada, garantindo proteção contra formas precoces de exploração e assegurando a primazia do brincar e do desenvolvimento integral. A vivência descrita pela senhora Bernadete G1, evidencia, portanto, como práticas culturais e demandas econômicas estruturavam a infância do passado, enquanto o marco legal do ECA estabelece os limites entre participação e proteção, evidenciando a transformação histórica do papel da criança na sociedade contemporânea.

O susto com as cobras d'água e a lembrança dos cágados revelam uma familiaridade com o ambiente que envolve a natureza farta e abundante, uma vivência rica e integrada com o ambiente, em que desde cedo aprende a se relacionar com a vida dos outros seres, onde a todos coexistem no mesmo habitat, em uma época em que a presença da floresta e do rio era muito forte. A convivência com animais silvestres não é mediada pelo medo que paralisa, a criança aprende a reconhecer os limites e as respostas do ambiente. Essa cena, portanto, evidencia a maneira como a criança é inserida num mundo em que natureza e cultura não estão dissociadas. Trata-se de uma infância que aprendeu desde muito cedo a trabalhar, como também a escutar a floresta, a observar o rio, a viver o tempo, reconhecer e respeitar os animais.

Nesse período, as memórias de infância na relação criança-natureza expressam a vida atravessada por condições socioeconômicas, vínculos afetivos com o lugar e com os saberes comunitários. Os relatos dos moradores sobre a infância vivida no bairro Córrego Grande

revelam uma profunda imbricação entre natureza e sobrevivência, liberdade e compromisso, brincadeira e descoberta, e que em determinados momentos a brincadeira poderia se fazer presente em situações de prover alimento cotidiano das crianças. A infância se desenrolava em meio às plantações, riachos e trilhas, em um tempo em que a natureza era condição de vida.

A senhora Isolete G1 se lembrou de quando chovia:

[...] a gente pegava..., mas era mais a minha irmã! Pegava e fazia aquelas bolinhas todas para ela caçar passarinho [...] funda! Ela fazia, colocava tudo dentro de uma caixinha, botava a secar, as pelotinhas, pra quando ficar durinha, caçar passarinho! [...]. Ela trepava num pé de bambuzal, pra tirar ovo de anú! Depois descia e não quebrava o ovo! (26/02/2025)

E a senhora Neuza se lembrou do dia em que se assustou por conta do vento sul: “*Credo! E o bambu vinha pra cá, e ia pra lá... e nós: “Lena, Lena! Cuidado! Cuidado!” E ela desceu com aqueles ovinhos todos! Não quebrou um!*” (26/02/2025)

A senhora Bernadete G1 relembra:

E a gente matava muito essas pombinhas. [...] a gente pegava bolinha de vidro e enchia aquela sacola saia pra debaixo dos cafezal, a gente matava muito. Aí eu já levava o fósforo, levava, lá a gente já fazia a fogueirinha ali de baixo, nós mesmo já despenava e ali já abria, ha, a gente apanhava uma vara, já levava uma faca, já enfiava tudo naquela vara já fazia tipo de espetinho, ali a gente já passava, fazia uma bagunça! A gente vivia correndo muito nesses mato assim. No meu vô era grande! E a gente andava muito nos ninhos de passarinho pra tirar os ovinhos para cozinhar. (3/04/2025)

Quando Vigotski (2018) discute o vínculo entre a criança e o meio, o autor sublinha que a vivência é decisiva nesse processo. Ela abraça o sentido que é atribuído e o envolvimento afetivo que dele decorre. Assim, o meio e a subjetividade da criança se entrelaçam, constituindo experiências únicas que marcam seu desenvolvimento. A relação da criança com o meio, portanto, é definida pelas suas particularidades individuais, que influenciam como ela responde e se adapta às situações que enfrenta. Dessa forma, o desenvolvimento da criança não pode ser entendido de maneira isolada, mas sempre em interação dinâmica com o contexto social e cultural no qual está inserida: “[...] a vivência não representa apenas a conjugação dessas particularidades pessoais da criança, que por sua vez, definem como esta vivenciou determinado acontecimento, mas também os diversos acontecimentos vivenciados de diferentes maneiras pela criança” (Vigotski, 2018. p.79).

A relação com a natureza, intensa nas memórias, revelam modos de subsistência enraizados na vivência com o território e que se amplia também nos cuidados cotidianos com o

corpo, como nas práticas de higiene e nos banhos de rio. A natureza, nesse contexto, é parte do cotidiano, vivida com os pés descalços e os sentidos atentos.

Para o senhor Moisés G1: *“Não, não tinha luz, não tinha banheiro em casa! A gente não tinha banheiro, era na rua, tomava banho numa gamela grandona! Não tinha, não dava também, mas dava um jeito. Nadava, tomava banho no córrego, no verão era direto!”* (20.02.2025)

Na recordação da senhora Bernadete G1:

A gente tomava banho com a água do córrego e pra nós tomar era água do Córrego também. Porque o Córrego era bem forte, não havia esgoto como tem hoje. [...] Eu tomava banho pelada porque eu tomava banho escondido da minha mãe. Meio dia, ela mandava assim, os pasto era cheio de roupa né? Quarando... então ela dizia assim: “vai lá molhar aquela roupa”. Eu ia lá molhar a roupa, mas eu era safada também, chegava lá tirava a roupa, ia e tomava banho, me enxugava e depois vinha embora pra casa. Mas era muito bom! [...] Era uma água limpa e tinha lugar aqui dessa ponte que a gente passa ali, tinha três metros de fundura!!! A gente mergulhava, era uma ponte de madeira, a gente mergulhava dali de cima. Desde pequena! (03.04.2025)

Podemos observar que, naquele tempo, as crianças estabeleciam uma relação com a natureza, marcada por práticas de subsistência: alimentavam-se das frutas que colhiam nos quintais e matas do entorno, seguindo os ciclos das estações. Comer o que a terra oferecia não era apenas uma necessidade, mas também uma vivência cotidiana que fortalecia o vínculo com o território.

Para o senhor José G1:

O que a gente comia era a fruta da, da época. Quando era época de goiaba, comia goiaba. Quando era época de jabuticaba, comia jabuticaba. Quando era a época do angá, comia angá. Quando... a banana não tinha época. A banana dava toda a vida! A gente tinha tanta banana... na minha casa tinha uma chácara de café que nós colhia 50 sacos de café cada vez, né? Tinha banana que chegava a cair do cacho. (03.04.2025)

O senhor Moisés G1 também tinha na rotina do mês saídas com o pai para a Lagoa da Conceição pescar siri e peixe, bem como para a região do Saco dos Limões. Aprendeu com sua mãe a leitura das marés.

Eu uma vez na semana dependendo da Lua tudo, eu saía daqui eu ia lá no Saco dos Limões, tirar berbigão. [...] A mãe olhava a lua, ela conhecia porque ela veio da Lagoa né, na lagoa já sabia a época boa de pescar, aquilo tudo, tudo, tudo. Ia pra lá na maré seca tirar o berbigão. Tirava um saco ali, um saco e meio ali, até dois de berbigão e depois vinha subia aquele morro todinho pra cá pra dentro. [...] Chegava em casa ia deitar, tomava um banho e no outro dia de manhã cedo tava acordado pra que? Pra botar aquilo tudo numa panela grandona para ferver e depois descascar

tudinho. [...] Pra fazer o rango pro dia a dia não tem. Era, era, era tudo assim. (20.02.25)

Segundo Bosi (2022): “A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere. [...]. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde floresceu” (Bosi, 2022, p. 69).

A ideia da infância como fase protegida, marcada pelo brincar e pela escolarização, estava por vir. Para essa geração a escola não era para todos, e muitas meninas eram proibidas de seguir estudando após completar a quarta série.

A senhora Bernadete G1 quando estimulada a lembranças relacionadas a desafios, conquistas, medo e ou insegurança, nos disse:

Desafio... que eu estudei muito pouco, tirei só a quarta série primária, mas eu sei ler e sei escrever muito bem, então foi um desafio. O meu pai quando eu fiz a, quando eu tirei a quarta série primária, ele disse: “aqui deu. Porque você é mulher e você não precisa ter estudo. Você não vai sustentar uma família. Quem vai daqui pra frente estudar é os seus irmãos homem porque vão ter uma família pra sustentar”. Então eu não pude estudar porque também não tive poder pra continuar os estudos. Foi um desafio, mas eu aprendi. Hoje graças a Deus eu sei ler, sei escrever, então pra mim foi um desafio. (03.04.2025)

O que para o senhor José G1 já teve um desfecho diferente:

É, naquela época era sete anos. Não tinha creche! Sete anos! Mas eu... mas lá na minha casa eram onze filhos, mas só eu que estudei mais de homem... acho que fui eu e outro, meu irmão que a gente estudou mais um pouquinho. E a minha irmã também chegou a se formar no ginásio normal também. Mas os outros não estudaram nada! Não estudavam porque não conseguiam sair do 1º e 2º ano! Porque tinha que saber! Se não soubesse, não passava. [...] Para a escola ia de pé! Eu estudei lá no Lívio Amorim, [...]. Comecei a estudar desde o primário, fui até o ginásio normal. [...]. Então eu me formei em ginásio normal, já podia sair... era a única... chegava naquele ponto ali, parava! Não tinha universidade, não tinha nada! Ginásio normal já podia dar aula pra qualquer criança! (03.04.2025)

Na memória do senhor Edson G1:

Eu fui com sete anos. A escola era onde é que é a Agrocano ali não tem? [...]. Ali era a escola básica. Depois passou para ali uma de madeira e depois foi uma de material. [...]. Ia a pé! Era pertinho aqui. [...]. Sandália não existia.[...]É descalço! [...]. E aquela ponte ali não existia, nós passava tudo por dentro d'água. Não tinha ponte! [...]. Dava a chuva não, ninguém subia e ninguém descia. [...]. É... era alegria né! Passar por dentro d'água todo dia. Era, era uma festa! (14.04.2025)

As senhoras Neuza e Isolete, também se lembram de ter estudado na escola de madeira. Assim como o senhor Moisés:

[...] o grupo aqui já peguei ali assim onde era a agropecuária, o Agrocano. Ali, eu estudei ali aí hoje é pro lado direito, nós ia estudar lá quando... estudei ali toda vida! Aí depois fui pro grupo da trindade. [...]. Aí eu entrei ali com oito anos, até porque eu entrei com oito anos porque a minha mãe deixou, eu e o meu irmão chiiiiiiiiiiii (espantou a galinha) meu irmão estudar, o tempo pra nós entrar os dois juntos na escola. Não sei se ela fez certo ou não, mas pra mim até valeu, eu não era muito bom pro estudo não, eu não gostava, eu corria do estudo! Eu gostava era de, de, de tá vadiando, folia. (26.02.2025)

Nesse período vivido pelo grupo G1 nos relatos dos moradores sobre a infância vivida no bairro Córrego Grande curiosamente não foi identificado qualquer associação entre a escola e as experiências lúdicas, o que indica que a brincadeira se realizava em outros contextos, familiares e comunitários, na rua e na natureza.

Até a década de 1960, o Córrego Grande configurava-se como um bairro estritamente rural. O processo de urbanização ficou demarcado com o desmembramento da fazenda dos padres Jesuítas para a implantação de uma grande área residencial chamada de Jardim Anchieta. Esse processo coincidiu com a implantação de importantes instituições, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Eletrosul no bairro vizinho, que catalisaram a transformação territorial e social da região, conforme já indicamos anteriormente.

No período da infância, vivido entre 1980 a 2000, o trabalho já não fazia parte da realidade infantil. Importante situar que esse período foi marcado pelas transformações sociais impulsionadas pela Constituição Federal de 1988, reconhecida como a Constituição Cidadã, e pela adesão do país à Convenção Internacional dos Direitos da Criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069/1990²⁰, representou um marco jurídico e político na consolidação dos direitos infanto-juvenis. Elaborado com ampla participação da sociedade civil, movimentos sociais, pedagogos, profissionais da área social e juristas, firmou crianças e adolescentes como sujeitos plenos de direitos, demandando a corresponsabilidade do Estado, da família e da sociedade na sua garantia. O ECA estabeleceu marcos regulatórios para a educação, saúde, convivência familiar, proteção contra a violência e responsabilização em atos infracionais, sempre com ênfase no aspecto educativo. Apesar dos avanços, sua efetividade ainda depende da superação de desigualdades estruturais que limitam o pleno acesso aos direitos previstos, revelando que sua implementação é tão desafiadora quanto necessária. Exigindo enfrentamento contínuo das injustiças que ainda comprometem a infância e a juventude no

²⁰ A Convenção foi assinada pelo Brasil em 26 de janeiro de 1990; aprovada pelo Congresso Nacional, por meio do Decreto Legislativo n. 28, de 14 de setembro de 1990; ratificada em 24 de setembro de 1990. Entrou em vigor para o Brasil em 23 de outubro de 1990 e foi promulgada por meio do Decreto n. 99.710, em 21 de novembro de 1990.

Brasil. (BRASIL, 1988; 1990; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1989).

Ao analisar as narrativas do grupo G2, os participantes Daniel, Renato e Davi, cabe considerar algumas distinções, tanto no contexto dos entrevistados com histórico familiar e de moradia, pois Daniel e Renato são moradores com histórico familiar, moraram sempre em casa, em contextos parecidos onde na rua moravam praticamente toda a família, já o Davi morava em apartamento, sendo um dos primeiros moradores do Jardim Albatroz, conhecido por Bermam.

Ao ser provocado a lembrar da infância na relação com a natureza, Renato nos contou:

[...] a lembrança que eu tenho do rio, eu ia com o meu pai principalmente, os amigos dele pro poção. Então ele me levava pequenininho, levava no cavalinho e me botava lá numa, num cantinho, mergulhavam no fundo e eu, me deixavam sempre num cantinho, “cuidado!” Meu pai sempre foi meio, é, assim liberal, deixava tipo eu tomar um pouquinho de água pra depois me buscar! Então essa é a minha primeira lembrança com meus pais e com os amigos dele pro Poção. Também se lembrou que apesar de ser filho único convivia cercado por crianças: Eu vinha com os meus primos, eu tenho bastante primos aqui no bairro. Primos da minha avó e do meu avô e primos por parte de vô, né? Então a gente vinha, pescava com minhoca!!! No terreno de casa tinha bananeira, com a terra meio preta ali, cavava com uma pá, com uma enxada, minhoca, botava num baldinho, vinha com um anzolzinho pequenininho, e um bambuzinho e ficava ali no rio. Pegando Cará. (21/03/2025)

Ao compartilhar suas memórias de criança na natureza, Daniel G2 nos contou que foi desde muito cedo, pois acompanhava a mãe na beira do rio, junto de outras lavadeiras:

[...] E elas de costas ali lavando né, a minha avó, minha mãe a dona Ironda, se reunia várias mulheres para fazer esse trabalho antigamente e quando viram eu tava já boiando! Então assim, eu peguei o córrego é... limpo né, é com volume d'água, bastante, bastante... volume d'água, que hoje só dá volume alto né de grande volume quando chove! (1/04/2025)

Daniel G2 se lembrou do medo que sentia:

É, o medo maior era até onde nós estamos aqui, onde era creche e o terno do Lira, era a fazendinha no lado, era um trecho que nós à noite como ia pro, pra escola é brincar, é na volta nós tinha medo que era o sapo. Tinha aquele sapo boi que eles chamavam, que fazia um som diferente, então o medo era grande! Então tinha alguns locais do bairro que tinham, é, como se fala? Uma história dos antigos que... exemplo, a Vera Linhares era o morro das feiticeiras. E lá o meu avô falava que passava lá de cavalo a crina e o rabo do cavalo ficava tudo trançado. Então é... tem algumas histórias. (01/04/2025)

Em contrapartida, Davi G2, destaca uma vivência comunitária construída a partir da convivência infantil no condomínio, onde o crescente número de crianças favoreceu interações espontâneas e o reconhecimento coletivo entre os moradores, proporcionando um sentimento

de liberdade e pertencimento ao espaço vivido. Nos contou que exploravam o bairro todo. E que ninguém reclamava sobre as brincadeiras das crianças. Em suas recordações sobre a presença da natureza, nos contou que:

Tudo aqui né, assim, a fazendinha assim ela se estendia para além da fazendinha né? Tinha gente que trazia os cavalos e os bois e as vacas pra... como é que é... comer aqui na... nas praças e tal então sempre tinha um cavalo, um cavalo pelo menos sempre tinha, então tinha essa sensação de que ainda era meio que uma comunidade meio rural assim né? [...] Nossa! A gente era... era normal pra gente sabe, ter uma vaca assim, no mesmo campo que a gente jogava futebol, um boi um cavalo né, a gente mantinha uma distância respeitosa e né, na medida do... do medo ali né, o medo básico, assim mais, mas era muito normal pra gente assim, ah... galo, galinha, galinha de Angola, pássaros... tinha uns pássaros sempre, eh... tartaruga sabe então essa Floripa meio que de antiga, de antigamente assim, meio ainda bem pouco urbanizada era a nossa vida. [...]. Olha, eu já fui atropelado por cavalo, eu já corri de boi...[...] como eu falei toda essa área que eu vivi minha vida inteira aqui todos esses parquinhos e parques e tal eh... sempre me passaram a sensação de que nossa, aqui tem muitos lugares verdes, muitas áreas de recreativa, muito gostoso estar aqui, mas em termos de cidade, ainda é pouco né, que poderia ser assim como ali fizeram pro Jardim Botânico. (08/04/2025)

O sentimento de liberdade era muito forte para todos. Destacamos a seguir as falas de Renato e Davi. Segundo Renato:

A gente não tinha condição financeira muito boa, mas a gente era feliz e tinha uma liberdade que hoje a gente não tem. Hoje eu sinto essa liberdade, não consigo deixar os meus filhos que vão completar os mais velhos dez anos, irem pra escola sozinhos e quando eu era criança eu andava por praticamente todo o bairro com cinco seis anos e por onde eu passava, onde você comentou do seu Moisés [entou a voz imitando o seu Moisés] “Renato vai pelo canto! (21/03/2025)

Já segundo Davi G2:

Olha, eu acho que essa liberdade de brincar na rua, quando o bairro era, tinha essa sensação de muita segurança, coisa muito positiva. Eh... a gente, acho, que nunca se sentiu com medo sabe? Nossos pais acho que também nunca se sentiram que a gente tava de alguma forma sob ameaça ali né? Eh... e acho que isso criou muitas amizades que duram até hoje né? Quando eu encontro essas pessoas que cresceram comigo, sempre tem essa sensação muito recíproca de que a gente passou uma infância meio que, nossa, muito privilegiada nesse sentido né? Eh...e... tenho ali, no Berman, assim, tem uma construção de comunidade muito real né? Até hoje as pessoas que moram no meu prédio são as mesmas pessoas que né? Que se mudaram pra lá na mesma época (08/04/2025)

Estes excertos revelam distintas formas de percepção sobre os vínculos afetivos com o território, que se entrelaçam com as trajetórias pessoais e com a memória coletiva. Davi G2, morador que não possui histórico familiar com o bairro, descreve a experiência vivida no condomínio Jardim Albatroz como aquela de quem pertence a uma “grande família”. Sua fala

revela que a convivência cotidiana e o compartilhamento de espaços e rotinas são responsáveis por produzir sentimentos de pertencimento quando o espaço e o ambiente acolhem.

Essa experiência, fala em um contexto diferente, no entanto, se assemelha às falas de Daniel e Renato e da maioria dos entrevistados mais velhos, especialmente do grupo G1, cujas narrativas são marcadas por uma forte relação com o passado comunitário, com o histórico de famílias inteiras morarem no bairro e como a comunidade era pequena, o sentimento de conhecer todo mundo. Para ambos os contextos desses moradores, o território é percebido como um lugar atravessado por laços históricos de vizinhança, solidariedade e convivência intergeracional. Com a intensificação do processo de urbanização e a verticalização das moradias, muitas dessas relações se perderam: as casas deram lugar a edifícios e os vizinhos de longa data foram substituídos por rostos desconhecidos, gerando um sentimento de perda de identidade territorial. Constatação que o Davi não reconhece, pois:

[...] no Berman, assim, tem uma construção de comunidade muito real né? Até hoje as pessoas que moram no meu prédio são as mesmas pessoas que né? Que se mudaram pra lá na mesma época que eu então. Meu irmão por exemplo, ainda mora lá e quando eu vou lá, eu encontro todo mundo, sei o nome de todo mundo. Eh... é assim, realmente é uma comunidade, as pessoas não pensam em sair de lá sabe? Porque tem essa construção de vínculo, é muito harmoniosa, sabe? Quando tem um problema, nunca é resolvido de uma maneira, eh... ríspida, grosseira, violenta sempre de uma maneira muito respeitosa assim, sabe? Muito cordial, eh...e acho que pra além disso assim, essa construção de comunidade acho que também, refletiu muitas coisas que são conquistas assim do bairro né, hoje em dia. (08.04.2025)

Assim, observa-se que o sentimento de pertencimento ao bairro se constrói de forma diversa entre os entrevistados: enquanto para os moradores antigos ele está enraizado na continuidade das relações sociais e na memória partilhada, para moradores mais recentes como Davi, ele emerge da experiência presente e das novas formas de convivência que se estabelecem em espaços diferenciados como o condomínio onde mora, que é importante destacar, se diferencia dos demais condomínios por não ter área social privativa. Ambas as experiências revelam que o território é um espaço vivido e afetivo, constantemente ressignificado pelas práticas e pelas subjetividades de seus habitantes.

Daniel e Renato estudaram na escola Alfredo Rohr iniciando com sete anos e o Davi frequentou a educação Infantil em uma escola particular no bairro. E todos recordam as idas e vindas da escola transitando pelo bairro.

Nesse momento, chegamos ao grupo G3, Thaís, Manu e Bruna, que viveram a infância no período entre 2000 a 2018. Thaís e Bruna são moradoras sem histórico familiar no bairro, Manuela é neta da senhora Neuza, moradora antiga do bairro. Entre elas, Thaís foi a moradora

que entrou ainda bebê no NEIM Fermínio Francisco Vieira e seguiu para cursar o ensino fundamental na escola Alfredo Rohr. Bruna e Manuela estudaram em escola particular. Bruna e Manu manifestaram em comum terem poucos amigos no bairro, preferiam brincadeiras em casa e de terem uma relação com a liberdade vigiada. Um contraste com relação a entrevista da Thaís que teve um contexto diferenciado. Sua família toda veio de Laguna para morar na região do Poção onde cada tio e tia construíram uma casa. Cresceu na rua brincando com primos e primas, onde reconhecia todos os moradores da sua comunidade, o Poção.

Thaís G3, manifestou na lembrança o sentimento de pertencimento e segurança com o ambiente, ter um grupo de amigos como apoio e a liberdade para brincar na rua, de viver suas experiências de infância de forma intensa e marcante. Nos contou:

Então daí a gente se desafiava, falava assim: "Se tu chegar lá em cima, se tu acender aquela luz lá tu é o top da balada né?" Daí a gente ia, se cagando tudo! Ia rezando subindo aquele morro na escuridão, na escuridão, na escuridão e nós subia aquele morro lá e chegava lá acendia a luz e gritava lá de cima: "eh eu consegui!" Então acho que era isso é uma questão de desafiar o medo né também que era muito, dava muito medo e daí a gente também tem a história do lobisomem do poção né, que daí o lobisomem do poção, então dava medo mais ainda na pessoa né. E era muito... a gente se juntava para fazer isso aí, para acender a luz do vizinho. (23.04.2025)

Esse depoimento é riquíssimo e oferece múltiplas camadas de leitura. A vivência descrita pela Thaís de sua experiência de criança ao subir o morro à noite pode ser analisada como uma experiência profunda de contato com a natureza, não apenas em seu aspecto físico, mas simbólico e afetivo.

O relato evoca uma experiência marcada pela tensão entre medo e coragem, que se desdobra no corpo da criança em movimento, na escuridão do morro, no silêncio cortado por rezas, gritos e risos. Trata-se de uma relação com a natureza que não se dá por mediações seguras ou domesticadas, mas pelo enfrentamento direto de seus mistérios, à noite, o escuro, o desconhecido. Viver a natureza na constituição da aventura, do rito coletivo e despertando em si a capacidade de superar, dominar e controlar o medo.

Nas recordações de infância de Daniel G2 associadas ao medo se lembrou de imediato:

A onde nós, aqui onde é a creche que era chácara, dizia que tinha um lobisomem. Então assim, é... tudo uma história dos antigos passando ou deixando nós com medo, né, que era um medo é de criança até ali a adolescência mas era um medo de uma história né, agora se existiu ou não, isso eu nunca vi, para dizer. Né? (26.02.2025)

A senhora Bernadete nos contou que:

[...] A gente se escondia até debaixo da cobertura porque tinha medo! [...] aqui era muito escuro, nossa o lugar aqui era uma casa aqui e outra lá adiante, não tinha luz, era

tudo... encerrava, anoitecia aquela escuridão total, mas ninguém saía. (03.04.2025)

O Horto Florestal foi muito citado no grupo G3, se destacando como um dos espaços preferidos para ser frequentado na infância. Para Manuela G3:

No Horto eu ia bastante assim, geralmente meus pais no final de semana me levavam lá para para brincar, ir no parquinho, fazer as trilhas que eu nem sei se hoje em dia ainda tem aquelas trilhazinha que tinha. [...]. Eu gostava justamente de fazer as trilhas, o parquinho, a gente ia no laguinho ali antigamente acho que podia pescar agora já não pode mais. Eu lembro que tinha também tipo umas barraquinhas assim que ficavam as cobras no vidro, sabe? Não sei se ainda tem, na época tinha. Acho que era isso. As tartaruginha lá na frente no lago. (15.04.2025)

Para Bruna G3: *“Eu gostava da praça, do Horto, é mais do Horto! É eu gostava mais do Horto, que eu gostava de ir lá. [...], eu gostava de ver os bichinhos.” (14.04.2025)*

Para Thaís G3 o Horto Florestal fazia parte das atrações do fim de semana:

É já, já frequentei bastante o Horto Florestal aqui, a Berman né, já. Ali aquela parte do... ai como é o... tem um parquinho ali atrás, eh... o CONFIA que a gente fala que é o CONFIA a gente... nossa foi demais ali a gente ia direto, fazer no final de semana, ficar... sabe jogar vôlei, jogar futebol, correr né a gente, nossa! Marcava todo mundo no final de semana se encontrava aqui na praça e todo mundo descia aquele... criançarada, aquele bonde né. Essa era a nossa atração no final de semana. (23.04.2025)

Questionadas sobre memórias com relação à natureza, Thaís G3 respondeu: *“A gente não tinha medo de nada, a gente era bicho solto”*. Exploravam bastante o bairro. Já para Manuela e Bruna, o espaço que mais representou essa conexão foram as idas ao Horto Florestal.

Bruna G3 também se lembrou das saídas para caminhar com o seu pai e sua mãe: *“Era legal! Eu gostava de subir na árvore. (Risada.) Tipo eu era muito boa em subir na árvore. Eu não subia muito alto, mas eu subia. Então eu adorava. Achava muito legal! Me sentia alta. Era uma aventura.” (14/04/2025)*

E se lembrou do lugar que viu o rio pela primeira vez:

É só um lugar que você passa a pé e você olha pro lado e você vê o riozinho. Você consegue ter uma vista. Só que antes ali era muito mal feito, e era muito... tipo, a minha mãe não deixava eu nem chegar perto porque era meio baixo, e aí a calçada ali era toda meio quebrada, meio estranha. Então tinha que tomar cuidado quando passava ali, eu tinha um pouco de medo, “aí eu vou cair!” Quando criança a gente acha que cai né, mas dava para ver o rio dali. Só que era o rio toda vez que eu vi ele tava super raso, quase seco, ainda que o cheiro às vezes não era muito bom, então eu não ligava muito não, não ligava muito pra ele. (14.04.2025)

Figura 6 - Imagem registrada no dia da entrevista da Bruna.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Abril 2015.

Esse relato nos ajuda a pensar sobre a transformação das experiências infantis com o ambiente natural no contexto urbano contemporâneo. A relação com o rio já não se dá pela imersão sensível, mas pela mediação do risco, do medo e da degradação ambiental. Como apontam autores como Krenak (2022), Tiriba; Profice (2014), há uma crescente desconexão entre crianças e espaços naturais, especialmente em territórios urbanizados onde a natureza resiste de forma precária, muitas vezes transformada em resíduo, obstáculo ou ameaça.

O ser humano é um ser cultural, pertencente a natureza, que em seu processo evolutivo foi se desconectando na produção do mundo moderno. “Foi na natureza que nos tornamos humanos, foi nela e em estreita interação com seus seres e processos que vivenciamos e compartilhamos conhecimentos que fundamentam nossa cultura. Foi justamente nos ambientes naturais que desenvolvemos nossa capacidade de aprender juntos e continuamente, o que nos permitiu aprimorar saberes e fazeres cada vez mais diversos e complexos” (Tiriba; Profice, 2014, p.47-48).

Em suas memórias Krenak compartilha seu sentimento: “Essa liberdade que eu tive na infância de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza me deu o entendimento de que eu também sou parte dela” (Krenak, 2022, p.102).

Diferente dos relatos anteriores que valorizavam a intimidade com o córrego como espaço de brincadeira e aventura, esse excerto revela outra geração de experiências, marcada pela ausência de vínculo afetivo com o ambiente natural. O rio não é vivido, é apenas visto de passagem, e até evitado. Trata-se, assim, de uma narrativa que ajuda a pensar como a relação

com a natureza tem se empobrecido em decorrência de transformações socioambientais e urbanas que limitam o acesso, o cuidado e a imaginação.

A relação da criança com a natureza em memória guarda e desvela mudanças profundas na forma como a natureza é percebida e vivida no contexto urbano contemporâneo. Ao contrário das memórias mais antigas, marcadas por uma relação direta, corporal e simbólica com o ambiente natural, os relatos mais recentes revelam experiências esporádicas, de distanciamento, que são evidenciadas na ausência, no silêncio. O rio, antes lugar de mergulho e brincadeira, aparece agora como um espaço perigoso, poluído, interditado pela vigilância materna. À luz da concepção de vivência proposta por Vigotski (2018), esse deslocamento não é apenas uma mudança no ambiente físico, mas uma transformação nas significações que a criança constrói a partir de suas interações com o meio. O medo de cair, o cheiro desagradável, a calçada quebrada, tudo isso compõe uma experiência carregada de afetos e sentidos, moldada pelas condições sociais e urbanas do entorno. Compreender o desenvolvimento da criança, nesse sentido, exige atenção à forma como ela se apropria do mundo e transforma o exterior em interioridade, o espaço em memória, o ambiente em narrativa. Encerrar este capítulo com essa vivência é reconhecer que, mesmo diante do afastamento, a natureza continua a provocar significações, apontando para a necessidade de recriar caminhos de reconexão entre infância, território e natureza.

5.4 BRINCADEIRAS E JOGOS NAS LEMBRANÇAS DO CÓRREGO GRANDE

As memórias da infância constituem uma fonte singular de conhecimento sobre a cultura, os vínculos afetivos e as práticas sociais que marcaram o Córrego Grande. Ao rememorar as brincadeiras e os jogos vividos é possível acessar não apenas lembranças individuais, mas experiências compartilhadas que contribuíram para a constituição subjetiva da infância assim como a compreensão dos sentidos atribuídos a essa etapa da vida.

Este capítulo busca analisar as brincadeiras e os jogos a partir das narrativas de moradores que vivenciaram a infância no Córrego Grande. Mais do que recuperar as lembranças, trata-se de compreender os significados atribuídos às vivências, os espaços que as possibilitaram, os sentidos de liberdade, convivência e criação que elas nos evocam. Através dessas lembranças, investigam-se as formas como o brincar se inscrevia no cotidiano da infância e como favorecia a construção de laços, de modos de ser e de estar no mundo.

Com base nos aportes teóricos de Vigotski (2008), entende-se que a brincadeira ocupa um lugar central no desenvolvimento humano, constituindo-se como campo de elaboração

simbólica e de expressão da cultura. A memória das brincadeiras, portanto, é também memória de processos de aprendizagem, de convivência, da cultura na qual estão inseridas.

Ao analisar essas lembranças, pretende-se evidenciar os modos como as brincadeiras expressam e, ao mesmo tempo, transformam as relações sociais, os valores e os espaços que compõem uma determinada comunidade.

A seguir, apresentamos um quadro com todas as brincadeiras mencionadas pelos entrevistados, que servirá de base para a análise proposta neste capítulo. Essa sistematização visa não apenas organizar os dados, mas também evidenciar a potência da brincadeira como expressão da relação das crianças com o espaço, o tempo, a cultura e a natureza.

Quadro 7 – Lista das brincadeiras lembradas

| BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS | GRUPO |
|---|------------|
| Amarelinha | G3 |
| Balançar no cipó, Corda | G2, G1 |
| Bandeira Salvo | G1 |
| Bicicleta | G3, G2, G1 |
| Boi de mamão | G3, G2, G1 |
| Bola | G3, G2, G1 |
| Bola de meia | G2 |
| Bolinha de Gude, bolinha de vidro | G2, G1 |
| Boneca, Barbie | G3 |
| Boneco, Power Rangers, espada, cacareco de plástico | G2 |
| Botar formiga para brigar | G2 |
| Brincar dentro de casa | G3 |
| Brincar de ser boi | G1 |
| Brincar de imitar o galo (lata com barbante) | G1 |
| Brincar com areia | G2, G1 |
| Brincar com colchão feito com capim colchão | G1 |
| Brincar no pasto | G1 |
| Brincar por todo o bairro | G3, G2 |
| Buscar a Pipa no mato | G2 |
| Caçar passarinho | G1 |
| Carretão, Carro de quatro rodas | G2, G1 |
| Carrinho de lata | G1 |
| Casinha | G1 |
| Conversar na calçada | G1 |
| Criar História | G3 |
| Construir casinha com material de construção | G2 |
| Correr | G3, G2, G1 |
| Corrida de tampinha | G2 |
| Cozinha, Fazer comidinha, Cozinhado | G3, G1 |
| Desenhar na areia com varinha | G2 |
| Encenar História | G2 |

| | |
|--|------------|
| Escalar o muro | G3 |
| Esconde-esconde | G3, G2, G1 |
| Escorregar na canoa de coqueiro | G1 |
| Farra do boi | G1 |
| Fazer boizinho, cavalo, cocheirinha com gravetos, frutas, batata do rio, umbigo da bananeira | G2,G1 |
| Faz de conta | G1, G2 |
| Futebol | G3, G2, G1 |
| Gato mia | G3 |
| Halloween | G3 |
| Jogar Calha | G1 |
| Jogar Taco | G2, G1 |
| Jogar comida para os pássaros | G2 |
| Jogo da Memória | G3 |
| Jogo de tabuleiro | G3, G2 |
| Laranja Podre | G1 |
| Mamãe eu posso | G3 |
| Mergulhar | G1 |
| Nadar | G1 |
| No quintal da Bisa colher ovos, brincar com pintinhos, galinha | G3 |
| Olhar pela janela o boi passar | G1 |
| Papai mandou | G3 |
| Parquinho do AMJA (Praça) | G3, G2 |
| Parquinho da escola | G3 |
| Parquinho do Horto Florestal | G3 |
| Pé-de-lata | G2, G1 |
| Pega-pega | G2, G1 |
| Pegar vagalume, cigarrão | G1 |
| Perna-de-pau | G2 |
| Pescaria | G3, G2, G1 |
| Peteca | G1 |
| Pipa, pandorga | G2, G1 |
| Polícia e ladrão | G3, G2 |
| Pula corda | G3, G1 |
| Pular muros e grades | G2 |
| Quadra da escola | G2 |
| Qualquer coisa na rua | G3 |
| Queimada | G3 |
| Roda | G1 |
| Roubar fruta do vizinho | G1 |
| Se esconder do mascarado | G1 |
| Subir em árvore | G3, G1 |
| Subir o morro no escuro | G3 |
| Tirar pedra do rio pra ficar fundo | G1 |
| Tocar as cabras nas pedras para ver elas pularem | G1 |
| Trilha | G3,G2 |
| Tudo que viesse na imaginação | G2 |
| Ver as cobras, tartarugas, os bichos | G3, G1 |

| | |
|------------|--------|
| Vídeo Game | G2 |
| Vôlei | G3, G2 |

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Ao compreender a brincadeira como uma atividade estruturante do desenvolvimento infantil, conseguimos analisar os relatos das memórias de infância de forma sensível aos processos de constituição subjetiva, e de interação social.

Ao adotar essa perspectiva, olhamos para as brincadeiras como um espaço de elaboração de experiências, valores e formas de estar no mundo. Isso enriquece a análise, pois considera a importância da brincadeira na formação humana.

As memórias evocadas pelas(os) participantes da pesquisa revelam diferentes formas de brincar atravessadas pela cultura, nos contextos sociais e transformações no modo de viver no bairro do Córrego Grande.

Nosso ponto de partida será junto com o senhor José G1, cuja narrativa expressa uma visão sobre a infância atravessada pelo trabalho e pela escassez de tempo para o brincar. Em sua entrevista, ele afirmou: “É! A gente trabalhava toda vida! Porque quem tem granja de gado que tira leite, o gado não espera. Tem que ser tirado pela manhã e à tarde. Então... a gente não tinha brincadeira, não tinha infância.” E quando insistimos na pergunta o encontro:

Não! Nunca brinquei de nada! Às vezes fazia aquelas coisinhas de boizinho, aquele embigo de bananeira, tinha aquele embiguinho do cacho da banana. A gente apanhava e fazia um boizinho daquele. Amarrava uma cordinha..., mas era uma brincadeirinha que... [...]. Era isso aí. A única brincadeirinha porque a gente não tinha... [...]. Nunca soltei pandorga! Nunca! Depois fui soltar pandorga, depois de grandinho assim! Mesmo assim soltava numas horinhas assim já tinha que vim pra trabalhar! Meu negócio era serviço! A gente começava às quatro horas só arriava... dez horas, onze horas da noite! (26.02.2025)

O depoimento do senhor José apresenta uma perspectiva singular sobre a infância e a brincadeira, marcada fortemente pela experiência do trabalho desde muito cedo. Sua fala expressa uma dissociação entre infância e brincadeira, o que evidencia um processo de subjetivação atravessado por exigências produtivas, valores de responsabilidade precoce e um contexto sociocultural em que o trabalho infantil era naturalizado. Quando afirma que “*não tinha brincadeira, não tinha infância*”, parece nos querer dizer que para ele, a infância é sinônimo de tempo livre para brincar, algo que lhe foi negado.

Para Minayo (2006):

A origem secular do trabalho infantil no mundo e, particularmente no Brasil, está, em primeiro lugar, na pobreza, na miséria e na má distribuição de renda. Em segundo lugar, vem o peso da cultura rural, sobretudo no sul do país, onde, apesar de as condições sociais no campo serem bem melhores que as do Nordeste. Na região Sul, quase metade das crianças e adolescentes, cujos pais trabalham em atividades agrícolas, também trabalha, em proporções mais elevadas do que as de todas as outras regiões (Minayo, 2006, p.87).

Ao longo do período rural do bairro Córrego Grande, a infância foi marcada por intensas responsabilidades domésticas e produtivas, muitas vezes confundindo-se com o universo adulto. Esse processo de inserção precoce no trabalho reflete aquilo que Minayo (2006) denomina como uma forma de violência estrutural: um mecanismo social que, por estar enraizado em condições históricas e econômicas, aparece naturalizado, como se fosse inevitável.

Ainda que o senhor José G1 negue categoricamente ter brincado, ao longo da entrevista emerge uma memória corporal e afetiva que revela algumas brincadeiras, como a confecção de "boizinhos" com umbigo de bananeira. Essa menção, mesmo minimizada, indica que a brincadeira existia, ainda que tímida, e pode ser interpretada como uma brecha no cotidiano do trabalho, uma forma de expressão simbólica e criativa que resiste, mesmo que de maneira discreta, às imposições da vida precoce no trabalho.

Essa negação do brincar pode estar relacionada a uma valorização social do trabalho como elemento estruturante da identidade masculina e adulta. A forma como o senhor José descreve, o brincar aparece como algo menor, quase incompatível com a seriedade da vida rural e do compromisso com a produção familiar. A memória que nega a brincadeira pode ser compreendida, portanto, não como ausência de experiências lúdicas, mas como um apagamento simbólico delas diante da centralidade do trabalho como eixo de reconhecimento social e subjetivo. Como nos faz refletir Bosi (2023): “Se a substância memorativa se adensa em algumas passagens, noutras se esgarça com grande prejuízo para a formação da identidade. É grave também nesse processo o ofuscamento perceptivo, ou melhor dizendo, subjetivo, uma vez que afeta o sujeito da percepção” (Bosi, 2023, p.24).

A análise desse relato nos convida a problematizar a ideia romantizada da infância como tempo universal de liberdade e brincadeira. Mostra, também, como as condições materiais, as exigências sociais e as narrativas familiares moldam o que pode ou não ser vivido, lembrado e reconhecido como "brincadeira". O caso do senhor José reforça a importância de escutar com atenção os silêncios, as negações e os detalhes que são reveladores, pois neles encontramos a experiência infantil em contextos marcados pela desigualdade e pelo trabalho precoce.

Como já abordado anteriormente constatamos em todas as entrevistas do grupo G1 a associação das suas memórias de infância às demandas do trabalho. Esse reconhecimento evidencia como o contexto social e econômico da época influenciava profundamente o cotidiano das crianças, muitas vezes limitando as possibilidades do brincar livre e espontâneo. Importante considerar que a brincadeira reconhecida pela senhora Neuza como “rústica” foi intensa, mas ocorria nos momentos em que já se tinha cumprido as responsabilidades, seja pelas tarefas domésticas ou pelo “apoio” nas atividades familiares.

No entanto, mesmo em meio às exigências do trabalho precoce, os relatos revelam que as crianças encontravam espaços para o brincar, ainda que breves ou integrados às atividades do cotidiano. Esses momentos demonstram a força do brincar como expressão da infância e como ferramenta de elaboração subjetiva da realidade.

A partir desse ponto, voltamo-nos às memórias das brincadeiras que emergem com intensidade nas narrativas de todas as gerações, nos respectivos grupos G1, G2, G3. Essas lembranças oferecem um panorama rico e diversificado, permitindo-nos compreender melhor os sentidos atribuídos às brincadeiras, os espaços ocupados pelas crianças e as transformações ocorridas ao longo do tempo nas formas de brincar.

Para a senhora Bernadete G1:

As brincadeiras eram assim né, de bicicleta, taco, jogar bolinha de gude, jogar bolinha de futebol, pandorga né, que hoje já não se vê mais. Pegar vagalume! Bastante a noite a gente saía, a gente corria nesses matos todos! [...]. Aí a gente botava assim uns pau de fogo e ele vem né? Na luz. O vagalume vem. Aí a gente derrubava com a folha de pau, derrubava ele e a gente ajuntava e levava pra casa. [...] E botava o copo virado em cima deles né, que eles tem aquela luzinha. E aí a gente começava a dizer: “Pula Martinho, pula Martinho!” Ele pulava, eles dão uns estralo! Viravam! [...] Era muito bom! (03/04/2025)

O senhor Edson G1:

É a que eu falei, é carrinho de lata, bolinha de gude, o futebol no meio, meio da rua... Era isso! Roubar a fruta dos outros, incomodar os vizinhos. É só isso. A minha infância. E o brinquedo que a gente brincava muito era com essas canoas né negão? De coqueiro. Ali em cima tinha um pasto, nós pegava essas canoas de coqueiro... lá tá vendo lá ó? (Apontou na direção de uma palmeira bem alta e distante.) Aquela seca lá. A gente aguentava (?????)²¹ e ia embora! [...] A gente dobrava, sentava em cima, parecia um skate, ia embora. (14/04/2025)

Na recordação do senhor Moisés G1 compartilhou a emoção da brincadeira:

²¹ Não foi possível identificar no áudio essa palavra.

[...] nós brincava muito, aqui tinha um morro. Um morrinho aqui a gente brincava com aquele... com o cacho... a canoa, a gente dizia que era a canoa do coqueiro não tem? Aquele que dá o cacho e fica aquela canoa. [...]. Uh aquilo era gostoso aquilo! Chegava todo arreventado! Botava no morro, segurava, um dava um puxão, vinha que descia direto, tinha um plano mais em baixo e dava com os cornos lá em cima, que era a coisa mais linda! (Falando rindo) Era... aquilo ali era gostoso, a gente vadiava, não tinha. Esses brinquedos assim que a gente inventava tudo assim, não tem? [...]. É, tinha um carrinho de quatro rodas também que a gente brincava com aquilo ali. Descia a ladeira. Tinha um na frente e outro atrás. Geralmente eram dois. A gente descia com aquilo ali, a gente fazia. Tinha uns caras que faziam um carrinho legal, o pai também era metido a fazer isso aí. Ele fazia para a gente. O resto era bola! Tinha um campo onde era a creche, ali assim, um campinho legal. Pequeno! A gente brincava de bola ali. Aí fazia a minha turma, a turma do fulano, era gostoso também. (20.02.2025)

Na entrevista com as irmãs, a senhora Neuza do grupo G1 lembrou: “*Carrinho de quatro, fazia carrinho de quatro rodas. Nós íamos brincar num pasto que tinha, bem alto. Nós se mandava de... com o carrinho lá de cima. Ô, brincava, brincava!*” A senhora Isolete G1: “*O pai fazia*”. E a senhora Neuza complementou: “*Um dia botamos a Dulce, né mana, nesse carrinho, ela virada pra trás! No meio do caminho, quando chegamos cá em baixo, cadê a Dulce? Tinha caído e ninguém tinha visto (Risadas)*”. A senhora Isolete complementou dizendo “*Nós era pequena! [...] a gente brincava naquelas canoa de coco, a gente brincava de escorregar com a outra. [...]. Né? A gente não tinha esses brinquedos que tem hoje!*” E quando perguntei se brincavam mais do que as crianças de hoje, a senhora Neuza respondeu:

Brincávamos sim! Essas brincadeiras rústicas, mas brincávamos! Hoje em dia nem brincam! É só televisão! [...]. Aquelas canoas! De coqueiro, não tem assim? De coqueiro e é grossa! Nós pegava aquilo ali, estávamos uns dois, três naquela canoa e puxávamos morro abaixo... Um dia, (risos), quando chegamos cá em baixo, cadê a Dulce? Tinha se perdido no meio do caminho! (26.02.2025)

As entrevistadas Tháís, Bruna e Manuela são do grupo G3, e nos contam sobre suas experiências. Na entrevista com Tháís, ela se lembrou de muitas brincadeiras: “*sabe jogar vôlei, jogar futebol, correr né a gente, nossa! Marcava todo mundo no final de semana se encontrava aqui na praça e todo mundo descia aquele... criançaçada, aquele bonde né. Essa era a nossa atração no final de semana*”. E não se cansava de dizer que brincava muito na rua:

[...] a gente ficava até tarde ali, dez, onze horas da noite na rua brincando! O problema é quando ia pra casa beber uma água daí a mãe não deixava mais sair né. “Não, deu de rua!” Mas a gente ficava até altas horas na rua brincando de tudo que era tipo de brincadeira... esconde-esconde mesmo cansei de brincar de esconde-esconde. [...] Tipo essa do... aquela do gato mia, o esconde-esconde, nossa eu adorava brincar de esconde-esconde. Aquele... polícia ladrão, tinha aquele papai mandou, mamãe eu posso, umas coisas assim, sabe? Era muito divertido! Amarelinha mesmo, nossa senhora! A gente pegava aqueles tijolos mesmo sabe, quebrava o tijolo que tinha e fazia no chão a amarelinha para poder pular. Nossa!!! Era muito

divertido. Eu me lembro de tudo isso. Olha brinquei, aproveitei. A minha infância eu aproveitei muito. (14.04.2025)

Na entrevista de Bruna podemos ampliar a compreensão sobre os deslocamentos da infância para o espaço doméstico e a presença de brincadeiras marcadas por elementos do universo privado. Bruna inicia seu relato se definindo como "mais caseira", revelando uma preferência por brincar dentro de casa, em especial com bonecas e bichos de pelúcia: "Adorava brincar de boneca, ficava brincando de Barbie, ficava criando história...". Seu depoimento destaca a imaginação como eixo central da brincadeira, voltada à criação de narrativas e interações simbólicas em um espaço protegido. Ao mesmo tempo, também rememora as brincadeiras ao ar livre, especialmente nos espaços coletivos do bairro e no Horto Florestal, que permanecem em sua memória como lugares significativos para o lazer da família:

Ah aqui era um grande bloco de grama assim (risada), o que me chamava a atenção era a grama, quando eu cresci né, como eu falei, quando eu era pequena eu lembro do mato, aí eu lembro que depois eu fiquei mais velha tinha os brinquedos. Então sempre foi um lugar de brincadeira né. De ir com a minha irmã e brincar nos brinquedos. E o Horto também, era mais pra gente brincar nos brinquedos, a gente adorava! (14.04.2025)

Sua fala revela uma transição entre o brincar no mato e a chegada dos brinquedos mais estruturados nos parquinhos, evidenciando o modo como o território também se transforma e reconfigura as formas de brincar ao longo do tempo.

Já Manuela, nos ajuda a refletir sobre a forma como as memórias da infância são acionadas ao longo do processo de rememoração. Inicialmente, ela demonstrou certa dificuldade em recordar detalhes, “*meu Deus! Eu não tenho nada assim muito... para contar né, mas foi mais em casa assim eu não lembro muita coisa, mas...*” no entanto, à medida que a conversa avançou, as lembranças foram surgindo e foi se lembrando das brincadeiras, esse trecho selecionado são das memórias na casa da Bisa:

Então quando eu brincava lá eu brincava mais na casa da minha bisa ali mesmo, no terreno. Ela tinha galinha, galinheiro ali, então a gente ficava lá, colhia o... colhia não, pegava os ovinhos, ela levava eu para pegar os ovos, tinha um monte de gatinho, ela tinha vários gatinhos que ela deixava na caixinha, chegava lá cheio de gatinho para brincar ali com eles no terreno, agora na rua na rua não lembro muito de brincar assim. Porque como eu não tinha ninguém para brincar junto comigo eu ficava mais dentro ali da casa dela mesmo. Então daí tinha árvore, brincava na árvore, tinha araquá eu adorava araquá. Então sempre que eu ia lá eu tinha que ir na árvore do Araçá, da jabuticaba, Jabuticaba, a jabuticabeira dela era enorme assim. [...] eu gostava de brincar mais às vezes até com coisa de menino assim, se meu primo fosse lá a gente brincava de escalar o muro, agora de brincadeira de criança eu acho que eu tinha uma cozinha eu brincava de fazer comidinha, mas quando era pequeninha, depois eu já comecei a, a não querer mais muito brincar assim. Eu acho que era isso, pular corda... não me lembro de nenhum brinquedo assim, aí depois

meus pais aí como era mais eu e... a gente começou a brincar com jogos de tabuleiro, mais joguinhos assim, da memória. (15.04.2025)

Já na entrevista com o Davi do grupo G2, o contraste com a vida social e a liberdade, demonstra a sensação de que todo o ambiente inspira brincadeira:

[...] a gente transitava entre os prédios né, pra fora, na fazendinha, nos terrenos em volta, então era meio que nosso pequeno, era o nosso mundinho assim, a gente nunca ia longe demais, mas assim dentro desse espaço a gente tava sempre transitando, sempre brincando, sempre ocupando né? [...] tinha essa sensação de que ah... qualquer lugar que você ia, as Associações, era meio que pra brincar, jogar bola. A gente construía muita casinha também, acho que isso é um... tinha muito material de construção sempre né? [...] a gente construía nossos espaços né de diversão [...] eu lembro também muito dos meus primeiros amigos aqui, sabe? As brincadeiras que a gente fazia eh...ali, na parte de trás do prédio né, que tinha uma caixinha de areia sabe, então a gente brincava muito lá no começo. (08.04.2025)

O que não foi diferente dos outros entrevistados de seu grupo. Nas recordações de Renato:

[...] então brincávamos de tudo que tu puder imaginar. Policia e ladrão, taco, futebol, vôlei, tudo que viesse da imaginação. Como a gente não tinha muito recurso e não tinha muito, não tinha essa coisa de brinquedo eletrônico, essas coisas, nós... Era outra época! Então a gente brincava muito na rua e nas ruas ao lado. [...]. Então a nossa brincadeira nós vivíamos na rua! Nós vivíamos na rua é..., com muita pouca idade e brincando do que você pudesse imaginar, bolinha de gude, corrida de tampinha, tudo isso passou pela minha infância e por bastante tempo. (21.03.2025)

E nas recordações de Daniel:

[...] nós tínhamos prazer de brincar na rua. Né, porque como eu expliquei, não tinha movimento, era só os moradores, mal passava um carro, então nós jogava de taco, jogava de... brincava de pega-pega, aí o campo hoje, onde é a Praça Edson Pereira do Nascimento. Teve uma modificação muito grande só que ele tinha um declive então nós jogava futebol e a bola vinha pra rua, mas os pais, os responsáveis pelas crianças não tinham medo porque era... não passava carro! Era uma comunidade muito tranquila né. No sentido de mobilidade urbana né. (01.04.2025)

Dentre as brincadeiras citadas, o futebol aparece como a mais recorrente entre todas as gerações, confirmando seu lugar como prática cultural significativa e de fácil acesso. Citado pela maioria dos participantes. No grupo G1, quem não brincava gostava de assistir, como foi o caso das senhoras Neuza e Isolete, e no grupo G3 essa brincadeira não foi citada nas entrevistas da Manuela nem da Bruna. Pelo que nos contaram, o bairro tinha um campinho

improvisado em cada canto, escolhido de acordo com a situação do momento. Na entrevista com o Renato do grupo G2 ele nos contou:

Quando eu era criança era muito legal porque tudo, todo o espaço não era adequado, não era... um parquinho, nunca tivemos um parquinho pra brincar. A gente que inventava! [...] o único espaço apropriado para a brincadeira era a quadra da João Alfredo Rohr. Da escola municipal João Alfredo Rohr. Que era um muro baixinho. [...]. Então a gente brincava quando acabava a aula e só ia pra casa às dez, onze horas da noite, quando ele desligava as luzes. [...]. Mas tínhamos vários outros campinhos. Aqui atrás do NEIM, tinha um campinho que a gente chamava de campinho do Lira. [...]. Tinha outro campinho onde hoje é a praça da comunidade, onde hoje é conhecido como a Berman, a construtora Taba que fez todos aqueles prédios, mais parecidos ali. [...]. Então tinha o campinho da TABA. Improvisado, com mato alto, com roseta. Nós jogávamos descalço então nós brincávamos muito por todo o bairro. [...] lá quando nós tínhamos dez, onze, doze, treze anos, é, tínhamos jovens por todo o bairro, mas criou uma, núcleos, a galera do poço, a galera da COPEL que é o conjunto Habitacional Guarani que ficou conhecido sei lá porque por COPEL. Então tinha a galera da COPEL, a galera do Poço, a galera do Morro da Cruz que era da parte da subestação, a galera da região mais baixa, que era da onde eu morava, aqui, região central e a galera do Capitão Américo que é ali onde é o Chalé do Óleo, aquela rua ali pra cima. (21.03.2025)

Ao todo identificamos oito lugares diferentes. Como na entrevista do senhor Moisés ele também nos contou do campinho que existiu atrás do NEIM Fermínio Francisco Vieira, o Renato G2 nos deu mais detalhes:

[...]. Não era uma coisa feita por alguém. Foram cortando árvore e pá, e no final do campo ele fazia assim ele fazia uma descida que nós quando chovia, o jogo tinha que ser no campo do Lira, porque? Ficava uma piscina no campo. Então a gente se jogava na lama, na chuva e no final todo mundo ia pra aquela poça d' água lá, se lavava e ia pra casa encharcado mas não ia sujo de lama. Ahaha! (21.03.2025)

O senhor Moisés G1, nos contou que sua mãe preferia que brincasse em casa:

Ah, minha mãe era meia dura assim não tem? “Ah não, nada de sair..., ficam em casa!” Os amigos vinham brincar aqui assim, era tudo livre! Fazia campinho de futebol, brincava não tem, vinha muita criança aqui assim, vinha muitos amigos.[...] Tudo da minha idade, um pouquinho mais velho, mais novo, mas era cheio de gente toda vida, aqui tinha muita fruta, então eles vinham pra cá pra comer fruta não tem. Vadiava aqui. A mãe “é melhor ficar aqui, porque aqui eu tô vendo vocês. (20.02.2025)

A partir do relato do senhor Moisés, observa-se um interessante paradoxo no modo como a brincadeira era vivida e regulada. Mesmo em um tempo marcado pela liberdade, onde o espaço público era extensão do quintal e a relação com a natureza e os vizinhos era de proximidade e familiaridade, a mãe do senhor Moisés expressava um cuidado sobre as atividades do filho. Essa atitude revela que, ainda em contextos comunitários onde a criança

possuía ampla mobilidade, também existiam diferenças nas formas como os adultos compreendiam e manifestavam o cuidado e o educar.

O futebol que apareceu como uma das principais brincadeiras daquele tempo, assumindo função agregadora no cotidiano infantil, no campinho improvisado no quintal de casa, servia de espaço de encontro entre crianças de diferentes idades, constituindo um cenário privilegiado de interação social, experimentação do corpo em movimento, negociação de regras e fortalecimento dos vínculos afetivos. A presença de amigos e o compartilhar de frutas do quintal reforçam a dimensão comunitária e simbólica do brincar, em que o espaço da casa se expande e se transforma em lugar de encontro, de vínculo e acolhimento.

Por outro lado, a fala da mãe “*é melhor ficar aqui, porque aqui eu tô vendo vocês*” sinaliza um movimento de responsabilidade, proteção que antecipa o que se tornaria mais comum no contexto urbano. O brincar supervisionado, limitado ao espaço doméstico. Ainda que naquele contexto a liberdade fosse maior, estavam no espaço de uma chácara, essa postura indica a coexistência de diferentes formas de relação com a infância, demonstrando que a imposição do limite e a permissividade sempre estiveram em constante negociação no interior das famílias.

Outra brincadeira muito citada foi a pescaria, praticamente esteve presente na infância dos três grupos, porém em contextos diferentes. O grupo G1 e G2 a pescaria acontecia no rio, já no G3 a pescaria apareceu no contexto do Horto Florestal. No relato do senhor Edson quando perguntado se conhecia o rio ele nos contou com detalhes a sua intimidade, o trajeto que percorria por dentro do rio e os lugares bons para a pesca, “*Peguei muito jundiá, muita piava, muito cará. Nós vinha lá de baixo com a frigideira... [...] O rio era bem cheio, nós pescava, pegava peixe, levava para casa para fritar. Era o nosso divertimento, mas era o rio e o futebol!*”(14.04.2025)

Quando questionado sobre o lugar da pescaria ele nos contou:

Começava lá no Imperatriz vinha pescando ia embora. [...]. Todo pelo rio. Tinham, tinha o pocinho do seu Teté, o pocinho do seu Janga, o pocinho do seu Dodoro, o pocinho da dona Iolanda, o pocinho do seu Olegário, tinha pocinho da dona Júlia e tinha um... pocinho do sertão e do poção! Me lembro, me lembro muito bem.
(14.04.2025)

Nas lembranças das senhoras Isolete e Neuza, a brincadeira de pescaria no rio aparece com destaque e carrega consigo a vivência de um tempo em que a relação com a natureza fazia parte do cotidiano das crianças. Os relatos revelam uma interação afetiva e concreta com o

ambiente natural do Córrego Grande, onde brincar também significava aprender, experimentar sabores e construir memórias partilhadas com a família. Como narram:

Senhora Neuza – *“Ah sim, brincava muito! Brincava! Brincava muito no Córrego! Brincávamos.”*

Senhora Isolete – *“De pescar!”*

Senhora Neuza – *“Pegava piavinha! Limpava! Fritava! Fazia farofinha pra comer, pra rincar.”*

Senhora Isolete – *“Pituzinho, né mana? Pituzinho também. Pituzinho é camarãozinho... do Córrego, do Córrego de água doce...[...] A gente pegava os pituzinhos e levava para a mãe. A mãe botava em cima da chapa, no fogo à lenha e ali eles cozinhavam e a gente comia.”*

(26.02.2025)

E assim, com lembranças que alcançam outras recordações se lembraram da presença da pescaria presente nas brincadeiras de faz de conta como nos contou a senhora Isolete:

E a gente tinha muita laranja e bergamota, não é? E a gente pegava as bergamota, descascava, abria ao meio, botava um varalzinho assim... botava os peixinhos, pendurava para dizer que era peixe... a bergamota a gente dizia que era peixe! [...] A gente fazia que era peixinho! Daí a gente: “Vamo comadre! Pegar os peixinhos!” E a gente comia e não fazia mal! A gente fritava! Pegava a louça da mãe e fritava [...] fazia um fogueiro, fritava na água para comer! Na nossa casinha! Todo mundo ali! Enquanto a gente era o quê? Uns oito ou dez anos... né mana? (26.02.2025)

A brincadeira de pescaria com cascas de bergamota evidência de maneira sensível como a imaginação infantil ressignifica o mundo material, transformando elementos simples do cotidiano em objetos simbólicos plenos de sentido. À luz das contribuições de Vigotski (2008), ao atribuírem à casca da bergamota o papel de "peixinho", as crianças operam com os significados e não com o objeto em si, num processo em que, como aponta o autor, “o dominante passa a ser o momento semântico: sentido/objeto” (Vigotski, 2008, p.31). Onde a significação se emancipa do objeto. A brincadeira aqui é um espaço criativo e culturalmente mediado, fundamental para a organização do agir infantil. Esse exemplo mostra como a comunicação entre crianças, os objetos e os significados compartilhados constituem um ambiente propício para o desenvolvimento subjetivo e social, reforçando a compreensão da brincadeira como prática estruturante na infância.

Observando o contexto da pescaria, é possível refletir sobre a relação com a natureza vivida pelas crianças em um tempo em que o rio ainda oferecia água limpa, e o bairro liberdade e segurança. Essa experiência direta com o ambiente natural fazia parte das práticas cotidianas da infância e da cultura local. No entanto, com o avanço do processo de urbanização, esse

cenário foi profundamente transformado: a poluição comprometeu a qualidade da água, e esse espaço, antes acessível e presente no repertório das brincadeiras tornou-se ambiente proibido. Como consequência, a brincadeira de pescaria só será possível no contexto do faz-de-conta, mas se perdemos a conexão com essa manifestação cultural, de onde surgirá o estímulo, a referência para que essa prática faça parte do repertório de nossas crianças? Essa transição revela não apenas mudanças ambientais, mas também transformações nas formas de brincar e nas relações sociais e afetivas com o território.

6 ENCONTRO DAS ÁGUAS – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo como ponto de partida que a constituição do sujeito é sempre fruto de um processo histórico e social, em que cada experiência vivida contribui para o que somos no presente, a forma como nos conectamos à natureza, seja pela proximidade afetiva, pela distância imposta pela urbanização ou mesmo por restrições e aversões, carrega marcas de trajetórias individuais e coletivas. Nesse horizonte, esta pesquisa reivindica a centralidade da infância ao articular o conhecimento científico com a sabedoria dos moradores do Córrego Grande, que generosamente abriram as portas e janelas de suas memórias, permitindo que suas recordações e modos de viver dialogassem com a pesquisa. Nesse caminho, a investigação concentrou-se em compreender a relação entre infância e memórias vividas por diferentes gerações no contexto de urbanização do bairro Córrego Grande.

As histórias de vida, para essa pesquisa, foram como a correnteza do rio, conduzindo-nos por muitos lugares, como os “pocinhos” narrados pelo senhor Edson (14.04.2025). No primeiro momento, encontramos o pertencer e o ser pertencido. Nascemos em contextos singulares, em famílias com culturas e valores distintos, com ou sem restrições econômicas e, no processo de construir nossa identidade, vamos nos constituindo na relação com o outro, em contextos sociais.

A escuta atenta das memórias e experiências compartilhadas pelos moradores do bairro revelou que o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de identidade, de afeto e de significados históricos e culturais. As narrativas mostraram que a infância vivida em meio à natureza e aos vínculos comunitários construiu uma relação de pertencimento que transcende a paisagem urbana transformada pelo tempo.

Nesse processo de rememoração, o território emerge como direito, como espaço de expressão da cultura e da subjetividade. É nesse ponto que o pensamento de Paulo Freire (2025) torna-se especialmente significativo, ao afirmar que “na medida em que, implicando todo este esforço de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que e com quem está, o faz descobrir ‘que o mundo é seu também’” (p. 181). Ao revisitarem sua infância, os participantes reconstróem o mundo vivido e, com ele, reconhecem-se como sujeitos históricos que pertencem, produzem e transformam “seu” território.

Decidir se identificar publicamente, não foi apenas um ato formal, mas um gesto político e afetivo de todos os entrevistados: declarar-se parte da história do bairro é, também, reivindicar presença e permanência. Assim como lembra Drummond, “ser” exige observar e elaborar a

vida com atenção e, neste sentido, cada relato registrado nesta pesquisa compõe uma tessitura em que a experiência pessoal se entrelaça à história coletiva.

O Córrego Grande, tal como emergiu nesta investigação, não é somente um bairro que passou e continua passando por mudanças estruturais; é um território vivo, constantemente atualizado pela memória e pela resistência simbólica de seus moradores. Os relatos revelam que a infância vivida em meio a engenhos, hortas, rios e uma vizinhança solidária construiu um tecido comunitário resistente, mesmo diante das transformações impostas pela urbanização. A paisagem mudou, o rio que antes se atravessava a nado, hoje não molha os pés, mas permanecem, na memória e em algumas práticas, marcas desse modo de vida. A natureza, nesses relatos, não é cenário, mas protagonista: lugar de brincadeira, sustento e pertencimento.

Ao mesmo tempo, a urbanização trouxe contradições. Se por um lado garantiu infraestrutura, serviços e novas oportunidades, por outro provocou a perda de áreas verdes, o enfraquecimento dos laços comunitários, a insegurança e o avanço da especulação imobiliária. Essa tensão entre progresso e preservação, entre o público e o privado, ecoa nas reflexões de Paulo Freire e Ailton Krenak sobre a importância de reconhecer que o mundo é nosso também e que o espaço público só se mantém vivo quando a comunidade o defende.

Foi justamente essa defesa que marcou a história recente do bairro. A atuação de associações como AMJA e AMOSC juntamente com o Conselho Comunitário mostrou que a organização popular é capaz de conquistar e preservar áreas que, de outra forma, teriam sido privatizadas. Mobilizações como a do Parque Linear e a campanha #oparqueénoosso, que garantiu a permanência do Horto Florestal como espaço público, são exemplos de como o pertencimento e a identidade territorial se traduzem em resistência concreta. Nessas ações, há uma dimensão política e afetiva: declarar-se parte da história do bairro é também reivindicar o direito de permanecer nele e de legar às futuras gerações o acesso à natureza e à memória coletiva, não por acaso o bosque das lavadeiras foi demarcado.

Esse tecido comunitário, vem sendo tensionado por mudanças expressivas, evidenciadas não apenas nas falas, mas também nos registros históricos sobre o processo de urbanização do Córrego Grande. O bairro, que durante décadas manteve características rurais e forte presença de áreas verdes, passou por um acelerado adensamento populacional e expansão imobiliária, especialmente a partir dos anos 2000. Esse movimento transformou o uso do solo, alterou o perfil socioeconômico da região e modificou profundamente as relações de vizinhança. Sendo perceptível a perda de áreas verdes, e a pressão imobiliária relatada pelos entrevistados. O processo de adensamento populacional no Córrego Grande é um elemento central para compreender as transformações vividas pelo bairro. Este crescimento impactou diretamente as

formas de convivência, o uso dos espaços e a relação da comunidade com a natureza, tensionando memórias e identidades, exigindo reorganizações diante do novo contexto urbano. Essa atualização é também um convite: pensar que preservar a natureza é preservar histórias, vínculos e saberes e que, mesmo em um cenário de urbanização intensa, a infância precisa ter espaço para o encontro com o verde, para a brincadeira livre em espaços públicos e para o convívio comunitário.

As memórias registradas nesta pesquisa revelam que a relação criança-natureza no bairro Córrego Grande se transformou profundamente ao longo das últimas décadas, acompanhando mudanças mais amplas. Entre os entrevistados do G1, a natureza era presença cotidiana e inescapável, espaço de aprendizado, trabalho e lazer. Diretamente relacionada a sobrevivência da maioria das famílias do grupo G1. O rio servia de sustento, para prover a higiene e ao lazer. Essa vivência estava menos associada ao “tempo livre” e mais ao cumprimento de responsabilidades, numa infância permeada por tarefas que integravam corpos, saberes e identidades. No G2, ainda se preservavam brincadeiras livres nas ruas e rios, mas já em meio a um cenário de urbanização crescente, no qual condomínios e novas formas de morar começavam a reconfigurar a paisagem. A pesca, banhar no rio, se meter no mato ainda fazia parte do repertório infantil. No G3, a natureza aparece majoritariamente como cenário regulado, como em praças, Horto Florestal, áreas verdes planejadas geralmente marcadas por vigilância adulta, regras e percepções de risco, especialmente em relação ao córrego, agora poluído e pouco acessível.

Essas diferenças históricas indicam não apenas uma transformação física do território, mas uma mudança na própria forma de perceber e se relacionar com o ambiente natural. Enquanto no grupo G1 a experiência com a natureza era direta, funcional e profundamente integrada à rotina, passando pela fase de transição no grupo G2, já para o G3 a geração mais recente ela tende a ser episódica, mediada por instituições ou equipamentos específicos, e frequentemente atravessada por discursos de segurança e cuidado. Ao mesmo tempo, observa-se a perda de certos saberes ecológicos como a leitura das marés, o conhecimento de plantas ou os ciclos das frutas que antes eram transmitidos oralmente e vividos na prática, substituídos por interações mais curtas e menos autônomas com o meio. Essas mudanças refletem um deslocamento de sentidos: da natureza como “condição de vida” para a natureza como “opção de lazer” ou “espaço de visitação”.

Ainda assim, em todas as gerações a infância mantém a capacidade de criar vínculos e significados no contato com o ambiente, mesmo quando este se apresenta de forma restrita ou transformada. Brincadeiras de rua, explorações no Horto, ritos de coragem ou pequenas

aventuras em áreas verdes mostram que o território continua sendo palco de descobertas, imaginação e construção de identidades. Nesse sentido, a análise intergeracional sugere que a relação criança-natureza, embora modificada pela urbanização e pela mudança de usos do espaço, preserva um potencial formador e afetivo. Reconhecer e valorizar essas experiências, articulando-as ao direito à cidade e à preservação ambiental, aparece como caminho para reconectar diferentes gerações ao território, garantindo que a natureza siga sendo elemento estruturante dos moradores.

A análise das memórias de brincadeiras e jogos infantis evidenciou que o brincar no bairro Córrego Grande está intrinsecamente ligado ao território e às transformações pelas quais ele passou. Em todas as gerações, as brincadeiras foram experiências formadoras de vínculos, identidades e percepções de mundo. No entanto, as condições e os espaços para brincar mudaram significativamente, acompanhando a urbanização, o adensamento populacional e a redefinição dos usos do espaço público.

Nos Grupos G1 e G2, o contato direto com rios, matas e ruas pouco movimentadas constituía o núcleo do brincar, favorecendo experiências espontâneas e livres em meio à natureza. Com a intensificação da urbanização, para o grupo G3, esses espaços foram gradualmente substituídos ou restritos, e a presença da natureza passou a ser mediada por equipamentos urbanos e áreas planejadas, como praças, parques e o Horto Florestal. Esse deslocamento físico do brincar reflete também transformações culturais relacionadas à segurança, ao controle dos espaços e à concepção contemporânea de infância. Nesta, a criança passa a ser vista sobretudo como alguém a ser protegido e supervisionado, mas também como sujeito inserido em novas lógicas sociais: trata-se de uma infância cada vez mais escolarizada e institucionalizada, com menos tempo livre para o brincar espontâneo; mediada pelo consumo e pela tecnologia, em brinquedos industrializados, jogos digitais e espaços pagos de lazer; e concebida como fase de vulnerabilidade, em que prevalece o controle e a restrição da circulação nos espaços públicos.

Compreender as brincadeiras e jogos infantis presentes nas memórias vividas relacionando-os ao contexto sociocultural do bairro Córrego Grande permitiu reconhecer que a relação criança-território é dinâmica e responde a fatores sociais, econômicos e ambientais. O brincar, mesmo transformado, permanece como prática de produção de pertencimento e memória, mostrando que a infância vivida no Córrego Grande, embora distintas em seus cenários e possibilidades, compartilham um mesmo fio condutor: a capacidade de criar mundos a partir dos espaços disponíveis e de inscrevê-los na história coletiva do lugar.

As memórias das brincadeiras de futebol e pescaria revelam como a infância vivida no bairro Córrego Grande esteve intrinsecamente ligada ao território, seus espaços disponíveis e suas transformações ao longo do tempo. O futebol, citado como a prática mais recorrente entre as diferentes gerações, assumiu papel de marcador cultural e de sociabilidade. Nos grupos G1 e G2, ele se desenrolava em campinhos improvisados, espalhados por diversos pontos do bairro, geralmente construídos e mantidos pelas próprias crianças e jovens. Esses espaços, longe de serem planejados, eram apropriados de acordo com a necessidade e a criatividade, permitindo encontros intergeracionais e fortalecendo vínculos comunitários. Já no grupo G3, a prática aparece de forma mais restrita, refletindo mudanças no acesso e na disponibilidade de áreas livres para o brincar.

A pescaria, por sua vez, aparece como prática que condensa de maneira singular a relação criança-natureza. Para os grupos G1 e G2, ela era vivida de forma concreta, diretamente no rio que atravessava o bairro, em águas limpas que forneciam peixes e camarões para consumo, ao mesmo tempo em que serviam de espaço de invenção e brincadeiras infantis. Essa atividade reunia saberes locais como os pontos de pesca, o reconhecimento das espécies mais comuns e modos de preparo, e também representava momentos de convívio familiar e comunitário. Nos relatos mais recentes, entretanto, a pescaria se desloca para o Horto Florestal ou para o universo do faz-de-conta, sinalizando que a degradação ambiental e o avanço da urbanização não apenas modificaram a paisagem, mas também alteraram profundamente o repertório cultural das brincadeiras.

O exemplo da pescaria com cascas de bergamota, narrado por integrantes do G1, evidencia de forma sensível a potência da imaginação infantil. Ao atribuir às cascas o papel simbólico de “peixinhos”, as crianças recriavam experiências de pesca por meio de objetos simples, demonstrando o que Vigotski (2008) aponta como a emancipação do significado em relação ao objeto concreto. Essa capacidade de ressignificar elementos do cotidiano mostra como a brincadeira é, simultaneamente, um ato criativo e uma prática culturalmente mediada, que preserva tradições e saberes.

Por fim, ainda que tenhamos nos concentrado nas brincadeiras do futebol e pescaria, os relatos indicam que o universo lúdico do bairro é mais amplo e multifacetado, envolvendo outras brincadeiras, interações e espaços que merecem atenção. Investigar essas práticas, suas continuidades e rupturas, bem como as formas de transmissão cultural entre gerações, pode contribuir para compreender não apenas a história do brincar no Córrego Grande, mas também os processos mais amplos de transformação urbana e cultural em bairros de características semelhantes. Assim, o presente trabalho se coloca como um ponto de partida, aberto a novos

olhares, interlocuções e aprofundamentos que mantenham viva a memória e a reflexão sobre a infância e seus territórios.

Dessa forma, compreender as brincadeiras e jogos infantis a partir das memórias coletadas permite não apenas registrar práticas lúdicas específicas, mas também acessar um retrato sensível das relações estabelecidas entre as crianças e seu bairro, em diferentes momentos históricos. Futebol e pescaria, com suas variações e permanências, mostram como a infância dialoga com o espaço vivido, se adapta às transformações urbanas e preserva, pela criatividade e pela memória, vínculos afetivos que constituem o patrimônio imaterial do Córrego Grande.

Ao refletir sobre as brincadeiras, os espaços e as relações estabelecidas pelas crianças, percebe-se que o brincar atravessa gerações, se reinventa e encontra novos significados conforme o tempo, a memória e o ambiente se transformam. As narrativas revelam como a infância é um espaço de experimentação, sociabilidade e vínculo com o território, ao mesmo tempo em que evidencia a negociação constante entre liberdade, cuidado e limites.

Encerramos, assim, retornando à imagem do rio. O Córrego Grande, que um dia foi fundo e volumoso, mas que hoje se estreita, é também metáfora das histórias aqui reunidas: às vezes contidas pelo concreto, às vezes desviadas, mas sempre correndo, encontrando caminhos para seguir. São essas águas, feitas de memória, luta e pertencimento, que mantêm vivo o território e apontam para futuros em que o progresso não precise significar perda, e em que ser e pertencer continuem sendo a base de uma vida coletiva mais justa e sensível.

E assim chegamos ao mar: fonte de outros olhares e inquietações, ponto de partida para novos lugares e pesquisas que possam ampliar o saber sobre criança, infância e natureza nos contextos da cidade.

A poesia a seguir nasceu de um suspiro profundo, inspiração que se revelou no processo de escrita deste capítulo. Foi guardada para este momento final, como desfecho de um percurso contínuo de pesquisa sobre infância e educação.

Lá vai o rio com destino
O tempo e o mundo a girar
No ciclo da vida a criança
Renasce em todo lugar
No ventre sagrado da terra
Nas águas da infância encontrar
Viver, morrer, renascer

Sentido, destino e lugar
A água do rio evapora
Chove longe daqui
Encontro das águas não tem hora
O tempo é agora e o porvir
Lava a cidade que encanta
Mas o rio está a chorar
Floresta coração que pulsa
E faz chover em outro lugar
Brincar é como o tempo
Atravessa sem se notar
Quem brinca congela, acelera
Ou nem sente o tempo passar
Criança que brinca aprende
A vida, o luto, o luar
Brinquedo que quebra entende
Que é hora de recomeçar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ÁVILA, Evelyne Delgado de. Operações urbanas consorciadas em Florianópolis-SC. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BAPTISTA, Pilar; FERNANDEZ, Carlos; HERNANDEZ, Roberto. (2010) Metodología de la investigación. Ciudad de México: McGraw-Hill / Interamericana Editores, S.A. De C.V

BARCELLOS, Mariana. NSC TOTAL. *Veja os bairros mais populosos de Florianópolis, segundo o IBGE*. NSC Total, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/veja-os-bairros-mais-populosos-de-florianopolis-segundo-o-ibge>. Acesso em: 11 junho de 2025.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3. reimp. da 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer / Antônio Bispo dos Santos. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

BOSI, Ecléa, 1936-2017. Memória e sociedade: Lembranças de velhos/ Ecléa Bosi. - 20ª ed. - São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

BOSI, Ecléa, 1936-2017. O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social / Ecléa Bosi. - 4. ed. - Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022.

BRASIL. Lei nº13.257, de 08 de março de 2016. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm Acesso em: 24/03/2023

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 24/03/2023

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. *Relatório sobre Estado Global do Clima soa alerta vermelho sobre impactos da mudança do clima*. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/03/relatorio-sobre-estado-global-do-clima-soa-alerta-vermelho-sobre-impactos-da-mudanca-do-clima#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20confirma%20que%202023,incremento%20da%20temperatura%20me%202023>. Acesso em: 12 set. 2024.

CAMARGO, Carlos. *Há 40 anos, Eletrosul causava ebulição em Florianópolis*. ND+, 5 ago. 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/memoria-de-florianopolis-ha-40-anos-eletrosul-causava-ebulicao-na-cidade> . Acesso em: 16 junho. 2025.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos: uma proposta de trabalho. Rio de Janeiro: Novamerica/PUC-Rio, 1999. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

CHAVES, Ana Paula N; VOGES, Magnun S. Conhecendo o Bairro Córrego Grande. Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://biogeografia.paginas.ufsc.br/files/2017/07/CartilhaCorregoGrande.pdf> Acesso em: 12/08/2022.

COHN, C. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Série Pesquisa em Educação. Vol.10. p.28. Brasília, 2005.

DELARI JUNIOR, Achiles. Questões de método em Lev Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição. In: Estação Mir - arquivos digitais, 2010. 50 p. Disponível em: www.estimir.net/delari_2020_mtd-cgn-vdd.pdf Acesso em: 24 de setembro 2024.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Em busca de metodologia investigativas com as crianças e suas culturas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.35, maio/ago. 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. Miniaurélio. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa. Trad.: Roberto Dirceu da Silva. Porto alegre: Artmed, 2009.

FLORAM – Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis. Lei Municipal nº 4.645, de 21 jun. 1995. Dispõe sobre a criação da Fundação Municipal do Meio Ambiente e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Florianópolis.

FLORIANOPOLIS, Crescimento Urbano. Sem data. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/27_08_2015_9.30.19.2d57c5303b800097ab78796419b761af.pdf Acesso em 16/09/2024.

FLORIANÓPOLIS. Lei Municipal nº 4.645, de 21 de junho de 1995. Dispõe sobre a criação da Fundação Municipal do Meio Ambiente – FLORAM e dá outras providências. *Diário Oficial do Município de Florianópolis*, Florianópolis, 21 jun. 1995. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/08_12_2013_16.41.19.a6cc2e138d26b4b0d84e855e2df7469b.pdf Acesso em: 11/06/2025.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Escola Básica Municipal João Alfredo Rohr. Projeto político-pedagógico. 2023.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. À sombra desta mangueira [recurso eletrônico]/Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. - 11.ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Recurso digital.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. Cartas a Cristina [recurso eletrônico]: reflexões sobre minha vida e minha práxis/ Paulo Freire; organização Ana Maria Araújo Freire. – 1. Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020. Recurso digital.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 90. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GATTI, Bernardete Angelina. Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GATTI, Bernardete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol28n12012.36066> Acesso em 10/09/2023.

GATTI, Bernardete Angelina. A construção da Pesquisa em educação no Brasil. Brasília: Plano Editora, (série pesquisas em Educação) v. 1, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Descrição dos setores censitários do censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro/RJ: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html> Acesso em: 14 de junho de 2025.

JOSSO, Marie-Cristine. Experiências de vida e formação/Marie-Cristine Josso. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação a edição brasileira Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. -2ª ed. São Paulo; Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. -1ª ed. São Paulo; Companhia das letras, 2022.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (orgs.). *Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LOURENÇO, Daniel Braga. Qual o valor da Natureza? Uma introdução à ética ambiental. São Paulo: Elefante, 2019.

MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Tradução de Leonardo de Deus e Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx & Engels).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa Social. Teoria, método e cientificidade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. HUCITEC, São Paulo, 2014.

MINAYO, M. C. de S. Violência e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf> Acesso em: 23/08/2025.

MUELLER, Fernanda. Qual o bairro de Florianópolis que ficou mais caro para compra de imóveis no último ano. NSC total. 13/03/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/12/14/construcao-de-condominio-de-luxo-e-suspensa-pela-justica-em-florianopolis-entenda.ghtml>. Acesso em: 20/08/2023.

MUNDURUKU, Daniel. A árvore-teia: Uma fábula sobre o tempo. 1.ed. Londrina,PR: Editora Florear Livros, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2. ed. - São Paulo: Global, 2009.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PACHECO, John; BIKEL, Diane. Construção de condomínio de luxo é suspensa pela Justiça em Florianópolis; entenda. G1 SC. 14 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/12/14/construcao-de-condominio-de-luxo-e-suspensa-pela-justica-em-florianopolis-entenda.ghtml>. Acesso em: 16/09/2024.

PERES, Lino Fernando Bragança; ABREU, Miriam Santini de; CALHEIROS, Fernando Vonsowaki. Cidade à venda: inflexão ultraliberal na produção do espaço em Florianópolis. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 25, n. 57, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/TtcyGp47LqVBTyTSy8tLxWd/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

PINO, Angel. O Social e o Cultural na obra de Vigotski. *Revista Educação e Sociedade*, 45-78. Julho/2000.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação *Psicologia USP*, vol.21, núm, 4, outubro-diciembre, 2010, pp. 741-756. Instituto de Psicologia. São Paulo, Brasil.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal. Florianópolis: Prefeitura Municipal:Secretaria Municipal de Educação, 2012. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf Acesso: 14/07/2023.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política. Disponível em <https://nau.ufsc.br/files/2016/06/O-esvaziamento-do-conceito-de-gentrificacao.pdf> Acesso em: 14/06/2024.

ROLLA, Fagner Guilherme. Ética Ambiental: principais perspectivas teóricas e a relação homem-natureza. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7668177/mod_resource/content/1/%C3%A9tica%20ambiental.pdf Acesso em: 17/09/2024.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Coleção Milton Santos; 2).

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6539553/mod_resource/content/1/8.%20Milton%20Santos%20-%20Por%20uma%20outra%20globaliza%C3%A7%C3%A3o-Record%20%282001%29.pdf Acesso em: setembro de 2024.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 10.ed.rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2008. -(coleção educação contemporânea)

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Acesso em: 11 outubro de 2023.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, Aída Maria Monteiro; TIRIBA, Léa (Orgs.). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2014. p. 47-77.

TOASSA, Gisele; REBELLO DE SOUZA, Marilene Proença. As vivências: questões de tradução, sentidos e implicações para a psicologia histórico-cultural. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 35-55, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3051/305126191010.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

TORTELLA, Tiago. Censo 2022: Boa Vista e Florianópolis têm aumento populacional superior a 20% em 12 anos. *CNN Brasil*, São Paulo, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/censo-2022-boa-vista-e-florianopolis-tem-aumento-populacional-superior-a-20-em-12-anos/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Paulo Barral de H. G. Evolução da urbanização do bairro do Córrego Grande, Florianópolis/SC entre 1938 a 2009. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil),

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94125> . Acesso em: 14 junho. 2025.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zoia Peres. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, n. 23, jun. 2008. ISSN 1808-6535. Disponível em: <https://atividart.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf> Acesso em: 8 jun. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução: Paulo Bezerra - 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Obras escogidas. Madrid: Machado Libros, 1996, v.4.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia / L. S. Vigotski; organização [e tradução] Zoia Prestes , Elizabeth Tunes ; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed-Rio de Janeiro : E-Papers, 2018.

XIMENES, Marcela. NDmais. Florianópolis é o município de SC que mais ganhou moradores, mostra IBGE. Florianópolis, 28 jun. 2023. Disponível em: https://ndmais.com.br/infraestrutura/florianopolis-tem-aumento-populacional-acima-da-media-brasileira-crescimento-demanda-solucoes/?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 11 junho de 2024.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CONVITE PARA PARTICIPAR DE PESQUISA

Prezado(a), me chamo Renata Ouriques Quint e sou estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Gostaria de lhe convidar a participar da minha pesquisa intitulada "**Confluir da infância no tempo da urbanização: Um mergulho no rio da memória**" onde busco conversar com pessoas que passaram sua infância no bairro Córrego Grande para entender a relação complexa entre a infância e o contato com natureza, e o quanto essa relação muda conforme o passar dos anos e da modernização do bairro. Se você possui mais de 18 anos e tiver interesse em participar da pesquisa, ou desejar mais informações para decidir se tem interesse de participar ou não, por gentileza entre em contato via whatsapp 48-999457968, e-mail renataquint@gmail.com ou responda essa mensagem pelo veículo no qual você recebeu.

Antes da realização da entrevista você receberá o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que conta com todas as informações que dizem respeito à sua participação na pesquisa, inclusive sobre o direito de desistir a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo à sua pessoa. A data da entrevista e o local será definido diretamente com a pesquisadora e a duração da entrevista será em torno de 1 hora.

Cordialmente, Renata Ouriques Quint, mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina do Programa de Pós Graduação em Educação, Orientadora: Dr^a Luciane Maria Schlindwein. Co-Orientadora: Dr^a Andrize Ramires Costa.

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de Entrevista Semi-estruturada

Este roteiro de entrevista semi-estruturada é elemento constituinte da pesquisa intitulada: **Confluir da infância no tempo da urbanização: Um mergulho no rio da memória**. A pesquisa está sendo realizada pela mestranda Renata Ouriques Quint, vinculada a linha de pesquisa Educação e Infância do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Luciane Maria Schlindwein e co-orientação da Professora Doutora Andrize Ramires Costa. Esta entrevista semi-estruturada será realizada nos moldes de uma conversa, consistindo em um modelo de entrevista flexível. Buscando um ambiente mais natural e dinâmico que favoreça ao entrevistado a contar sua história de vida. O roteiro busca estimular a memória dos participantes para as experiências de vida vividas na infância. Almejando dados objetivos e subjetivos, na direção dos valores, atitudes, opiniões, emoções, percepções e sentimento dos participantes.

A seguir, indicamos as perguntas da entrevista semi-estruturada revisadas após a qualificação, com as sugestões da professora Diana.

1. Introdução:

- Agradecer a confiança, o tempo compartilhado e a troca de experiências.
- Destacar a importância dos relatos e explicar que o entrevistado pode contribuir de forma significativa para a pesquisa.
- Perguntar se gostaria que fosse lido a autorização da entrevista e ressaltar que pode interrompê-la, pedir para parar um pouco ou até mesmo encerrar quando desejar. Já assinar o documento (TCLE).
- Conferir, caso tenham separados previamente fotos, objetos, brinquedos, desenhos ou outros materiais que possam enriquecer a conversa.

2. Apresentação pessoal e vínculo com o bairro

- Poderia se apresentar? Falar um pouco sobre você? (nome, idade, família, profissão).
- Você sempre morou no Córrego Grande? Se não, confirmar o período da Infância.
- Como era seu núcleo familiar? Seus pais são daqui?

3. Descrição do bairro na infância:

- Quando você era criança morava em casa ou apartamento? Onde ficava?
- Como era a sua rua? Você poderia descrevê-la? (Na relação com a proximidade de vizinhos, árvores, escola, praças, trilhas, rio, vendinha, padaria, supermercado.)
- Como era o seu bairro?
- Se frequentou e com quantos anos começou a frequentar a escola? Com quem e como ia para a escola?
- Quais espaços você frequentava quando criança? Você participava de atividades extracurriculares no seu bairro?
- Como se dava o seu deslocamento?
- Quais eram os espaços públicos de lazer para as crianças? Onde eles ficavam? Poderia descrever as características do lugar e o que você costumava fazer lá? O que era do seu interesse? Lembra de algo que lhe desagradava?

4. Primeiras memórias de infância:

- Quais são as suas primeiras lembranças de infância no bairro?
- Você tinha um lugar favorito no bairro?
- Você brincou na rua? Em quais espaços? Você se lembra de alguma característica? Quem estava com você?
- Como eram as brincadeiras? E os brinquedos?
- Você conheceu o rio quando criança? Você se lembra quando conheceu o rio?

5. Emoções e sentimentos:

- Quando criança, como você se sentia no bairro? (livre, desbravador, curioso, destemido, sentia medo. O que mais gostava ou desgostava?)
- Tem alguma lembrança relacionada a desafios, conquistas, medos ou inseguranças?
- Tinha amigos?
- O que era positivo e ou negativo na sua infância. Tem memória de cheiros, quais? E hoje?

6. Mudanças no bairro:

- Como você percebe o bairro e a cidade da sua infância e de agora?
- De que maneira essas mudanças afetaram você?

7. Comparações intergeracionais:

- Se você tem filhos: seus filhos viveram a infância no bairro?

- Como você percebe a infância deles em comparação com a sua, especialmente em relação ao bairro e à natureza?
- Se não tem filhos: como percebe a infância das crianças de hoje no bairro?

9. Complementos:

- Gostaria de falar mais sobre alguma memória que tenha surgido durante a entrevista?
- Se algo vier à mente nos próximos dias, você poderia me comunicar?

10. Indicações e anonimato:

- Você gostaria de ser reconhecido ou prefere o anonimato? Se não, gostaria de sugerir um codinome?
- Você teria algum amigo ou conhecido para indicar como entrevistado?

11. Agradecimento final:

- Agradecer novamente pelo tempo e pelas memórias compartilhadas, destacando a relevância da contribuição para a pesquisa.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, gostaríamos de convidar você a participar da pesquisa de mestrado intitulada: **“Confluir da infância no tempo da urbanização: Um mergulho no rio da memória”**. A pesquisa é desenvolvida pela pesquisadora e professora de Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis Renata Ouriques Quint, junto ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), na linha de pesquisa Educação e Infância e tem como orientadora a professora Dr^a Luciane Maria Schlindwein e Co-Orientadora: Dr^a Andrize Ramires Costa. A pesquisa tem como objetivo investigar as histórias de vida dos moradores do bairro Córrego Grande e analisar as diferentes formas de ser criança na relação com a Natureza sobre as transformações da vida impactadas por uma dita modernidade.

Você falará sobre suas memórias de infância relacionadas com a natureza no bairro Córrego Grande. Poderá mostrar registros fotográficos, objetos e desenhos daquela época caso os tenha, podendo autorizar ou não o nosso registro. A entrevista será gravada e posteriormente você receberá em documento a transcrição para a sua leitura, podendo ainda acrescentar possíveis observações e até mesmo fazer alterações para a aprovação da versão final do documento. A pesquisadora irá garantir seu livre acesso a todas as informações e registros realizados durante a pesquisa. Os dados da entrevista serão armazenados de forma segura no OneDrive de uso pessoal da pesquisadora e sua identidade será preservada, pois usaremos um pseudônimo. Somente a pesquisadora orientadora, a pesquisadora co-orientadora e a pesquisadora principal terão acesso. As gravações, transcrições e cópias de fotografias serão armazenadas por cinco anos e após esse período serão excluídas de forma permanente.

A entrevista é voluntária, e caso você aceite participar da pesquisa, iremos agendar com você a data, hora, e o local de sua escolha. Terá duração aproximada de uma hora e trinta minutos. É importante esclarecer que você pode interromper a entrevista imediatamente, desmarcar, remarcar ou até mesmo desistir de participar sem precisar justificar-se para a pesquisadora e sem nenhuma penalidade. A sua participação não é obrigatória e você pode retirar o seu consentimento a qualquer momento. Sua recusa não prejudicará seu relacionamento com a

entrevistadora nem com a Universidade. Basta comunicar pessoalmente ou entrar em contato com ela pelo telefone ou por e-mail.

Entre os possíveis riscos de colaborar com a pesquisa você poderá manifestar desconforto ao relembrar de momentos e experiências, manifestar insegurança e emoções, nesses casos a pesquisadora irá acolher, conversar para tentar tranquilizar você, como também você terá a opção de parar, remarcar ou cancelar a entrevista. Outro risco ainda que remoto é a quebra involuntária e não intencional de sigilo de privacidade.

A pesquisadora se coloca à disposição para esclarecer qualquer dúvida que surja antes, durante ou depois das entrevistas. Caso você aceite participar da pesquisa, será respeitado seu anonimato. Manteremos o sigilo e a privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa e os participantes terão direito a acompanhamento e assistência integral e imediata de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Em consequência do não cumprimento das pesquisadoras responsáveis pelos protocolos éticos e suas potenciais consequências na vida pessoal e profissional dos participantes, mediante a comprovação decorrente da pesquisa, você poderá solicitar e terá o direito ao ressarcimento de acordo com a legislação vigente conforme o que é preconizado nas Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016.

A pesquisadora, orientadora e co-orientadora farão uma análise e seleção dos registros que irão compor a parte final da pesquisa. Os resultados dessa pesquisa poderão ser apresentados em encontros, congressos, ou revistas científicas e, poderão mostrar algumas imagens e registros escritos da sua fala. Quando finalizado, o relatório final da pesquisa será encaminhado para a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis - RMEF e divulgado na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC para acesso de todas as pessoas que o desejarem.

É importante esclarecer que os procedimentos adotados nesta pesquisa, obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº466/2012 e a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, independente na tomada de decisões. Criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo com o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O endereço do CEPESH-UFSC é Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/sc, CEP 88.040-400. Contato: (48) 3721-6094, cep.propesa@contato.ufsc.br.

Esse documento será impresso em duas vias. Cada participante receberá uma via rubricada e assinada pelas pesquisadoras, cumprindo os termos da resolução 466/12 e/ou 510/2016 (item IV.5a da res. 466/12 e art. 32º da res. 510/16).

Minha orientadora, co-orientadora e eu estamos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida por meio dos seguintes contatos: Renata Ouriques Quint, e-mail: renataquint@gmail.com, cel. (48) 99945-7968. End. serv. Leonor Queiroz Teixeira, nº250 Saco dos Limões, Florianópolis, SC. CEP 88045-430; Luciane Maria Schlindwein, e-mail: lucianeschlindwein@gmail.com, end. Rua Professor Maria Flora Pausewang, 363, apto 602, CEP. 88.036-800, Florianópolis, SC; Dr^a Andrize Ramires Costa, e-mail: andrize.costa@gmail.com

Nome: _____ Data: _____

Assinaturas:

Participante Voluntário

Dr^a Luciane Maria Schlindwein
Pesquisadora Responsável
Professora Orientadora

Dr^a Andrize Ramires Costa
Pesquisadora Responsável
Co-Orientadora

Lic. Renata Ouriques Quint
Pesquisadora Responsável
Mestranda do PPGE/UFSC

Autorizo o uso de cópias de fotografias, imagens e objetos pessoais fornecidos durante a entrevista. Assinatura: _____.

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memórias de infância: uma análise sobre as transformações da vida impactadas por uma dita modernidade

Pesquisador: RENATA OURIQUES QUINT

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81151924.2.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.960.949

Apresentação do Projeto:

Resumo:

O presente projeto de pesquisa em nível de mestrado, é fruto de uma relação estreita de pensar o lugar da criança no mundo. As transformações sociais que estamos vivendo nos últimos tempos com a devastação do meio ambiente em detrimento da exploração dos recursos naturais é de impactos nunca antes vistos pela sociedade. Observa-se em nosso contexto restrito do bairro as consequências da especulação imobiliária e as perdas naturais em nome da modernidade, distanciando cada vez mais o homem da sua essência. Se a criança vem ao mundo e se desenvolve na interação com a realidade social, cultural e natural como é ser criança em um bairro que está sendo “modernizado”? Diante desta problemática surgiu este projeto, Memórias de Infância: uma análise sobre as transformações da vida impactadas por uma dita modernidade, que tem como objetivo de pesquisa, investigar as histórias de vida dos moradores do bairro Córrego Grande e analisar as diferentes formas de ser criança na relação com a Natureza sobre as transformações da vida impactadas por uma dita modernidade. Para responder ao objetivo traçado, optou-se pela abordagem qualitativa realizando um levantamento de informações acerca da contextualização histórica do processo de urbanização do bairro, análise documental e a entrevista semiestruturada como base de diálogo. A pesquisa está pautada no aporte teórico da psicologia histórico-cultural de Vigotski. Espera-se com esta pesquisa corroborar para os estudos acerca da compreensão dos direitos

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.960.949

da criança, no campo das instituições da família, de ensino e da sociedade. Conhecendo de forma mais aprofundada essa realidade, busca-se contribuir para a formulação de políticas e ações.

Introdução:

No início do ano letivo na primeira reunião pedagógica com a temperatura beirando os 35º graus, eu só pensava no intervalo do almoço e no banho de rio que iria tomar, pois desejava me refrescar. Levantei a saia, entrei no rio, água nos joelhos, molhei os braços, pescoço e os cabelos. Naquele instante me peguei pensando nas crianças, no quanto iríamos aprender juntos, vivenciar o rio, experiência nova em minha vida profissional! Voltei para a unidade feliz, revigorada, com minha criatividade aguçada neste contexto tão diferenciado. Estava com os cabelos presos, ainda pingando um pouco de água e um amigo me abordou assustado me perguntando por onde eu andava. Foi então que ele me disse, você é louca? O rio é poluído! O bairro é conhecido pelas extensas áreas de preservação, lugar de natureza exuberante que está perdendo sua identidade. Antigamente caracterizado como área rural, agora faz parte da zona urbana da cidade. Os relatos de algumas famílias do bairro a mais de duas gerações, carregam memórias de uma infância conectada com a água e com o meio ambiente, uma relação com a terra e seus recursos de subsistência, uma relação intensa entre homem e natureza. As transformações sociais que estamos vivendo nos últimos tempos com a devastação do meio ambiente em detrimento da exploração dos recursos naturais é de impactos nunca antes vistos pela sociedade, observamos em nosso contexto restrito do bairro as consequências da especulação imobiliária e as perdas naturais em nome da modernidade, distanciando cada vez mais o homem da sua essência. Nas férias de 2023, fui provocada pelo livro do expoente pensador, professor, filósofo, ambientalista e líder ativista Ailton Krenak, Em Ideias para adiar o fim do mundo ele nos pergunta, ¿Recurso Natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? A ideia de nós humanos nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (...) O que é feito de nossos rios, nossa floresta, nossas paisagens?...ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. ¿ (KRENAK, p. 23) Na Constituição Federal de 1988, consta que o meio ambiente é um direito de todos e prevê também a promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino bem como a conscientização da preservação do meio ambiente no território nacional (BRASIL, 1988). Ainda

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.950.949

que o Estatuto da Criança e do Adolescente não aborde diretamente a preservação dos bens naturais e a proteção do ecossistema como direitos a serem assegurados, na Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016, a Lei da primeira infância dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. E no artigo 5º afirma, *“Constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica.”* (BRASIL, 2016). Durante os seis anos nesta unidade educativa, passei a escutar as crianças e a observar mais esse contexto. Refletir sobre os impactos da modernidade, nas perdas e transformações do bairro através da infância, pode ajudar a mobilizar consciências para uma educação conectada com a essência da vida, com direitos e responsabilidades. Para isso, conto com o aperfeiçoamento da pesquisa, na oportunidade de trabalho que se desenha. O que nos dizem os antigos moradores do bairro Córrego Grande, de suas memórias de infância sobre a transformação da vida impactadas por uma dita modernidade?

Hipótese:

Segundo carta circular nº 110 *“SEI/2017”* *“CONEP/ SECNS/MS, referente a resolução CNS nº 510/16, Não se aplica.”*

Metodologia Proposta:

Este estudo se insere em uma abordagem de cunho qualitativo, que evidencia o acesso à experiência, valoriza as particularidades, as trocas e interações com o ambiente. Na pesquisa qualitativa os conceitos e hipóteses são desenvolvidos e refinados no decorrer da pesquisa, em um processo de complementaridade (FLICK, 2009). Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa conta com: I - Contextualização histórica do bairro Córrego Grande em seu aspecto cultural, econômico e político nos últimos 80 anos. II - Confirmação da lista de entrevistados; III- Realização das entrevistas; IV- Registro do material disponibilizado pelos entrevistados, como fotografias, objetos, vídeos, desenhos, pinturas e brinquedos de infância; V-Transcrição das entrevistas e interpretação dos dados; VI- Redação dos capítulos de análise e conclusões. A entrevista semiestruturada, está apoiada em teorias e hipóteses, dialogando com os interesses da pesquisa e oferecendo amplo campo de interrogativas, pois a medida em que se recebe as respostas do entrevistado novas hipóteses vão sendo formuladas. Desta maneira, possibilita ao informante espontaneidade, seguindo a linha do seu pensamento e lembrando de suas

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vilor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep-propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.950.949

experiências dentro do campo de pesquisa do investigador, passando a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987, p.146.) A entrevista semiestruturada ocorrerá presencialmente em um encontro de uma hora, em um local confortável para o entrevistado, definido com antecedência. Ela será gravada com um gravador de voz do celular e salvo como um arquivo digital na conta pessoal do OneDrive da pesquisadora sob um pseudônimo. Somente as pesquisadoras responsáveis pela pesquisa terão acesso ao material armazenado. A entrevista também incluirá cópias autorizadas de material disponibilizado pelos entrevistados, como fotografias, filmagens, desenhos, pinturas, objetos e brinquedos de sua infância. Os entrevistados terão acesso à transcrição de sua entrevista para aprovação final, e caso queiram, poderão acrescentar ou excluir partes do conteúdo. As gravações, transcrições e cópias de fotografias serão armazenadas por cinco anos, após os quais serão excluídas permanentemente. O encontro com os possíveis entrevistados se dará a partir de indicações de conhecidos e através da Associação de Moradores do Bairro Córrego Grande. Os convites serão realizados através de entrega presencial, por mensagem de texto via WhatsApp ou via e-mail. Após o aceite do convite, será agendado hora e local da entrevista com cada participante. O Córrego Grande foi o lugar escolhido para o desenvolvimento da pesquisa por ser um bairro de Florianópolis estritamente rural até a década de 60, mas que no processo de urbanização as chácaras e fazendas deram lugar a loteamentos e prédios. Tendo se intensificado nas últimas décadas. Por ser uma pesquisa qualitativa, se tem uma estimativa de amostra composta por 15 participantes. A amostra será composta por pessoas que viveram sua infância no bairro Córrego Grande, de ambos os sexos, faixas etárias distintas entre 18 a 90 anos; que demonstrem pertencimento ao bairro onde moram, tenham disponibilidade de tempo para participar e capacidade para expressar comunicar suas memórias. Os procedimentos éticos da pesquisa consistem na submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos - CEPESH para aprovação e todos os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Considerando os princípios éticos fundamentais que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução no466/2012 e a Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS no 510/16. Como procedimentos metodológicos, serão seguidas as seguintes etapas.

Critério de Inclusão:

Serão incluídos na pesquisa pessoas de ambos os sexos, faixa etária distintas, entre 18 à 90 anos, que viveram toda a sua infância no bairro Córrego Grande dispostas a narrar suas histórias de vida, que demonstrem pertencimento ao bairro onde moram, tenham vivido sua

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vilor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.950.949

infância integralmente no bairro, tenham disponibilidade de tempo para participar e capacidade para expressar e comunicar suas memórias.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer as histórias de vida dos moradores do bairro Córrego Grande suas memórias de infância e analisar as diferentes formas de ser criança na relação com a Natureza sobre as transformações da vida impactadas por uma dita modernidade.

Objetivo Secundário: Contextualizar historicamente o bairro Córrego Grande. Identificar e compreender as narrativas de história de vida no período da infância na relação com a natureza, dos moradores do bairro Córrego Grande. Compreender e analisar o processo de modernização do bairro Córrego Grande nas infâncias ali vividas, pela perspectiva da psicologia histórico cultural.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Como toda pesquisa que envolve seres humanos, contamos com possíveis riscos aos participantes: desconforto ou alterações de comportamento, tédio ou manifestação de cansaço, constrangimentos e ou timidez por estar sendo gravado, podendo ocorrer ainda aborrecimento ou irritabilidade. Caso ocorra algum desconforto decorrente da pesquisa, a pesquisadora assim que perceber alguma manifestação contrária ao sentimento de bem-estar, se compromete a dialogar e sanar as dúvidas que surgirem, com o compromisso e cuidado para minimizar eventuais danos, dentro dos parâmetros da ética de pesquisas com seres humanos. Ficando o entrevistado à vontade para dar uma pausa e recomeçar em seguida, cancelar ou remarcar para outro dia, até mesmo desistir de participar.

Benefícios:

Os participantes não terão nenhum favorecimento direto, pois esta pesquisa serve para produção científica. Os benefícios esperados são de ordem de conhecimento científico, que contribuirão para os estudos teórico-metodológicos voltados para a temática deste estudo. Esperamos que a pesquisa evidencie a infância na relação com a natureza estimulando os impactos da modernidade pelo processo de urbanização do bairro onde moram. Sendo assim, a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, dando o retorno a respeito da publicação desta pesquisa, aos participantes. Dessa forma, a sua participação poderá

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 6.960.949

beneficiar indiretamente as ações e relações das políticas públicas voltadas para a infância e sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto referente à dissertação de Renata Ouriques Quint do Programa de Pós-Graduação em Educação, orientada por Luciane Maria Schindwei.

Estudo nacional, unicêntrico e prospectivo.

Número de participantes: 15 pessoas de 18 a 90 anos que tenham vivido sua infância no bairro Córrego Grande em Florianópolis e serão submetidas a entrevistas semiestruturadas.

Previsão de início da coleta de dados: 01/09/2024

Previsão de fim do estudo: 01/12/2024

Previsão orçamentária: R\$ 560,00, com financiamento próprio.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendo a aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2370494.pdf | 10/07/2024 14:49:47 | | Aceito |
| Outros | CARTARESPOSTA.pdf | 10/07/2024 14:48:38 | RENATA OURIQUES QUINT | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE1.pdf | 10/07/2024 14:23:14 | RENATA OURIQUES QUINT | Aceito |
| Cronograma | cronograma.pdf | 26/06/2024 10:19:03 | RENATA OURIQUES QUINT | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaDeRosto_assinado.pdf | 26/06/2024 | RENATA OURIQUES | Aceito |

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.950.949

| | | | | |
|---|-----------------------------|------------------------|--------------------------|--------|
| Folha de Rosto | folhaDeRosto_assinado.pdf | 10:12:17 | QUINT | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetodePesquisaRenata.pdf | 24/06/2024 19:56:25 | RENATA OURIQUES QUINT | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 22 de Julho de 2024

Assinado por:
Danielle O Mamed
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-8094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

